



Emoção

leslie
kelly

Autora bestseller
de *Lento*

 HARLEQUIN

 flor
da pele

EDIÇÃO 005

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Aquela voz soava familiar. Impossivelmente familiar.

Incapaz de se conter, ela começou a dar meia-volta, se perguntando se seus ouvidos, e todos os outros sentidos, a estavam enganando. Afinal, seis anos era muito tempo, a mente era capaz de pregar peças. Quais eram as chances de trombar com ele ali? E logo hoje. Vinte e três de dezembro. Exatamente seis anos. Era realmente possível?

Um olhar, e o palpitar frenético de seu coração, e ela soube que seus ouvidos e seu cérebro estavam funcionando perfeitamente bem. Porque era ele de fato.

Ross Marshall.

– Ai, meu Deus – sussurrou ele, chocado, congelado, olhando para ela tão fixamente quanto ela para ele. – Lucy?

Ela assentiu lentamente, sem tirar os olhos de Ross, se perguntando por que os anos o haviam deixado ainda mais atraente. O sujeito era lindo. Verdadeiramente, sem sombra de dúvida, lindo de dar água na boca, cada pedacinho tão sensual quanto da primeira vez em que pusera os olhos nele.

Ross tinha sido o primeiro amante dela.

Eles haviam passado um período de festividades maravilhoso juntos. Mas depois daquele Natal, nunca mais se viram. Até agora.

Querida leitora,

Sou uma criança quando o assunto é Natal. Adoro a música e a decoração, além da parte de embrulhar os presentes... Todo o clima festivo no ar.

Há muitos anos, porém, percebi o quanto o Natal pode ser uma época difícil quando é intimamente associado a uma perda. O de 1989 foi incrivelmente doloroso para mim. E só consegui sair da tristeza para tentar aproveitar as festas porque eu tinha um bebê de 1 ano e um marido maravilhoso. Fiz o esforço por eles.

Procurei lembrar-me dessa sensação, e, com base nelas, comecei a pensar em uma história... Sobre uma mulher que tenta evitar qualquer tipo de comemoração tradicional porque simplesmente é complicado demais para ela festejar tal data depois de perder os pais que lhe proporcionaram tantos Natais felizes. Adorei inventar Lucy, a heroína de *Emoção*, que aprende a encontrar satisfação e felicidade neste dia outra vez por causa de um homem muito especial.

Espero que você goste da história de Ross e Lucy, e que sinta ao menos um pouquinho da magia natalina nas páginas a seguir.

Boa Leitura!
Leslie Kelly

_Leslie Kelly

EMOÇÃO

Tradução
_Fernanda Lizardo



2013

Capítulo Um

Atualmente

Chicago, 23 de dezembro de 2011

QUANDO LUCY Fleming recebeu a incumbência de fotografar um evento corporativo no Natal, imaginou funcionários embriagados se jogando aos pés de executivos gananciosos. Muita gemada, traseiros nus sentando-se nas copiadoras, alguém vomitando na gaveta de uma escrivaninha, sexo no armário do zelador... em suma, uma típica festa de fim de ano do trabalho, na qual as pessoas se esqueciam de que eram profissionais e bancavam adolescentes em festas de repúblicas estudantis, construindo lembranças e reputações que iriam precisar de um ano inteiro para serem esquecidas.

Ela estava errada. Completamente errada.

A Elite Construction, que a tinha contratado havia alguns dias, quando o fotógrafo cancelou sua presença, escolhera um caminho diferente e muito mais saudável. Eles optaram por um evento vespertino, uma festa familiar com todos os funcionários, clientes importantes e quem quisessem levar, incluindo os filhos pequenos. O bufê, que tinha de caviar a espetinhos de salsicha, agradava a todos os paladares. Havia presentes sob uma árvore imensa, uma bela decoração, música repleta de sininhos tilintando e muitos sorrisos. Era quase o suficiente para contagiar uma pessoa avessa ao Natal, como ela.

Ah, exceto pelo fato de ela estar trabalhando com um Papai Noel *muito* mal-humorado.

– Se eles pensam que vou ficar até mais tarde, podem esquecer. Fui pago por três horas de trabalho, nem um minuto a mais.

– Estamos quase acabando – disse ela ao sujeito fantasiado, cujo enchimento da barriga gelatinosa parecia feito em casa.

Se ao menos a natureza dele fizesse jus à sua aparência. Embora, Lucy tinha de admitir, naquele instante em especial, o mau humor dele era compreensível. Ele tivera de secar as calças sob o secador de mãos do banheiro masculino depois que um garoto ficara tão empolgado que chegara a ponto de fazer xixi nas calças. E nas calças do Papai Noel.

Sendo muito honesta, o Papai Noel não era a única fraude naquela tarde. A própria roupa dela não combinava exatamente com sua personalidade. Ela sentia-se uma idiota usando o velho traje de elfo,

uma sobra de seus tempos na faculdade. Mas as crianças adoravam. E uma criança feliz e relaxada era uma criança fácil de ser fotografada... rendendo ótimas imagens.

No fim das contas, ela poderia dizer que o evento tinha sido um enorme sucesso. Tanto para a Elite Construction, cujos funcionários deviam estar dentre os mais felizes da cidade hoje, quanto para si. Desde que retornara a Chicago, depois de sair de Nova York, há dez meses, ela estava tentando erguer seu negócio ao mesmo nível de sucesso que possuía na costa leste. As coisas estavam melhorando, muito, mas uma injeção rápida de grana por uma tarde de trabalho fácil definitivamente era de grande ajuda.

Finalmente, depois que a última criança da fila foi atendida, Lucy deu uma olhadela para o homem rechonchudo vestido de vermelho.

– Acho que é só isso. – Ela olhou para o relógio na parede. – Cinco minutos para descansar.

– Ótimo – disse ele. – Deus, como eu odeio crianças.

Lucy ficou boquiaberta; não conseguiu evitar o espanto.

– Então por que trabalhar com isso?

Ele apontou para si, para o cabelo branco, a barba cheia, a barriga imensa.

– Que outro personagem eu poderia fazer? O coelhinho na Páscoa?

Não, ao menos que ele quisesse apavorar todas as crianças do planeta fazendo-as jurarem que nunca mais consumiriam doces.

– Aposto que você é capaz de conseguir um papel na versão teatral de *O estranho mundo de Jack* – murmurou ela. Ele certamente se parecia com o bicho-papão. E era tão amigável quanto.

Lucy se voltou para as crianças remanescentes nas bordas da área construída para ser a “Oficina do Papai Noel”, completa, com neve falsa fofinha, um trono e renas de pelúcia. Quem quer que tenha sido o responsável pela decoração, havia feito um trabalho fantástico. Aquelas crianças já havia tido sua vez de sentar no colo do grandalhão, mas ainda estavam reunidas em torno do São Nicolau rabugento.

– Está na hora de o Papai Noel voltar para sua fábrica, assim ele vai poder terminar de se arrumar para seu grande passeio de trenó amanhã à noite – anunciou ela. – Papai Noel, quer dizer alguma coisa antes de ir embora?

O Papai Noel maldito fez uma careta e limpou os farelos de biscoitos de seu colo enquanto se levantava.

– Sejam bonzinhos ou não vão ganhar nada – disse às crianças, acrescentando uma risada grave numa tentativa de tirar a ferroada de suas palavras. Sua cordialidade fingida certamente enganou a todos com menos de 10 anos, mas certamente a nenhum dos adultos. Caminhando tropegamente pela multidão em direção ao elevador, ele não parou para fazer um carinho na cabeça de nenhuma criança, ou para fazer uma cosquinha no queixo.

Babaca.

Por sua vez, Lucy considerava os pequeninos, com suas roupas de festas e sapatos de verniz, irresistíveis. Doces, alegres, tão cheios de vida, risadas e empolgação. Havia um garotinho tão fotogênico que poderia ser capa de uma revista, e ela estava morrendo de vontade de conversar com os pais dele formalmente a respeito.

Você percorreu um longo caminho, querida.

Um caminho muito longo. E pensar que certa vez ela jurara que nunca iria tirar uma foto de um Papai Noel, comparando o retrato de uma criança a um dos círculos do inferno de Dante.

Quando começara a estabelecer suas bases na fotografia para construir seu futuro, ela tivera uma discussão com o irmão sobre ir embora de Chicago e ir estudar na Universidade de Nova York. Então eles discutiram mais uma vez quando ela resolvera ir dali para a Europa, insistindo que não queria tirar fotos do primeiro corte de cabelo de bebês, sonhando com a alta-costura em vez disso. Modelos, viagens, locações exóticas e capaz para a *Vogue* francesa.

Ela fizera tudo isso. Bem, exceto pela capa de revista, embora uma de suas fotos tenha ido parar em uma edição da Fashion Week.

No entanto, quando tudo estava dito e feito, ela terminou encontrando seu nicho, seu talento e sua satisfação interior de volta ao velho e bom Estados Unidos da América, trabalhando com crianças. Era, nesse ramo, sua reivindicação à fama. Honestamente, ela era muito boa no que fazia. Construíra um nome em Nova York, sendo que sua marca registrada era o uso de um único objeto colorido em fotos em preto e branco. Um brinquedo, um pedaço de doce, uma blusa ou bandana... algo de cor viva e atrevida, que chamava atenção. Exatamente como as fotografias dela faziam.

Agora ela precisava angariar o mesmo nível profissional em Chicago, a qual ainda era sua cidade natal, apesar de ter passado tantos anos longe. Não, ela nunca havia se imaginado mudando-se de volta para lá, mas quando seu irmão Sam passou por um divórcio complicado e se viu tão solitário, ela concluiu que a família vinha antes de qualquer coisa. Lucy era tudo que ele tinha, e vice-versa. Então ela voltou.

Isso é que é mudança de planos. Quem teria imaginado? Certamente não Lucy. Nem sua melhor amiga da época da faculdade, Kate, que ainda ria tanto da mudança na carreira quanto na moradia. Kate se lembrava da postura casa-e-filhos-são-entediantes dos velhos tempos.

Kate. Ela precisava dar uma ligada para a amiga. Lucy não a via desde que tinha se mudado, embora ela e Kate mantivessem contato com telefonemas frequentes. Os dois filhos de Kate foram os verdadeiros responsáveis por abrir sua mente para as possibilidades maravilhosas entre rostinhos, mãozinhas e sorrisos, e ela queria ter certeza de que os presentes de Natal deles tinham chegado a tempo.

Aqueles presentes, e trabalhar naquela festa usando a fantasia ridícula, somavam a quantidade total de atividades natalinas dela naquele ano. Seu irmão precisaria trabalhar durante todo o fim de semana, afinal policiais não aproveitavam os feriados do mesmo jeito que os civis. E embora ela estivesse de volta ao subúrbio de Chicago onde havia crescido, não tinha mais amigos íntimos que pudessem convidá-la para as festividades.

Não que ela fosse comparecer. Lucy evitava o Natal como uma praga, e o fizera por anos. Em breve ela começaria a fingir que aquela festa não estava acontecendo.

A maioria das pessoas provavelmente consideraria isto patético; Lucy considerava um alívio. Principalmente depois de o homem do tempo informar que uma tempestade à altura daquela enfrentada por Rudolph, a rena do nariz vermelho, estava a caminho. Provavelmente duraria a noite inteira e deixaria a cidade parada por causa de alguns bons centímetros de neve na manhã de Natal. Parecia um período ótimo para ficar trancada em seu apartamento quente, com o Kindle e um monte de chocolate e vinho. Ou chocolate de vinho, seu mais novo vício.

Espiando o céu acinzentado através das imensas janelas, ela começou a guardar seu equipamento. A festa estava acabando, havia apenas uma dúzia de pessoas naquele andar, que fora transformado de área repleta de cubículos e salas de reuniões para um terreno festivo divertido. Ela sorriu para as

pessoas mais próximas, e então, notando os olhares para seu chapéu bobo, gesticulou para retirá-lo da cabeça.

Antes que pudesse fazê-lo, no entanto, ouviu uma voz. Uma voz masculina grave... suave e sexy, e bem diferente da do Papai Noel.

– Eu soube que você fez um ótimo trabalho.

Lucy não respondeu, deixando que seu cérebro processasse o que estava ouvindo. Seu corpo inteiro enrijecera, os pelinhos na nuca se eriçaram, a pele ficou arrepiada. Porque aquela voz soava familiar. Impossivelmente familiar.

Não pode ser.

– Parece que as crianças se divertiram muito.

Incapaz de se conter, ela começou a dar meia-volta, se perguntando se seus ouvidos, e todos os outros sentidos, a estavam enganando. Afinal, seis anos era muito tempo, a mente era capaz de pregar peças. Quais eram as chances de trombar com *ele* ali? E logo hoje. Vinte e três de dezembro. *Exatamente seis anos.* Era realmente possível?

Um olhar, e o palpitar frenético de seu coração, e ela soube que seus ouvidos e seu cérebro estavam funcionando perfeitamente bem. Porque era *ele* de fato. Ross Marshall.

– Ai, meu Deus – sussurrou ele, chocado, congelado, olhando para ela tão fixamente quanto ela para ele. – Lucy?

Ela assentiu lentamente, sem tirar os olhos de Ross, se perguntando por que os anos o haviam deixado ainda mais atraente. Não parecia justo, ou lícito. Não quando havia passado os últimos seis anos pensando que ele já devia ter começado a perder os fios daquele denso cabelo castanho-dourado, ou ter ganhado um pneuzinho sobressalente naquelas formas belas e musculosas, ou perdido um pouco do brilho daqueles olhos verdes.

Aham.

O sujeito era lindo. Verdadeiramente, sem sombra de dúvida, lindo de dar água na boca, cada pedacinho tão sensual quando da primeira vez que ela pusera os olhos nele. Mas Ross não era mais aquele rapaz jovem, esguio e ávido. Agora era um homem completamente realizado, poderoso, forte e devastadoramente atraente.

Ela estava com 22 anos quando eles se conheceram, ele era dois anos mais velho do que ela. E durante o breve tempo que passaram juntos, Ross destruíra completamente todas as noções pré-concebidas sobre quem ela era, sobre o que queria e sobre o que faria quando o sujeito certo aparecesse.

Ele tinha sido o primeiro amante dela.

Eles haviam passado um período de festividades maravilhoso juntos. Mas depois daquele Natal, nunca mais se viram novamente. Até agora.

Bem, isso não é terrível?

– Olá, Ross – murmurou Lucy, se perguntando quando sua vida havia se transformado em um filme de comédia. Porque não era sempre assim que tais filmes começavam? A heroína destemida e azarada no amor ficando cara a cara com o único homem que ela nunca fora capaz de esquecer enquanto estava vestida com uma fantasia ridícula? Parecia diretamente saída de uma turma iniciante de uma agência de atores estereotipados... o que mais ela poderia estar vestindo senão vestido verde curto com sininhos e azevinhos na gola, meia-calça listrada de vermelho e branco, sapatos pontudos e o chapéu verde amalucado com plumas? A única coisa que poderia tornar a cena mais perfeita seria se ela estivesse no

colo do Papai Noel ranzinza, tentando se livrar das mãos bobas dele, e então o herói viria para resgatá-la.

Ele resgatou você uma vez. Foi um grande momento.

O coração dela deu uma cambalhota, como sempre fazia quando ela pensava no assunto... O jeito como Ross a salvara no que poderia ter sido um momento horrível. E independentemente do que ocorrera depois, e por mais que ela se ressentisse dele agora, nunca a faria se esquecer de que ele estivera lá para impedir que ela fosse machucada.

Mas isso tinha sido há muito tempo. Lucy não era mais aquela garota e não precisava mais de um homem para salvá-la.

– É você mesmo – murmurou ele.

– Em carne e osso.

– Não consigo acreditar.

– Então somos dois – admitiu ela.

Os cérebro dela se atrapalhava em busca de mais palavras, para organizar pensamentos e frases. Mas ela simplesmente não conseguia. Se tivesse acordado naquela manhã e tivesse encontrado sua cama flutuando no céu, erguida por um imenso balão de hélio, não teria ficado mais surpresa do que estava agora.

Ou mais perturbada.

Porque não era esperado que ela fosse vê-lo outra vez. Ela não deveria se importar mais. Não deveria nem mesmo pensar em ser magoada por ele outra vez.

Ela já havia passado por isso uma vez, e exatamente nessa mesma época do ano. De jeito nenhum que estava pronta para um repeteco.

Ela sabia de tudo isso, sabia do fundo de sua alma. Então por que, ai, por que, seu coração estava cantarolando? Era uma expressão maluca, mas a pura verdade. Havia música na cabeça dela e brilho nos seus olhos, e um sorriso lutava para emergir em seus lábios.

Porque era Ross. O sujeito que ela havia conhecido *exatamente* seis anos atrás. O homem por quem ela se apaixonara perdidamente.

Na época do Natal.

Capítulo Dois

Antes

Nova York, 23 de dezembro de 2005

HUM. DECISÕES, decisões.

Lucy honestamente não tinha certeza sobre qual seria a melhor ferramenta para o trabalho. Afinal, não era todo dia que ela encarava um projeto de tal magnitude. Como estudante de fotografia na Universidade de Nova York, ela normalmente passava mais tempo se preocupando em criar coisas em vez de desmembrá-las.

Uma faca grande? Não, ela podia não conseguir o ângulo certo e acabaria se cortando.

Tesoura? Provavelmente não era forte o suficiente para cortar *aquilo*.

Lâmina? Ela duvidava que seu depilador Vênus desse conta da tarefa, e não fazia ideia de como conseguir uma daquelas lâminas antiquadas de cortes reto se não fosse roubando de um barbeiro.

Uma motosserra ou um machado?

Provavelmente um exagero que daria em morte. E matar não era o objetivo.

Afinal, ela não queria matar Jude Zacharias. Só queria separá-lo de seu pedaço favorito de sua anatomia traidora. Ou seja: o pedaço que ele utilizara para traí-la.

Lucy nem mesmo percebeu que estivera pensando alto. Não até sua melhor amiga, Kate, que estava sentada diante dela em uma cafeteria e livraria da moda em Manhattan, intervir:

– Você não vai cortar o pênis dele, então pare de fantasiar a respeito.

Ninguém engasgou perante as palavras de Kate, então obviamente ela não fora ouvida pelas pessoas ao redor. Não era surpreendente; elas estavam enfiadas em um cantinho nos fundos da cafeteria. Além disso, a Beans & Books estava apinhada de compradores em frenesi devido à percepção de que só tinha um dia e meio de compras antes do Natal. Cada pessoa ali estava escutando apenas a contagem regressiva para a festa tiquetaqueando na própria cabeça.

– E *você*, já parou de fantasiar sobre fazer sexo com Freddie Prinze Jr. e Jake Gyllenhaal ao mesmo tempo? – apontou ela.

– Ei, *isso* pode realmente acontecer um dia – disse Kate com sorriso. – Pelo menos é possível. Ao contrário da possibilidade de você, Miss Simpatia, realmente dar uma de Lorena Bobbitt nas fuças de um cara, mesmo que ele mereça totalmente.

Na verdade não eram bem com as fuças de Jude que Lucy queria... dar uma de Lorena Bobbitt. Ela sabia, no entanto, que Kate estava certa. Lucy não era o tipo violento, exceto em suas fantasias. Ela podia até se divertir encenando um joguinho, mas sabia que aquilo não iria render nada.

– Posso pelo menos sofrer e fazer planos durante uma hora?

– Claro. Mas deveríamos fazer isso bebendo cerveja ou tequila em um bar. Café em uma loja lotada simplesmente não combina com sofrimentos e planos de vingança.

Verdade. Principalmente agora, que aquele lugar não era mais o mesmo local silencioso e aconchegante que ela adorava frequentar desde que se mudara para Nova York há três anos e meio. Aquele já havia sido seu lugar favorito para encontrar os amigos, fazer trabalhos da faculdade ou simplesmente aproveitar o silêncio em meio ao perfume de grãos de café arábico recém-moídos.

Desde uma reforma recente, no entanto, o lugar se transformou de uma cafeteria bonitinha e pouco visitada para um local ensandecido, um ímã de cartões de créditos repleto de livros superfaturados, calendários e artigos de papelaria. Os moradores da cidade mestres na arte da multitarefa foram atraídos para o lugar a fim de matar dois coelhos com uma cajadada só. Ali poderia comprar um presente de última hora para a tia-avó Susie – um livro de enfeitar mesinhas de centro ridiculamente caro chamado *A vida particular dos gnomos de jardim*, talvez – enquanto aguardavam por seu latte light batido de baunilha com chá de romã.

O Natal havia sido reduzido a oportunismo, breguice e bebidas da moda. Felizmente, para ela, Lucy havia abandonado a festividade há alguns anos, sem intenção de retornar.

– Encare a realidade, amiga, a vingança não faz seu estilo. Você é tão violenta quanto um Smurf – Kate sorriu. – Ou quanto os elfos do Papai Noel.

– Não tem graça – disse Lucy revirando os olhos. – Não tem graça *nenhuma*.

A amiga sabia o quanto ela odiava a fantasia boba que tinha de usar em seu “estágio” com um fotógrafo local. Estágio? Ha. Ela ficava ridiculamente vestida como um elfo de Natal *não remunerado*, limpando a baba dos queixos das crianças enquanto estas ficavam sentadas no colo do Papai Noel. O que poderia haver de mais triste para alguém que sonhava em se tornar uma fotógrafa séria? Alguém que estaria indo embora para estudar em Paris no mês seguinte, e que esperava morar lá definitivamente depois da formatura? Alguém que planejava passar os próximos anos fotografando pela Europa, uma foto por vez?

Aquela garota não deveria se importar com Jude. Aquela garota *não* se importava com Jude.

Mas, naquele momento, Lucy não se sentia como aquela garota. Apesar de todas as fantasias violentas, o que *esta* garota sentia agora era mágoa.

– Você sabe, em nenhum grau, ainda não consigo descobrir por que saí com ele, para começar. – Ela engoliu em seco, com força. – Eu já devia saber.

O sorriso de Kate desapareceu e ela esticou o braço para apertar a mão de Lucy. Kate tinha sido testemunha daquele que fora o momento mais humilhante da vida de Lucy. O dito momento foi quando Lucy entrou no apartamento do namorado, Jude, para arrumar uma enorme festa surpresa de aniversário, que estaria marcada para esta noite.

Surpresa! Seu namorado é um idiota mentiroso e traidor!

Jude já havia dado início à sua comemoração de aniversário. Diferentemente de sua alegação de que iria “dar uma passadinha” na casa da família para celebrar, Jude aparentemente resolvera permanecer na cidade e “dar uma passadinha” nas partes íntimas da vizinha.

Pelo menos era quem Lucy pensava ser a garota ajoelhada em frente ao sofá com Jude Johnson em sua boca quando ela e Kate entraram no apartamento. Lucy não tinha muita certeza. Elas só viram a parte de trás da cabeça da mulher de traseiro desnudo... ah, traseiro e, hum, o restante das regiões ali embaixo desnudas. *Eca, eca, eca*. Ela ainda estava lutando contra a ânsia de enfiar dois palitinhos de misturar café nos olhos para arrancar a imagem gravada em suas retinas. Se um dia já tivesse havido qualquer dúvida sobre a própria heterossexualidade, a reação de Lucy àquela visão teria dado fim a ela completamente.

– Talvez eu devesse pedir ao Teddy para dar uma surra nele.

Teddy, o namorado de Kate, era tão largo quanto uma mesa, e poderia partir Jude como um graveto. Só havia um probleminha:

– Ele é mais pacifista do que eu – disse Lucy com um sorriso, sabendo que na verdade Kate só queria fazê-la rir. Teddy era o sujeito mais gentil do planeta. – Além disso, nós duas sabemos que Jude não vale esse esforço.

– Não, não vale. – Então Kate sorriu. – Mas fico contente porque você ainda conseguiu dar umas boas espetadas nele. Ainda não acredito que você perguntou a ele se a loja estava sem pirulitos de aniversário e se era por isso que ele tinha buscado outra coisa para ser chupada.

Essa, Lucy tinha de admitir, havia sido uma tirada muito boa. Essa era uma ocorrência rara; o tipo de tiradinha na qual ela normalmente teria pensado horas depois, quando estivesse revivendo a experiência terrível em sua mente. Embora, nesse caso, já que ela estava sentindo-se mais triste agora do que qualquer outra coisa, ela poderia muito bem se imaginar perguntando a Jude por que ele fora tão mentiroso.

Se ele tivesse dito a ela que não estava funcionando e que ele queria sair com outras pessoas, será que ela teria ficado arrasada?

Não. Um pouco decepcionada, provavelmente, mas não devastada.

Mas ser traída... e superar o fato? *Isso machucava.*

– É claro, eu não teria sido capaz de dizer o mesmo. Estaria ocupada arrancando os apliques da cabeça daquela vadia – acrescentou Kate.

– Ela não me traiu, Jude traiu. – Então, curiosa, Lucy perguntou: – Como você sabe que eram apliques?

– Querida, aquele carpete não combinava *nada* com aquelas cortinas.

Embora uma gargalhada tenha saído de sua boca, Lucy também gemeu e jogou uma das mãos sobre os olhos, desejando um colírio de água sanitária.

– Nem me lembre!

Engraçado o fato de ela realmente conseguir rir do assunto. Talvez aquilo dissesse muito a respeito de seus verdadeiros sentimentos por Jude. Aquela sessão de queixas-de-namorada não tinha exatamente a ver com o coração partido de Lucy, mas com a frustração de suas expectativas.

Ela realmente queria que Jude fosse um sujeito legal. Um cara bom.

Encare, você só queria alguém na sua vida.

Talvez isso fosse verdade. Ver Kate, a ex-devoradora de homens, tão feliz era inspirador. Porém o noivado recente de seu irmão Sam também a afetara. A pequena formação familiar dela, que fora

tornada ainda mais diminuta depois que ambos foram deixados a sós no mundo após as mortes dos pais, iria mudar. Sam havia encontrado alguém, estava formando uma nova família, uma que ela sempre receberia bem, mas da qual não faria parte essencialmente.

Ela desejava algo assim também. Ou pelo menos a possibilidade de ter algo parecido. Talvez lá no fundo ela simplesmente não quisesse carregar sua virgindade consigo pela Europa, e tivesse esperado finalmente ter encontrado o sujeito que iria realmente a inspirar a resolver esse assunto.

Sim, provavelmente esse fora o motivo pelo qual ela baixara a guarda e se deixara envolver com Jude, mesmo sabendo que ele não era o sujeito certo a longo prazo. Para ser totalmente honesta, ela sabia que estava mais triste pela ideia de perder o namorado, do que por perder o sujeito em si. Isso sem mencionar o fato de continuar a carregar o manto da virgindade em volta do pescoço.

– Bem, pelo menos você não dormiu com ele! – disse Kate, que havia tido mais amantes do que Lucy tivera aniversários.

– Um brinde a isso – respondeu bebericando o café, falando sério. Porque estar presa a um hímen era melhor do que o perder para alguém tão podre.

Algo dentro dela deve ter reconhecido essa característica nele, fazendo-a se conter. Lá no fundo, ela sempre soube que havia algo de errado naquele relacionamento, mesmo com Jude tendo se desdobrado para fazer parecer certo.

Talvez Lucy realmente fosse a virgem mais velha de Nova York, tendo se mantido assim durante o colegial por causa da reputação de durão de seu irmão, e ao longo da faculdade devido à própria veia romântica enraizada. Qualquer que fosse o motivo, ela esperara durante todo esse tempo. Então, ela não chegara a ponto de pular na cama com Jude só porque ele dissera gostar de sua fotografia e porque abria a porta para ela quando saíam, ao contrário da maioria dos caras da faculdade que ela conhecia.

Que bom. Porque tudo tinha sido uma farsa. O sujeito legal, paciente e gentil não existia. Jude vestira o personagem do mesmo jeito que alguém vestia uma fantasia de Dia das Bruxas, deslizando para dentro dela para ser o homem que Lucy desejava, e então a retirando, juntamente ao restante de suas roupas, quando ela não estava por perto. Ele não deveria estar estudando para ser advogado, um ator seria muito mais adequado. Deus, ela poderia ter sido mais ingênua?

Talvez Sam estivesse certo. Talvez ela não tivesse nada que caçar viver sozinha em Nova York, ou pior, ir para a Europa. Talvez ela fosse uma ovelha no meio de lobos. Devia ter simplesmente ficado no subúrbio de Chicago onde haviam crescido, ter feito um curso técnico, ter feito seus retratinhos de primeira comunhão como era costume local, casando-se com um sujeito bom da cidade e ter colocado mãos à obra para produzir priminhos para os futuros filhos de Sam. Pelo menos assim ela não estaria sentada ali, toda triste por ter sido traída por alguém que tinha esperado ser seu Príncipe Encantado.

– Está mais para Rei Malvado – murmurou ela.

– Hein?!

– Nada. Só estou pensando no Jude.

Kate assentiu, franziu a testa e murmurou:

– Por que a maioria dos homens são babacas? Menos o Teddy, claro.

– Seu palpite é tão bom quanto o meu.

– Deve ter homens decentes por aí, certo?

– Sam é um deles – admitiu Lucy. – E meu pai com certeza era.

– O meu também é. – Kate enrugou a testa, pensativa. – Seu pai era gerente de uma concessionária de carros, não era?

– Sim.

– E seu irmão Sam é policial. Meu pai trabalha em vendas, e Teddy é caminhoneiro. Hum.

– O que quer dizer?

Kate batia a pontinha do dedo sobre a boca.

– A maioria dos caras com quem você saiu eram como o Jude. Ricos, futuros advogados, políticos, médicos... E babacas, todos, sem exceção.

Lucy assentiu, reconhecendo o ponto de vista.

– E esses eram os tipos que eu namorava antes de conhecer Teddy.

Ela começou a compreender.

– Ahhh.

– Então talvez você precise procurar por um sujeito simples, que trabalha duro para ganhar a vida, que não teve tudo na mão.

Aquilo soava ideal. Infelizmente Lucy não conseguia se lembrar da última vez que conheceram alguém assim. Esse tipo de sujeito com certeza não parecia existir no campus da Universidade de Nova York.

– Um sujeito tão sensual que faça você grudar na cadeira quando vir os músculos dele sob o suéter enquanto ele trabalha – disse Kate, soando perdida em seus pensamentos. Ela estava olhando além de Lucy, como se visualizando esse pedaço de mau caminho do proletariado. – Alguém que saiba como usar as mãos, e que tenha autoconfiança suficiente para não precisar se exhibir diante de uma mulher.

Desacostumada a ver Kate sendo tão minuciosa em suas descrições, mas definitivamente gostando da descrição, Lucy apenas concordou.

– Alguém como *ele*.

Dessa vez, o olhar de Kate apontou e ficou especulativo. Surpresa, Lucy se virou rapidamente para olhar por sobre o ombro, em direção à esquina na frente da loja, e viu o *ele* em questão.

E, ai, uau, e que *ele!*

Ele era jovem, 20 e poucos anos, provavelmente, assim como ela. Mas não se assemelhava muito aos caras com quem ela interagia diariamente na faculdade. Usava um par de jeans gastos, posicionados mais embaixo nos quadris muito estreitos. E o cós da calça ficava mais baixo ainda por causa do cinto que ele usava, pesado por causa de diversas ferramentas. Martelos poderosos, chaves de fenda longas, brocas de aço. Tudo duro. Forte. Rígido.

Tire sua mente do cinto de ferramentas dele.

Ela o fez, sacudindo a cabeça brevemente para voltar a atenção para outra direção. Claro, não havia outra direção para a qual se ir... ele era sensual de todos os ângulos.

Então ela ficou olhando para aquilo. Errr... para ele.

Lucy ergueu o olhar, absorvendo todo o pacote alto, esbelto e poderoso. Embora usasse as ferramentas do ofício, não tinha o biótipo de um trabalhador musculoso de construção. Era forte, sim, mas com uma beleza jovial. Um Hugh Jackman como o do filme *Kate & Leopold*, e não como em *Wolverine*.

Delícia.

O corpo inteiro dele relatava histórias de trabalho duro. Um conjunto impressionante de músculos abomináveis visivelmente ondulados sob a camisa tingida pelo suor. O peito largo e braços densamente musculosos se movimentando com uma precisão quase poética enquanto ele terminava de instalar uma estante nova nos fundos da livraria.

Ele ergueu um braço e limpou um lustro de suor na testa, gesto que só serviu para enfatizar a beleza do rosto dele, visto apenas de perfil. Ele possuía um queixo marcante e quadrado, um nariz reto. Maços do rosto proeminentes destacavam as cavidades com uma leve barba por fazer logo abaixo, conferindo ao rosto magro dele um ar de juventude e poder.

O cabelo castanho-claro era razoavelmente longo, um pouco desgrenhado, e ele os afastou da testa com a mão impaciente. Ver aquelas mãos fortes em movimento fez Lucy soltar um suspiro longo e lento, e quando ele se virou e ela viu a parte de trás, precisou suspirar novamente. Ai, nossa, o sujeito sabia mesmo como preencher um jeans.

Aparentemente ela não era a única mulher que havia notado. O que ela havia tomado como distração de fregueses mais cedo agora notava ser na verdade o apreço feminino pela bela demonstração de poder cru e masculino na esquina. Todas as outras mulheres do lugar ou estavam espiando discretamente ou claramente boquiabertas.

Ela estava boquiaberta. Não tinha como espiar sorrateiramente.

Finalmente percebendo que estava literalmente virada na cadeira para encarar, e provavelmente tinha baba escorrendo pelo queixo, Lucy girou de volta para encarar Kate. A amiga ostentava uma expressão similar.

– Uau – admitiu.

– Uau vezes dois. Se eu não amasse Teddy, estaria ali me oferecendo para cuidar da *ferramenta* dele.

Lucy não conseguia evitar ser maliciosa quando estava perto de Kate.

– Aposto que precisa de lubrificante.

– Isso aí, garota!

– Mas acho que você teria de entrar na fila.

– Com você? – perguntou Kate, os olhos brilhando.

Lucy balançou a cabeça.

– Acho que não. Traída e de coração partido uma hora atrás, lembra-se?

– Bem, traída, de qualquer forma – disse Kate, perspicaz como sempre.

– Touché – admitiu Lucy, nem um pouco surpresa ao perceber que já estava se sentindo melhor. O que parecera um coração partido uma hora e meia atrás se sucedera para uma câibra no coração. Agora mal era uma pontadinha.

Kate olhou para a própria xícara vazia e então para Lucy.

– Mais um café?

– Claro.

– Saquei – disse a outra, pegando sua bolsa. Ela se levantou e foi até o balcão perto da entrada da loja.

Lucy suspirou profundamente, então se obrigou a parar de pensar em Jude. Era hora de esquecê-lo. Ele não era amante dela, mal tinha sido um namorado que passara a mão no traseiro dela apenas uma vez no período de três meses. Absolutamente esquecível.

Além do mais, havia outras coisas com as quais se preocupar. Como o Natal, por exemplo, que seria apenas dali a dois dias. E o fato de que ela iria passá-lo sozinha.

A culpa é sua mesmo. Ela havia escolhido assim. Kate ia sair com Teddy esta noite, então o apartamento ficaria vazio. Mas Sam implorara a ela que retornasse a Chicago para celebrar o Natal com a família da noiva dele. Lucy se recusara, alegando que tinha muito trabalho a fazer durante o feriado.

A verdade era que ela não conseguia encarar um enorme Natal em família. A última festa tradicional que tivera tinha sido uma semana antes de seus pais terem sido roubados de sua vida por um idiota estúpido que resolvera comemorar uma promoção no trabalho bebendo algumas doses, e então resolvendo dirigir depois.

Há cinco anos, eram só ela e Sam, e cada Natal era cada vez menos tradicional em relação ao ano anterior. Há um ano, eles foram para o México, ficando esparramados na praia, ignorando toda a alegria ao redor enquanto bebiam rum e ouviam batuques.

Embora Sam estivesse pronto para voltar a mergulhar no espírito natalino com sua noiva, de algum modo simplesmente não conseguia encarar aquilo ainda. Sinceramente, ela não tinha nem certeza se um dia conseguiria. O Natal fora seu feriado favorito um dia; parecia quase um sacrilégio aproveitá-lo sem as duas pessoas que o tornaram tão especial durante os primeiros 17 anos de sua vida.

Agora havia mais um item a ser inserido na sua lista “por que eu ignoro o Natal”: ela havia sido traída, às vésperas do feriado. O anjo no topo da árvores de Natal de Jude havia sido testemunha da presença da vadia com extensões no cabelo que ficava por aí fazendo sexo oral no pênis de outras garotas. Err, no pênis dos namorados de outras garotas.

– Essa festa é muito supervalorizada – disse ela a si. – Melhor simplesmente a esquecer.

Isso sem mencionar outras coisinhas. Como amor. Romance.

E homens.

– COM LICENÇA, senhor, posso pedir um favor?

Ross Marshall ouviu a voz de uma jovem, mas como não sabia se ela estava falando com ele, não se deu ao trabalho de virar. Em vez disso, permaneceu concentrado em dar os toques finais à estante sob medida que deveria instalar hoje. Felizmente, apesar de suas preocupações com as paredes desgastadas daquele velho prédio de Nova York, todas as estantes que havia construído para a Beans & Books se encaixaram lindamente. Incluindo esta última.

– Senhor?

Embora curioso, afinal a voz soava um pouco insistente, mais uma vez ele a ignorou. Tentava evitar os clientes e normalmente não trabalhava até tarde da noite, quando a loja estava fechada. O proprietário realmente desejava que o último conjunto fosse instalado hoje, no entanto queria ter mais estantes para atrair aqueles compradores malucos da véspera do Natal que estariam lotando os corredores esta noite. Então concordou em aparecer logo depois do horário frenético de almoço, porém antes da hora do rush, às 17h.

Ele também chegou bem a tempo de escutar os barões bebendo café forte enquanto faziam acordos de dominação mundial via Bluetooth. Ah, e suas esposas-troféu dando uma passadinha entre as reuniões da liga de futebol infantil e as aberturas de exposições de museus para pegar um cappuccino sem gordura com leite de soja e polvilhado com alfarroba.

Manhattan era como um planeta diferente. Ele preferia Chicago, o lugar que havia chamado de lar durante os primeiros 23 de seus 24 anos. Era quase tão grande quanto e duas vezes menos pretenciosa.

– Alôôô?

Finalmente percebendo que a mulher poderia realmente estar falando com ele, coisa que sequer havia imaginado considerando que em Nova York ninguém chamava marceneiros de “senhor”, ele se

virou. A jovem *estava* falando com ele... ela encarando-o, os olhos semicerrados, as bochechas sardentas coradas e a boca franzida.

– Desculpe, não percebi que você estava falando comigo. – Ele lhe ofereceu um sorriso. – Não estou acostumado a ser chamado de senhor.

A loura relaxou.

– Ah, sim. Desculpe. Eu, ouça, posso te pedir um grande favor?

Ele enrijeceu um bocadinho. Podia não estar acostumado a ser chamado de senhor por ali, mas vinha recebendo muitos convites sugestivos ultimamente.

– Sim?

– Está vendo minha amiga ali naquela mesa lá no canto?

Ross olhou para o local, vendo as costas de uma mulher sentada em um canto sombrio do lugar. Então olhou outra vez, interessado, apesar da própria apresentação, nos cabelos castanhos densos que caíam em ondas soltas pelo meio das costas. Ela se destacava em relação a todas as mulheres do local, pois a maioria delas usava um coque ou escova mais conservadores, típicos das executivas de Nova York. As mãos de Ross começaram a formigar, como se em expectativa para saber como seria mergulhar os dedos naquelas mechas sedosas.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

– O que tem ela?

– Ela é minha melhor amiga... Nós duas somos estudantes. Bem, ela precisa de ajuda em um projeto no qual está trabalhando. Estávamos sentadas aqui conversando sobre isso e tentando descobrir qual ferramenta seria melhor. – Ela deu de ombros. – Mas não temos nenhuma noção sobre esse tipo de coisa. Você acha que poderia ir até lá e oferecer a ela sua opinião de especialista?

Aquilo soou maluco para ele, a jovem parecia prestes a se soltar em um sorriso. Mas algo, *aquele cabelo*, o deixou curioso para ver mais da garota com problemas sobre ferramentas.

Ele olhou outra vez. Dessa vez, a morena se virou um pouquinho, como se procurando pela amiga, e ele captou um lampejo do rosto dela. Pele sedosa. Nariz bonito. Cílios longos. Boca farta.

O ritmo cardíaco dele acelerou um pouco; ele estava interessado, apesar de tudo.

– Que tipo de projeto é? – perguntou ele quando começou a arrumar sua caixa de ferramentas portátil.

– Bem, acho que é melhor se ela mesma explicar. – Como se sentindo ceticismo dele, ela acrescentou:

– Ela é estudante de fotografia, sabe, e eu estudo jornalismo. Nós duas mal sabemos a diferença entre um martelo e uma motosserra.

Ele não deveria ir lá. Mesmo. Embora tivesse terminado o serviço, tinha coisas a fazer referentes a outro projeto agendado para depois do Natal. Ele precisava telefonar para fazer alguns pedidos, ir à serralheria, revisar um projeto que havia esboçado.

Claro, tudo teria que vir depois que ele arriscasse a vida e integridade física no lugar mais terrível do planeta para se estar hoje: a loja de remessas postais mais próxima. Ele precisava enviar os presentes de Natal, obviamente pelo serviço de entrega em 24 horas. Aparentemente na semana anterior ele fora de carpinteiro autônomo ocupado para frequêns procrastinador esquecido. Uma pena que não iria estar em casa para o Natal; se não mandasse um presente para irmã mais nova, iria ficar escutando sermões eternamente.

No entanto, mesmo com tudo isso, ele estava tentado a tirar dez minutos para ver se a morena era realmente tão atraente quanto parecia dali daquela distância. Isso sem mencionar conferir qual era o tal

projeto misterioso.

– Por favor. Tenho certeza de que não vai demorar muito. Além disso, ajudar terceiros vai deixar você no espírito do Natal – disse a garota tentando parecer devota, apesar da malícia em sua expressão.

Ele riu do tom nobre dela. O sorriso e a piscadela diziam a ele que havia algo mais acontecendo. Ela provavelmente estava fazendo alguma brincadeira de cupido. Pela sua experiência, a morena deve ter enfiado a amiga nessa, desejando conhecê-lo, mas sem querer parecer atirada demais.

Tudo bem. Porque de repente ele desejava conhecê-la também.

E se a loura estava sendo aberta e honesta, e a outra precisava de alguma ajuda, bem, sem problemas. Talvez fazer uma boa ação por alguém, alguém supersensual com cabelos de aparência macia que ele desejava roçar em sua pele nua, era exatamente do que ele precisava. Certamente nada mais o deixaria no espírito natalino. Ele estava ocupado demais trabalhando, tentando provar para si e para os outros que era capaz de se virar sozinho e que não precisava trabalhar nos negócios da família, para se importar muito com comemorações.

A mãe dele suspeitava que este fosse o motivo pelo qual ele não iria passar o Natal em casa, porque ele não queria fazer mais uma jornada ao sentimento de culpa ou ter mais uma discussão com o pai. Ela não estava completamente errada.

– Tudo bem – disse ele notando o dono da loja sorrindo escancaradamente para ele de trás do balcão, obviamente empolgado por poder enfiar mais um monte de porcarias natalinas na frente dos clientes em potencial dentro da próxima hora. – Apenas me dê alguns minutos.

– Ah, obrigada!

A loura sardenta se virou e saiu, não em direção à amiga no canto, mas em direção à porta. Como se estivesse se fazendo de furtiva para que a amiga pudesse agir. Ele sorriu, perguntando-se por que as garotas faziam esse tipo de coisa. Ele provavelmente teria ficado mais interessado se a morena simplesmente tivesse ido até ele e dito um olá.

Depois de terminar de atender um cliente, o proprietário saiu de trás do balcão. Ofereceu um agradecimento efusivo a Ross, por ter finalizado o serviço tão rapidamente. Ross aceitou o cheque como pagamento final, o qual, ele notou, incluía um belo bônus de Natal, então apertou a mão do sujeito e recolheu suas ferramentas. Era hora da decisão. Seguir para a saída e se ocupar com seus afazeres? Ou tirar alguns minutinhos do dia para possivelmente ser fígado por uma garota muito bonita que havia pedido à amiga que bancasse o cupido?

Droga. Ele podia até estar com fome, podia até precisar trabalhar para pagar as contas. Mas tinha 24 anos, era humano e homem. Uma menina bonita superava a comida em qualquer dia da semana.

Seguindo para a mesa, ele limpou um pouco de serragem dos braços, assentindo educadamente para as várias mulheres que sorriam e murmuravam felicitações natalinas. A morena não se mexeu na cadeira, embora ele a tivesse notado olhando para os lados, como se quisesse se virar para conferir se ele estava chegando, mas não quisesse ser muito óbvia a respeito.

Ela armou isso completamente.

Francamente, Ross não se importava.

Ele se aproximou por trás dela, prestes a pigarrear e se apresentar, quando a ouviu dizendo alguma coisa. Ela estava sozinha, obviamente, e devia estar falando consigo. E as palavras dela fizeram um buraco no ego que estivera dizendo a ele que ela havia mandando uma amiga para conseguir sua atenção.

– Você sabe que ficaria com medo de ao menos segurar uma motosserra – murmurou ela. – Ou até mesmo uma faca elétrica!

Droga. Ela realmente estava falando sobre ferramentas? Era algum projeto que ela precisava fazer?

Ross teve de rir de si mesmo. Será que sua irmã caçula, sempre a maior crítica do mundo, estaria rindo horrores dele agora? Ele tinha ficado todo convencido e seguro de que aquela estudante sensual estava prestes a chegar nele... e ela realmente só estava interessada no cinto de ferramentas dele.

– Esqueça a faca elétrica – disse ele se intrometendo nas reflexões dela, o marceneiro que existia nele estremecendo diante da ideia. – Elas não são feitas para cortar nada além de carne.

A garota girou a cabeça para olhar para ele, os olhos revirando em choque, boquiaberta.

Olhos castanhos imensos. Boca rosada, carnuda.

E ali estava o rosto perfeito em formato de coração. E, ah, aqueles cabelos. Densos e brilhantes, com ondas suaves castanhas que lhe emolduravam o rosto, e cachos que caíam lindamente pelas costas. Não havia um homem vivo que não se atrevesse a imaginar todo aquele cabelo como sendo a única coisa a cobrir o corpo nu dela; bem, exceto o *próprio* corpo nu do sujeito.

Ele ficou olhando, incapaz de fazer qualquer outra coisa. Ela era bonita quando vista de longe. De perto, era linda o suficiente para fazer o coração dele se esquecer de bater.

– Perdão? – disse ela balançando a cabeça levemente como se não conseguisse entender o que estava acontecendo. – O que você disse?

Ele pigarreou.

– Eu disse, você precisa usar a ferramenta certa para o serviço. Facas elétricas são para cortar carne. Agora, o que é que você estava pensando em cortar?

– Carne – respondeu ela, então selou os lábios rapidamente.

Ele riu, admirando a sagacidade dela.

– Carne de boi ou de porco?

– Eu diria lombo de porco – respondeu ela, retorcendo um pouco a boca. – Mas eu estava brincando. Eu definitivamente não preciso cortar carne nenhuma.

– Imaginei – disse ele. Sem esperar por um convite, ele contornou a mesa e se sentou na cadeira vazia, encarando-a. Disse a si que estava fazendo aquilo porque havia prometido à amiga dela que ofereceria seus conselhos de construção. Na verdade, ele só queria olhar para ela um pouquinho mais. Ouvir sua voz. Ver se a personalidade dela combinava com o visual.

A maioria dos caras da idade dele provavelmente não se importaria com isso. Ross, no entanto, se importava.

Ele podia ser jovem, mas não era inexperiente. E havia aprendido muito cedo que um rostinho bonito e um corpo ardentemente sensual eram o suficiente para se chegar aos lençóis. Mas depois disso, se não houvesse um ótimo senso de humor, um enorme coração e um cérebro para combinar com a sensualidade, ele simplesmente não conseguia permanecer interessado. Alguns de seus antigos colegas de faculdade costumavam brincar sobre a felicidade se resumir a um par de seios. Ross preferia uma mulher de verdade, da cabeça aos pés.

Ela parecia ter cérebro. Agora, no entanto, ele estava pensando nessa coisa toda sobre personalidade. Porque ela só continuava a olhar para ele, o rosto ficando vermelho, como se ela não soubesse o que dizer.

Ou então ela estava constrangida.

Hum. Talvez aquilo não tivesse a ver com algum projeto misterioso. Porque o jeito como ela estava enrubescendo o fazia suspeitar que ela tivesse algo malicioso em mente.

Fica mais interessante a cada minuto.

– Então, que grande projeto é esse?

– Projeto?

– Sim. Sua amiga veio até mim, me disse que você precisava de conselhos sobre ferramentas, para um projeto no qual está trabalhando.

Ela mordeu o lábio e fechou os olhos por um segundo, então sussurrou:

– Vou matá-la.

– Talvez seja por isso que ela foi embora... precisava de uma vantagem na fuga.

– Ela foi embora?

– Sim. Logo depois de vir pedir minha ajuda.

Resmungando, ela balançou a cabeça.

– Não consigo acreditar nisso.

– Então, ela estava tentando armar para a gente?

– Acho que sim.

– Que tipo de amiga faz isso? – perguntou ele. – Ela não me conhece... e se eu sou algum tipo de assassino em série ou ladrão de calcinhas?

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Você é?

– Sou o quê?

– Uma dessas duas coisas?

Ele sorriu.

– Não para a primeira opção. Vou recorrer ao direito de permanecer calado em relação à segunda opção até nos conhecermos melhor. – Certo de que desejava aquilo, conhecê-la melhor, ele esticou a mão. – Sou Ross.

Ela espiou a mão dele, então esticou a sua e o cumprimentou. A mão dela era pequena, delicada. Frágil ao encontro da dele. Tendo trabalhado manualmente durante meses, ele sabia que tinha calos e bolhas, mas ela não pareceu se importar. Na verdade, foi ela quem segurou a mão dele por um instante, como se não quisesse soltar.

Finalmente, no entanto, ela recuou, murmurando:

– Lucy.

– Prazer em conhecê-la, Lucy.

– Prazer em conhecer você também. Principalmente agora que sei que você não é um assassino em série. – Ela esboçou um sorriso. – Quanto à outra opção, lembre-me de não entrar em uma loja de *lingerie* com você... eu não gostaria de ser presa como cúmplice.

– Que graça haveria em roubar calcinhas novas em folha? – Então, notando que ela arqueou as sobrancelhas, ele ergueu uma das mãos. – Estou brincando. Acredite, roubar roupas íntimas não faz meu gênero.

– Ajudar garotas misteriosas com projetos misteriosos faz?

– Aham. Agora, garota misteriosa, de volta ao projeto misterioso.

– Não existe nenhum.

– Sua amiga inventou isso?

Ela desviou o olhar, baixando os longos cílios.

– Não exatamente. Eu estava, hum, me perguntando qual ferramenta deveria usar para, hum, cortar uma coisa. E ela obviamente pensou que seria divertido inserir você nas minhas fantasias. – Ela arfou, encarando-o. – Quero dizer, eu não estava... Não é que eu estivesse fantasiando com você!

– Ahhh, estou arrasado.

– Se você soubesse qual é a fantasia, não ficaria arrasado – disse ela, o tom divertido.

– Então por que você não me conta? – perguntou ele meio que provocando. Sobre *o que* uma linda mulher fantasiava? Mais importante: sobre *quem*?

– acredite, você não vai querer saber.

– Ah, acredite, definitivamente quero.

Ela o analisou por um instante, olhando atentamente como se para descobrir se ele estava falando sério. Então, aparentemente percebendo que ele estava, ela foi direta e contou a ele.

Capítulo Três

Atualmente

Chicago, 23 de dezembro de 2011

SÓ PORQUE Ross Marshall não via Lucy Fleming há seis anos, isso não significava que ele não a reconheceria imediatamente. Isso significou, no entanto, que seu coração literalmente martelou no peito e o cérebro pareceu morrer. A imensa recepção aberta de seu escritório, decorada com luzes e folhagens, pareceu escurecer. Também pareceu encolher, ficando apertada, lhe esmagando as costelas, fazendo sua cabeça latejar, deixando-o desnorteado. Ele não conseguia formar um único pensamento coerente.

Bem, talvez um. *Você cortou seu cabelo?* Ele teve a presença de espírito de notar que os cachos longos e revoltosos que outrora caíam sobre as costas havia sido domados e encurtados. Então tudo simplesmente ficou em branco.

Ela não podia estar ali, certo? Não era *possível* que estivesse ali. Aquilo tinha de ser um sonho... ele ainda estava dormindo e ela estava visitando suas fantasias noturnas, do mesmo modo que fizera tão frequentemente ao longo dos anos.

Ele não conseguiu resistir, necessitando agarrar o momento antes de acordar. Ele levantou uma das mãos, colocou no ombro dela, sentiu a pessoa sólida, real sob a fantasia de elfo. Ela não se afastou imediatamente, e ele se inclinou um pouco mais perto, respirando profundamente, reconhecendo o perfume que era unicamente Lucy. Não era uma perfume, um hidratante ou o xampu. Era simplesmente algo distinto e evocativo que incitava as lembranças dele, fazendo-o recordar de que ela havia sido *a pessoa certa*.

E ele a havia deixado escapar.

– Você não está sonhando – disse ela a ele, o tom seco.

Ele baixou a mão e deu um passo atrás, necessitando recuperar a concentração.

– Acho que isso significa que você também não está.

– Esse pensamento não cruzou minha mente – disse ela, os imensos olhos castanhos questionadores.

– Eu certamente nunca esperava cruzar com você hoje, dentre todos os dias.

Ele sabia qual era aquele dia. Sabia bem. O que tornava aquele encontro ainda mais surreal.

– O mesmo aqui – murmurou ele.

Ambos ficaram em silêncio. Lucy parecia tão surpresa quanto ele.

Bem, por que não estaria? Eles não se viam há anos. Apesar do que havia acontecido entre eles, do que havia compartilhado durante aquele feriado maravilhoso, nenhuma palavra foi trocada entre eles desde o meio de janeiro, quase seis anos atrás. Nem um cartão, nem um telefonema. Nenhuma oportunidade de se trombarem por aí já que, pelo que soubera da última vez, ela tinha se mudado para a Europa.

Mas ali estava ela. Não apenas em Chicago, mas no escritório dele.

No maldito escritório dele!

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele, o cérebro sem conseguir entender ainda. Devia ser óbvio. Lucy era estudante de fotografia quando se conheceram. Além disso, ela estava carregando a bolsa de uma câmera. E estava vestida de elfo.

Um sorriso ameaçou tomar o lábios dele. Ele se lembrava daquela fantasia de elfo. Lembrava-se tão bem.

De repente, ele estava se lembrando tão bem de tudo.

Bem *demais* de algumas coisas.

– Estou trabalhando – explicou ela, empinando o queixo, a boca bonita se contraindo. – Por acaso você notou a sessão de fotos com o Papai Noel que estava acontecendo durante as últimas duas horas?

Ele mal tinha notado qualquer acontecimento, pois estava ocupado demais se sociabilizando. A festa de Natal dos funcionários era uma tradição antiga da Elite Construction, a empresa que seu avô havia fundado, e que ele agora administrava. Isso não significava que o chefe tinha muito tempo para participar dela. Ele circulara, agradecera aos funcionários, cumprimentara filhos e esposas, então retornara ao escritório nas últimas duas horas, saindo apenas para se despedir quando as coisas já estavam menos agitadas.

– Percebi – respondeu ele finalmente.

– Bem, era eu atrás da câmera.

– Eu sei disso, eu soube que você fez um ótimo trabalho e eu vim aqui para conhecê-los – disse ele, ainda desnorteado pela mera presença dela.

– Desculpe, o Papai Noel já foi embora. Não estamos fazendo mais fotos. No entanto, se você quiser se sentar no trono, acho que eu poderia tirar uma foto sua segurando uma bengalinha de doce e um ursinho.

Ainda atrevida. Deus, ele sempre gostara daquilo nela.

– Eu quis dizer que vim aqui para agradecer a você por concordar em fazer o trabalho na festa depois do pedido de última hora.

– Você não sabia que *eu* era o elfo até agora? – perguntou ela, soando levemente desconfiada. Como se perguntando se ele havia armado aquele pequeno encontro.

Hum. Se ele soubesse que ela estava por perto, poderia ter cogitado fazer exatamente isso... muito embora Lucy provavelmente não fosse ficar animada a respeito, a julgar pelo olhar dela.

– Juro que eu não fazia ideia. – De repente ele ficou muito interessado em conversar com sua assistente, se perguntando como ela havia encontrado Lucy. Ele também se perguntava se a mulher maternal e levemente intrometida estaria fazendo um trabalhinho de cupido. Ele não duvidaria disso. Ela não era nada além de uma romântica enrustida.

– Minha verdadeira pergunta era – continuou ele – o que você está fazendo aqui em Chicago? Você jurou que nunca mais moraria aqui. Pensei que você estivesse na Europa.

Aquele tinha sido o sonho dela, mora no exterior, ser uma fotógrafa viajante do mundo. Então o que tinha acontecido? Ela parecera totalmente determinada a nunca permanecer perto de casa e a tirar... fotos de crianças com o Papai Noel.

Ele olhou para cadeira forrada com veludo, para a neve falsa fofinha, para o tripé e para ela, vestida de elfo outra vez.

Como a vida dela descarrilara tão bruscamente?

– Fiquei na Europa durante algum tempo, cursei um semestre no exterior e voltei logo depois da formatura – disse ela.

Exatamente como ela havia planejado. E essa foi uma das razões para ela ter perdido o contato com ele, sabendo que um oceano inteiro iria separá-los, então por que se dar ao trabalho de tentar fazer algo funcionar quando a geografia dizia que não era possível?

– E?

– E eu não estava feliz, então terminei voltando para Nova York há alguns anos.

Anos. Ela esteve no mesmo continente durante anos. Uma viagem curta de avião. Tal ideia o deixou levemente enjoado, especialmente ao considerar a quantidade de vezes que ele pensara nela durante aquele mesmo período de tempo. A curiosidade para saber se ela havia mantido o mesmo número de celular e se as coisas iriam dar certo em Paris.

Talvez não. Mas provavelmente teriam dado certo com ela em Nova York. Droga.

– Como foi que Chicago entrou nessa história?

– Lembra-se de que cresci nessa região aqui?

Ele se lembrava, mas ela parecera inflexível a respeito de nunca retornar, associando o fato à sua perda trágica.

– Eu me lembro.

– Bem, mudei-me de volta para cá há dez meses para ficar mais perto do meu irmão.

Mesmo quando mais uma onda de prazer chocado o inundou... ela havia se mudado para *cá*, para a mesma cidade dele, o nome do irmão dela imediatamente surgiu em sua mente.

– Sam?

– Isso. Ele passou por um divórcio bem complicado e achei que iria ser bom para ele ter a família por perto.

– Que pena... esse divórcio, quero dizer.

– Sim, uma pena. Eu realmente pensei eles iriam se resolver.

– Alguém mais? – murmurou ele antes que pudesse pensar melhor.

O corpo inteiro de Lucy enrijeceu, e Ross se reprimiu mentalmente por abordar o assunto. Porque ele e Lucy certamente não tinham entrado nesse campo.

Então, mais uma vez, será que eles um dia pensaram nisso? O que acontecera entre eles fora tão repentino, tão inesperado. Nenhum deles estava na posição certa para ter qualquer tipo de relacionamento... mentalmente, emocionalmente, financeiramente, ou de qualquer outro jeito.

Exceto fisicamente. Ah, sim. Eles tinham sido absolutamente perfeitos juntos.

Foi tão bom durante o período incrivelmente breve em que durou. Sinceramente, ao recapitular o fato, ele podia dizer que tinha sido a melhor véspera de Natal de sua vida.

Seguida pelo pior dia da Natal.

– Está gostando de ter voltado a Chicago? – perguntou ele, sentindo que ela estava tentando sair graciosamente pela tangente.

– É frio – disse ela, dando de ombros, sem ceder, sem abrandar seu tom. Ele supunha não poder culpá-la por isso.

– Parece que você se deu bem – disse ela, um tom quase rancoroso na voz. Ela o analisou, da cabeça aos pés, como se perguntando-se onde tinham ido parar o jeans, a camiseta e o cinto de ferramentas.

Em alguns dias, em muitos dias, ele ansiava para tê-los de volta. Usar um terno, mesmo que ele normalmente afrouxasse a gravata e arregaçasse as mangas em algum momento do dia, simplesmente não o empolgava do mesmo jeito que trabalhar manualmente sempre fizera.

– Acho que sim. E você?

Ela assentiu.

– Tenho meu próprio estúdio de fotografia.

– Ainda boicota o Natal?

Ela olhou para a própria fantasia.

– O máximo que consigo, o que não é muito fácil no meu ramo. Você ainda é um garoto sentimental a respeito do Natal?

Ele fez que sim com a cabeça, sem qualquer vergonha.

– Totalmente. – Mesmo que nos últimos cinco Natais tenha passado muito mais tempo se perguntando sobre Lucy... Para onde ela teria ido, se tinha ficado na Europa, se havia se transformado em uma fotógrafa famosa... do que passara se preocupando com os presentes que compraria para a irmã, para a sobrinha ou sobrinho.

Como se tivessem ficado sem assunto por um instante, eles voltaram a se olhar. Ross não podia negar, os anos tinham feito bem a ela; Lucy estava linda. Nenhum chapeuzinho bobo de elfo, com penachos e tudo, seria capaz de tirar a beleza dela. Nem o vestido curto e as meias listradas... Ai, Deus, aquelas meias, sempre traziam lembranças... nem os sapatos pontudos.

Ela deveria parecer bonitinha e adorável. Em vez disso, estava linda e sexy, trazendo lembranças intensas e selvagens à mente dele, da última vez que ele a vira usando aquela mesma roupa.

De repente ele foi lembrado, forçosamente, sobre quanto tempo estava sem fazer sexo.

Sexo bom? Mais tempo ainda.

Sexo fantástico, inesquecível, único?

Seis anos. Sem sombra de dúvida.

Ele engoliu em seco quando as lembranças o inundaram, tendo de se remexer um pouco no lugar. Lucy sempre o afetara fisicamente. Dane-se se ele não queria que alguém percebesse isso agora. O diretor-executivo não deveria fazer pose de durão na festa de Natal.

– Estou impressionado por você ainda caber nessa roupa – admitiu ele indo contra o próprio bom senso. – Mas não surpreso demais. Você não mudou nada.

Ela corou.

– Talvez não fisicamente. Mas não sou a mesma garota doce de olhos arregalados mais.

Ele vociferou uma risada.

– Garota doce? Você não é a mesma pessoa que estava planejando desmembrar o ex-namorado quando nos conhecemos?

– Eu não *fiz* aquilo de fato.

Não, não fizera. Conforme se recordava, Ross usufruíra do prazer de socar o ex dela. E tinha sido muito bom.

– Que bom... Eu odiaria pensar que você passou os últimos seis anos na cadeia.

– Talvez se você não tivesse parado de me telefonar, saberia onde passei os últimos seis anos – respondeu ela, sempre doce.

Soco direto. Ele franziu a testa.

– Veja bem, Lucy...

Ela abanou uma das mãos, obviamente brava consigo por ter dito alguma coisa.

– Esqueça. Tudo passa.

– Você sabe bem o que eu estava passando... por que fui embora de Nova York. – É claro que ela sabia, estava lá quando ele recebeu o telefonema que o fez voltar para casa.

– Eu sei – disse ela. – Eu compreendi... *compreendo*.

Talvez. Mas a coisa de não ter mantido contato obviamente ainda doía.

Ele provavelmente havia se perguntado dezenas de vezes ao longo dos anos por que não havia ao menos tentado retomar o contato com ela assim que sua vida voltou a pelo menos se assemelhar a algo normal. Talvez centenas de vezes. Mas sempre voltava à mesma coisa: ele estava preso. A vida dele era ali. A dela era... em qualquer lugar que ela quisesse estar. E Lucy quisera que fosse em outro país, em uma realidade completamente diferente da dele, a qual era repleta de contratos e problemas com funcionários e o custo da madeira.

Ela estivera fora a fim de capturar o mundo, uma foto por vez. Ele estivera encapsulado, acorrentado ao passado, devendo muito às pessoas para simplesmente ir embora e viver sua vida do jeito que desejava.

Não que isso tivesse se mostrado como algo ruim. Na verdade, ele adorava administrar o negócio e tinha feito um trabalho excelente. Estava feliz por morar em Chicago. Gostava da vibração da cidade, as pessoas e da cultura. Então, não, ele não se arrependia por ter voltado. Tinha apenas um arrependimento. Ela.

– E agora você está aqui – murmurou ele, embora não tivesse tido a intenção de verbalizar em voz alta.

– Não faça um estardalhaço com isso – insistiu ela. – Eu não fazia ideia de que você trabalhava aqui.

– E se você soubesse? Teria aceitado o trabalho hoje, arriscado a dar de cara comigo?

Ela não respondeu. O que já foi resposta suficiente.

Lucy realmente estava furiosa com ele. Bem, então eram dois furiosos; ele estava furioso consigo. Havia bastante espaço para arrependimentos, com seis anos de “e se” na mente dele. Mas naquela época parecera a coisa certa a se fazer, a melhor coisa, para os dois.

É claro, ele se questionara a respeito todos os dias desde então.

– Com licença, Ross?

Ele desviou o olhar de Lucy, vendo Stella, sua assistente administrativa, a quem ele havia herdado de *seu* pai. Que por sua vez havia herdado do pai dele. Mais velha do que o planeta não era suficiente para descrevê-la. Ela emanava terra batida... você teria de retornar à Idade de Pedra para ver as rochas sob a terra batida para poder descrevê-la.

Porém, não saberia disso só de olhar para ela. Da tintura preta nos cabelos ao vestido com estampa floral, ela poderia muito bem se passar por uma cinquentona. Mas Ross sabia que ela já havia passado

desse marco há pelo menos duas décadas. Ele temia pelo dia em que ela não estaria mais ali para ajudá-lo a se organizar.

Ou para ajudá-lo como cupido? Ele teria de ter uma conversinha com Stella a respeito disso. Sabia que sua assistente o considerava estressado e solitário, e que achava que ele passava tempo demais no escritório. Além disso, Stella sabia a respeito de Lucy... era uma das poucas pessoas que sabia, tendo obrigado Ross a revelar a história depois de um dia longo e estressante. Mas será que ela teria tido todo esse trabalho... rastreado Lucy e a levado até ali? Parecia loucura.

Se fosse verdade, ele teria de decidir depois se a repreenderia severamente por se intrometer em seus assuntos pessoais... ou se lhe agradeceria.

O jeito como Lucy não fazia questão de esconder seu aborrecimento o fazia conjecturar a primeira opção.

A ideia de que talvez pudesse ser capaz de fazê-la mudar de ideia? Definitivamente a segunda opção.

Ele não negava que ainda estava interessado. Ainda estava atraído. A julgar pela ausência de aliança na mão esquerda dela, ele suspeitava que ela estivesse disponível... pelo menos tecnicamente. Então talvez fosse hora de arriscar. Ver se ele conseguiria recuperar seis anos perdidos. Ver se havia algum jeito de ela perdoá-lo por ir embora... não, por fugir... antes que eles realmente tivessem uma chance de começar alguma coisa.

– Ross? – chamou Stella outra vez. – O sr. Whitaker já está indo embora, e ele gostaria de vê-lo antes de sair.

Whitaker... Um cliente que lhe rendera muitos trabalhos ao longo dos anos. Não era alguém que Ross podia ignorar.

– Tudo bem – disse ele antes de voltar sua atenção para Lucy. – Espere por mim. – Não foi um pedido.

– Não, eu realmente preciso ir. Foi bom ver você.

Ela falou aquilo com a mesma entonação que diria ter sido bom ver um valentão de escola que ela tivesse odiado por décadas. Ele havia estragado tudo completamente. Há seis anos, e hoje.

– Lucy, por favor...

– Hum, srta. Fleming? Se você vier ao escritório, posso providenciar seu pagamento imediatamente – interveio Stella. – Tenho certeza de que você não vai preferir esperar até depois do feriado.

Mordendo o lábio exuberante, Lucy pareceu dividida. Ross olhou para Stella, se perguntando se ela estava usando de manobras dilatórias intencionalmente a fim de manter Lucy por ali. Então, mais uma vez, se ela estava tentando armar para os dois, provavelmente não teria interrompido para informar sobre Whitaker, não importando o quão influente o cliente fosse. Então talvez a coisa toda tivesse a ver apenas com sorte. Uma sorte incrivelmente boa.

E talvez significasse que ele iria ter mais uma chance com a mulher que tão estupidamente deixara escapar.

HUM. DINHEIRO ou dignidade? Ir com a assistente mandona ou correr loucamente? *Decisões, decisões.*

Numa situação normal, Lucy teria seguido em direção à porta no segundo em que Ross virasse as costas. Tinha trabalho a fazer: editar, tratar, cortar as imagens... além de todos os afazeres normais do dono de um pequeno negócio, mas que normalmente eram esquecidos durante o entra e sai de clientes.

Como os clientes não apareceriam durante o Natal, no entanto, ela poderia colocar tudo em dia. E uma coisa que precisava colocar em dia eram os pedidos. Tinha equipamentos para comprar, e se pagasse por eles até o dia 31 de dezembro ela amorteceria bastante as tarifas de imposto do ano fiscal seguinte.

O que significava que ela realmente ficaria por causa do dinheiro. Eles havia oferecido *muito*, tanto pelo tempo disponível, quanto pelos pacotes de porta-retratos que a empresa havia pedido para todas as famílias. O dinheiro poderia ser suficiente até mesmo para adquirir um novo laptop e as lentes novas das quais ela precisava.

Ross ficou olhando para ela, sem suplicar, sem ordenar. Apenas pedindo a ela que aguardasse, que desse a eles a oportunidade de conversar. Recuperar os velhos tempos? Sério, o que eles teriam para dizer além de *Ei, lembra-se de quando fizemos sexo louco selvagem em cima de uma pilha de neve falsa na oficina do Papai Noel?*

Bons tempos.

Que nunca deveriam ser repetidos.

– Eu realmente preciso ir – disse ela.

A assistente, que tinha modos um tanto bruscos que diziam que ela não aceitava não como resposta, não aceitou o não como resposta.

– Não seja boba, não vai levar cinco minutos. Vai poupar nossos contadores do trabalho.

Ela espiou a mulher, cheia de dúvida, desconfiando que aquele lugar não mantinha seus recibos e cheques cancelados dentro de caixas de papelão vazias como ela fazia.

– Depois da festa, os escritórios ficarão fechados até o Ano Novo. Então eu realmente gostaria de resolver isso hoje, acertar os custos da festa no livro de contas, se você não se importa.

Hum. Aparentemente todo negócio precisava lidar com aqueles malditos pequenos percalços da Receita Federal, mesmo empresas grandes como aquela. A qual, a julgar pelo tamanho daquele prédio novo de seis andares, e pelo fato de a Elite Construction ocupar absolutamente todos os pisos, era muito grande de fato. Ela se perguntou mais uma vez o que Ross fazia ali. Obviamente ele não era mais marceneiro... estava vestido como um executivo.

Não conseguiu evitar imaginar o que havia acontecido com o sonho dele de um dia comprar um terreno e construir uma casa nele, sendo responsável por instalar pessoalmente cada pedra, cada veneziana, cada tábuas. Será que Ross desistira de seus sonhos? Ou eles meramente haviam mudado, tal como os dela?

Como se percebendo que a própria presença estava deixando Lucy relutante, Ross disse:

– Preciso ir. Foi ótimo ver você de novo, Lucy.

– Você também.

Ela forçou um sorriso duro, desejando poder voltar meia hora no tempo para pensar em algo diferente para ser dizer àquele homem. Algo leve e casual, algo que não revelasse o jeito como ela sentia-se por não ter notícias dele depois daquele feriado mágico. Algo *diferente* de “Bem, se você tivesse telefonado, saberia onde estive nos últimos seis anos.”

Vacilo, garota. Que vacilo. Ela quase conseguia ouvir a voz de Kate a repreendendo por ter feito aquele comentário arrogante, recalcado. Muito embora agora fosse haver ecos de um bebê e de uma criança novinha chorando ao fundo enquanto elas conversassem.

Lucy, enquanto isso, tivera apenas uns poucos casos sexuais depois de Ross. Mas não chegara nem perto de se apaixonar. Não depois dos dois golpes que recebera aos 22 anos. Primeiro Jude, depois

Ross.. sendo que o último fora verdadeiramente responsável por ensinar amor e perdas a ela. Seu pobre coração formara um exoesqueleto mais grosso do que o dos insetos. Desde então, ela transformara o lema “ame-os e deixe-os” em estilo de vida, apenas substituindo o “*ame*” por “*faça sexo com*”.

Até mesmo Kate ficou impressionada.

Lucy observou Ross se afastar, notando que ele não olhou para trás. A partida dele devia ter facilitado a permanência ali para receber o pagamento. Em vez disso, só serviu para irritá-la. Era sempre Ross quem ia embora. Dia desses ela ia querer ser a pessoa a fazer a saída em grande estilo.

Porém saídas em grande estilo não compravam lentes nem laptops. O dinheiro comprava. Ela havia gastado muito ao fazer a mudança do estúdio de Nova York para Chicago. Sim, ela estava construindo uma reputação e os negócios iam bem. Esse cheque, no entanto, poderia trazer benefícios para sua receita líquida.

Se ela depositasse o cheque esta noite, então no fim de semana poderia comprar o laptop pela internet alegremente enquanto todo mundo estaria desembrulhando suéteres horrorosos e comendo um bolo de frutas duro. Lucy tinha trabalhos agendados para toda a semana seguinte, alguns grandiosos, que poderiam render um bom dinheiro. Além disso, ela estava esperando notícias de uma revista infantil em Nova York, para a qual havia enviado alguns de seus trabalhos. Queria estar pronta caso telefonasse e dissessem que queriam mais.

– Tudo bem, se você pode me pagar agora, eu realmente agradeceria – disse ela à assistente, que estava aguardando pacientemente, olhando Lucy observar Ross.

– Excelente. Venha comigo.

Lucy largou a bolsa de câmeras e lentes e seguiu a mulher, que havia se apresentado como Stella quando telefonara uma semana antes para contratá-la. Elas abandonaram a festa, seguindo por um longo corredor em direção aos escritórios. Lucy não pôde deixar de notar a opulência do local, o carpete grosso afundando sob seus pés, os belos quadros enfileirados nas paredes. Alguém havia passado um bom tempo decorando aquele lugar, e ela suspeitava que os clientes da empresa estivessem entre os mais ricos de Chicago.

No finalzinho da ala executiva havia uma suíte fechada, para onde Stella a levou. Havia um amplo balcão de recepção no meio da sala de espera, bloqueando o acesso a um conjunto de portas duplas imponentes. Stella passou por elas, rumo ao que parecia o escritório do chefe. Era imenso, uma sala de esquina com janelas do piso ao teto nas duas paredes. O prédio não era terrivelmente alto, mas a localização bem na parte costeira, bem nos limites da cidade, significava que nada bloqueava a linda vista. A mesa era tão grande quanto a cozinha do minúsculo apartamento de Lucy, e em uma alcova parcialmente bloqueada ela via uma sala para relaxar, completa, com geladeira, TV e um sofá-cama... aberto.

– Uau, seu chefe é um escravagista? Você fica de plantão 24 horas por dia, 7 dias por semana?

A mulher olhou ao redor, então percebeu do que Lucy estava falando.

– Isso é só para ele. Nosso chefe só é rígido consigo mesmo.

– Ele mora aqui ou coisa assim?

– Algumas vezes parece que sim – disse Stella. – Quando nos mudamos para este novo prédio, ele passava tantas horas aqui, que pedi o sofá e deixo tudo arrumado para ele quando desconfio que vá passar a noite.

– Isso é que é dedicação. – Da parte de Stella e do chefe.

– Vale a pena. A Elite está só prosperando enquanto o ramo de construção só decai em todo país.

– Deu para notar isso, pela festa – admitiu ela, sabendo que deve ter custado uma boa fortuna à empresa. Poucas corporações se davam a esse trabalho atualmente, e ela desconfiava que a atmosfera feliz contribuía para o sucesso da empresa.

Stella se pôs detrás da mesa e pegou uma pilha de envelopes lacrados, folheando meia dúzia deles antes de dizer:

– Ah, aqui está!

Lucy aceitou, enfiando o cheque muito bem-vindo em sua bolsa.

– Muito obrigada.

– Obrigada a *você*. As fotos foram o sucesso da festa. Na verdade estou feliz porque a outra empresa cancelou. Trabalhamos com eles no ano passado e não tiveram a mesma receptividade que você hoje. Você é maravilhosa com as crianças.

Lucy sorriu, agradecendo o elogio. Era engraçado... seis anos atrás, ela provavelmente teria ficado apavorada diante dessa ideia.

Sinceramente, ela não tinha muita certeza de quando a mudança aconteceu. Só sabia que, depois de dois anos em Paris, fotografar rostos gélidos de modelos perdeu toda a graça. O mesmo valia para prédios velhos e inanimados e para paisagens estagnadas.

Então Kate começou a ter filhos. Lucy a visitava no verão e durante as férias, tornando-se uma madrinha dedicada e ficando encantada com aqueles bebês. Ela ficara maravilhada ao fazer retratos deles, encontrando no rosto das crianças uma energia e espontaneidade que raramente encontrava em outros lugares.

Então retornou para Nova York. Montou um estúdio e começou a explorar o mundo surpreendentemente criativo dos pequeninos. Uma coisa levou a outra e então a mais outra. E logo ela estava recebendo telefonemas de pais ricos de outros estados, e vendeu diversas fotos de crianças para catálogos e revistas.

Quem um dia irai imaginar isso?

Não ela, com certeza. Nem nunca iria imaginar que amaria o que estava fazendo agora. Mas amava mesmo.

A vida, aparentemente, tomava rumos estranhos, levava você a direções jamais imaginadas. A vida a levava da cidade dos ventos para a Big Apple, e então para outro continente. E agora ela estava de volta onde tinha começado, em Chicago.

E de volta à vida de Ross Marshall.

Não, nem mesmo pense nisso, lembrou-se. Ela não estava de volta à vida dele. Ela estava no mesmo prédio que ele, por só mais cinco minutinhos, no máximo. Então poderia voltar a esquecê-lo. Poderia se esquecer do quanto ele ainda lhe parecia bonito. De como sua voz mexia com seus sentidos. De como seu toque a deixara louca.

De como certa vez ele parecera o sujeito que ela poderia amar para sempre.

Capítulo Quatro

Antes

Nova York, 23 de dezembro de 2005

LUCY TEVE de dar algum crédito a Ross, aquele estranho muito bonito. Ele não se levantou e saiu da cafeteria quando ela admitiu que estivera fantasiando sobre separar o namorado de uma parte de sua anatomia. Ele não gritou, se encolheu ou colocou a mão de maneira reflexiva e protetora sobre o colo. Nenhuma das opções acima. Em vez disso, ele simplesmente a encarou por um segundo, então deixou que uma risada alta saísse de sua boca.

Ela sorriu também, principalmente porque ela não estava *realmente* fantasiando sobre mutilar Jude no instante em que aquele sujeito veio por trás dela. Na verdade, ela estava rindo de si por ter pensando no assunto mais cedo. De algum modo, seu humor havia mudado desde o momento em que adentrara a cafeteria até o instante em que aquele homem incrivelmente lindo se aproximara.

Incrivelmente. Lindo.

Ao redor, outras pessoas na cafeteria olhavam de soslaio. Lucy não era cega aos olhares que se demoravam sobre ele. Deus sabia, qualquer mulher sexualmente ativa olharia. Ela não era ativa e mal conseguia tirar os olhos do sujeito!

Visto de longe, ele era supersensual. De perto, agora que ela podia notar as centelhas em seus olhos verdes estonteantes, o sorriso branco deslumbrante, a leve barba por fazer nas bochechas, bem, ele ia de quente e sensual para ardente e irresistível. Ela realmente sentira um tremor quando as mãos deles se tocaram, incapaz de pensar em qualquer coisa senão no jeito como seria sentir aqueles dedos fortes e rudes em sua pele.

Lindo, sensual, forte. E com senso de humor.

Por que ela não podia ter conhecido aquele cara em um dia no qual não estivesse odiando todas as criaturas que tivessem um pênis?

Você não. Nem todos os caras.

Sinceramente? Ela não odiava nenhum deles. Ela não odiava Jude. Ela teria de se importar com ele para odiá-lo e, honestamente, pensando bem no assunto, ela sabia que não dava a mínima.

– Você está falando sério? – perguntou ele assim que a risada esmoreceu.

– Não sobre fazer de verdade.

– Mas está pensando mesmo nisso?

– É a minha vez de recorrer ao meu direito de ficar calada.

– Por quê?

– Provavelmente porque não é muito legal admitir que você está fantasiando sobre desmembrar alguém.

– Não, eu quis dizer por que você queria, hum... desmembrá-lo?

– Não queria, eu só estava me entregando a um pouco de vingança mental. Ele não era o mais fiel dos caras.

– Odeio traidores – disse ele, a voz solidária e revoltada.

– Diz isso por experiência própria?

– Bem, não exatamente – admitiu ele. Sim. Porque para qualquer mulher trair aquele sujeito, só se tivesse passado por uma lobotomia recentemente. – No entanto, eu meio que fui traído uma vez... por um cara.

Ela não mordeu a isca, sabendo que de jeito nenhum que Ross poderia ser gay. Não havia nenhum gene que não fosse hétero naquele corpo; dava para praticamente sentir o cheiro dos ferormônios masculinos que o cercavam feito uma névoa, atraindo todas as mulheres do lugar.

– Deixe-me adivinhar... Seu melhor amigo na primeira série resolveu que queria jogar queimada em vez de pega-pega e largou você sozinho no parquinho?

– Quase – disse ele, os olhos brilhando em aprovação por ela não ter se infiltrado onde a maioria o faria. – Foi durante o ensino médio. Eu queria que meu melhor amigo ficasse comigo na equipe de luta, ele queria participar do musical da escola. – Ele balançou a cabeça pesarosamente. – Eu simplesmente não conseguia entender o que se passava na cabeça dele. Só depois ele finalmente me contou a verdade, e então fiquei tão furioso que fiquei uma semana sem falar com ele.

De algum modo decepcionada com ele, ela enrijeceu um pouco.

– Você ficou bravo com ele porque ele era gay?

– Não, ele não era gay! Ele me contou que largou a luta e foi fazer teatro porque, deixe-me ver se me recordo exatamente... “Por que eu iria querer rolar na lona com um monte de caras suados quando poderia ser um dentre poucos caras cercado por algumas das garotas mais bonitas da escola?” Cara, algumas daquelas meninas do teatro eram bonitas... e ele nunca me contou, ficou com todas para si!

Ela riu alto, gostando tanto da história quanto do fato de ele tê-la contado. Obviamente ele estava tentando distraí-la, diverti-la. Era uma atitude legal da parte de um sujeito tão jovem e tão bonito.

– Então seu primeiro romance fraternal terminou com um rompimento horrível.

– Sim. Agora, voltemos ao seu caso...

– Não é um romance fraternal, obviamente. Mas também foi desagradável. Eu só queria que fosse algo tão simples quanto ele preferindo *A noviça rebelde* a imobilizações e deslocamentos.

Ele arregalou os olhos.

– Ei, você entende de luta!

– Irmão mais velho.

– Então ele vai chutar o traseiro desse traidor?

– Sam? Não. Ele não mora aqui, e mesmo que morasse, de jeito nenhum que eu lhe contaria sobre isso.

– Por quê?

– Porque ele é policial. E é extremamente superprotetor. – Embora Lucy normalmente não tocasse muito nesse assunto, por algum motivo, ela achou aquele sujeito muito agradável, então acrescentou: – Ele meio que se transformou em meu pai quando nossos pais morreram.

Ross se recostou na cadeira, apoiando os cotovelos na mesa. Os dedos roçaram na mão dela, em um gesto tão fugaz quanto doce. Um leve roçar tipo *Sinto muito e Que chato e Ei, eu entendo*. Tudo implícito. Tudo compreendido.

Tudo apreciado por ela.

Lucy pigarreou, sentindo um bolo começar a subir na garganta, do jeito que sempre acontecia quando esse assunto em particular vinha à tona.

– De qualquer forma, eu não preciso que Sam compre minhas brigas. Posso cuidar de mim.

– Não duvido – disse Ross.

– Não se preocupe. Eu realmente não faço o tipo violento. Esse sujeito não esmagou meu espírito, ele simplesmente cutucou meu ego.

Ele sustentou o olhar dela, como se avaliando a verdade em suas palavras. Lucy encarou de volta, um sorrisinho nos lábios, aliviada por estar sendo exatamente fiel ao que disseram, esperando que Ross percebesse aquilo também.

– Fico contente – admitiu ele finalmente, enxergando a verdade no rosto dela.

– Eu também.

– Mesmo assim, se você mudar de ideia e resolver dar uma de maluca-da-serra-elétrica com esse namorado, lembre-me de não ir com você. Eu não gostaria de ser preso como cúmplice.

Lucy riu quando ele voltou suas palavras ditas mais cedo contra ela, então esclareceu:

– *Ex-namorado*. – Balançando a cabeça, ela acrescentou: – Acredite, nada poderia me induzir a voltar para lá. – Então algo lhe ocorreu: – *Ai, não!* – Lucy pôs a mão na testa quando se lembrou de uma coisa.

– O que foi?

– O presente de Natal que meu irmão mandou para mim. Chegou pelos Correios hoje... Ele enviou para a casa de Jude porque sabe que algumas vezes roubam a correspondência no prédio onde moro, e Jude tem um porteiro. – Ela sentiu os olhos úmidos, furiosa consigo por ter se esquecido do presente, mas também preocupada com o destino que Jude lhe daria. – Ele provavelmente já jogou no lixo.

– Jude? – disse ele em dúvida. – Deixe-me adivinhar... Um moleque riquinho e mimado?

Pode ter levado um tempo para ela enxergar, mas Lucy tinha de admitir, aquilo descrevia muito bem seu ex.

– Como você sabe?

– Ter um porteiro em Nova York é uma grande pista. Assim como ter o nome Jude. Além disso, ele deve ter feito algum bem ruim para você fantasiar em cortar sua cobrinha, e ainda assim ele jogar o presente de Natal do seu irmão no lixo... significa que ele é um pirralho imaturo e petulante. – Ele abriu as mãos. – Ou um babaca rico mimado.

– Todas as alternativas acima.

– E você está com essa cara por quê...?

– Não estou com ele.

– Mas estava há...

Ela suspirou profundamente.

– Há umas duas horas.

Ele assobiou, se recostando na cadeira, esticando as longas pernas, cruzadas na altura dos tornozelos.

– Era sério? Quero dizer, havia exclusividade no namoro de vocês?

– Não de acordo com ele, aparentemente.

Ele enrijeceu um queixo um pouquinho.

– E de acordo com você?

– Bem, eu pensava que sim, mas talvez eu enxergasse as coisas de um modo diferente do dele.

Estávamos juntos há três meses, mas nós nem mesmo tínhamos... você sabe. Então talvez ele tenha traído porque não havia ido a lugar algum comigo.

Ross tossiu sobre o punho fechado, aparentemente surpreso por ela admitir aquilo. Talvez tivesse perdido o interesse; alguns sujeitos perderiam diante da ideia de ter uma garota esperando por três meses antes de ir ao que interessa. Se fosse isso mesmo, era melhor descobrir agora se ele era desse tipo.

Por que deveria ser, ela não sabia. Afinal, ela poderia nunca mais falar com o sujeito de novo depois que saísse da cafeteria. De algum modo, aquela ideia fazia o coração dela se apertar um pouco mais do que ocorrera mais cedo quando pensara sobre nunca mais ver Jude.

– Bom para você – disse ele.

Tudo bem, então ele não era um *daqueles* caras, aparentemente. A percepção a aqueceu um pouquinho naquele dia frio.

– Deixe-o ser consumido pela angústia, imaginando o que desperdiçou.

Ela gostava da ideia.

– Espero que daqui a 20 anos ele ainda vai estar se perguntando se perdeu o melhor sexo da vida dele.

Os olhares de ambos se intrincaram quando as palavras acaloradas ficaram pairando entre eles. Estavam tendo uma conversa íntima demais para dois estranhos, e agora, ela suspeitava, ambos estavam pensando um pouquinho demais em determinadas partes daquela conversa.

Como sexo. Sexo ótimo. Ela pode até não ter feito, ótimo ou de qualquer outro tipo, mas isso não significava que era imune ao desejo. Ao olhar para o homem diante de si, sentindo o calor fluir por suas veias para então repousar com uma insistência silenciosa e latejante entre suas coxas, Lucy sabia muito bem que era detentora de uma compreensão básica do querer.

Ou mais do que básica. Porque não era só seu sexo que estava reagindo ali. Cada centímetro de sua pele formigava quando ela o imaginava lhe tocando, pressionando a boca às partes mais interessantes de seu corpo. Lugares que reagiam ao olhar cálido nos olhos dele e ao modo como ele abria a boca para suspirar lentamente, de um modo nunca haviam reagido, nem mesmo ao abraço mais apaixonado de qualquer indivíduo.

O olhar dele baixou para a boca de Lucy e a voz saiu densa quando ele finalmente respondeu:

– Eu quase sinto pena do desgraçado.

Ela não sentia. E definitivamente não sentia mais pena de si também. Não quando, após uma conversa de 20 minutos, aquele completo estranho a estava apresentando a sensações que seu ex não suscitara em meses de namoro.

Eles permaneceram em silêncio por mais um instante. Então, como se ambos tivesse percebido estar caindo em algo que nenhum dos dois havia previsto, na velocidade da luz, nada menos que isso, eles se remexeram em suas cadeiras e quebraram o contato visual.

Lucy forçou uma risadinha, tentando fingir que não estava completamente arrebatada pela ideia de beijar os músculos do pescoço dele.

– Não vou oferecer qualquer compaixão a ele até recuperar meu presente e ter certeza de que ele não o destruiu.

Ross semicerrou os olhos reluzentes.

– Você realmente acha que ele destruiria?

Ela pensou no assunto, lembrou-se das atitudes mais rancorosas de Jude. Isso sem mencionar sua indignação ridiculamente descabida demonstrada por ele hoje, como se fosse culpa de Lucy tê-lo flagrado, não dele por ter traído.

– É possível.

Ross enrijeceu o maxilar, um músculo se contraindo em seu rosto.

– Por que você não me deixa cuidar disso?

– Por que você faria isso? Você nem mesmo me conhece.

– Conheço o suficiente para saber que você não deveria ter que implorar a alguém que a traiu que devolva algo que lhe pertence.

Ela ouviu o tom protetor na voz dele, e achou estranho. E muito legal. Ross havia acabado de conhecê-la, no entanto já havia sido mais cuidadoso e atencioso com seus sentimentos do que Jude tinha sido nos últimos três meses.

– Não é grande coisa – insistiu ela sem querer enfiar outra pessoa em seus problemas.

– É de um membro da sua família, Luce – respondeu ele, balançando a cabeça. – Então é claro que é grande coisa. Quero ter certeza de que você vai recuperá-lo.

Lucy prendeu a respiração. O jeito suave como ele pronunciara seu apelido, Luce, pareceu tão gentil. E o modo como ele compreendeu de imediato a importância do presente de Sam para ela, sem que ela precisasse explicar...

Quem é você?, ela não conseguia evitar se perguntar. *Você realmente é esse cara legal?*

– Você acha que ele realmente destruiria seu presente de Natal?

Ela não gostava de pensar que sim, mas era possível.

– Ele ficou bem furioso quando saí, principalmente porque eu não quis ficar para ouvir sua explicação.

– E poderia haver alguma explicação?

Ela zombou:

– Claro. – E bateu um dedinho na bochecha, como se estivesse pensando. – Hum, tudo bem, tenho uma ideia de como as coisas chegaram a um ponto... hum... *oral*.

Um meio-sorriso ergueu o cantinho da boca supersexy dele, como se compreendendo o motivo da inflexão dela.

– Então... a tal vizinha vadia estava tomando banho e se esqueceu de que não tinha xampu – explicou Lucy. – Enrolada apenas na toalha, ela foi até a porta dele para pedir algum emprestado.

– Espere – interrompeu ele. – Aposto que sei o que aconteceu em seguida. Acontece que ele estava prestes a entrar no banho também, então também estava enrolado na toalha.

Ela riu, pensando em como já poderia estar achando aquilo engraçado quando o ocorrido a havia feito chorar mais cedo. Mais uma prova de que seu coração nunca havia estado envolvido naquele relacionamento com Jude, ela supunha.

– E então... hum. Já sei – falou ela. – Um monte de cachorros raivosos entrou no prédio de algum modo, pegou o elevador, entrou no apartamento e rasgou a toalha dos dois. E na luta que se seguiu, a vizinha vazia tropeçou e caiu de boca no pintinho murcho e esquisito dele.

Ross fez uma careta.

– Ai.

– Ai por ela ou por ele?

– Bem, principalmente por você – disse ele, aquele tom gentil de volta à voz. – Por ter testemunhado isso. – Aquele sorriso sexy lampejou. – Mas também ai por ele, por ter um pintinho murcho e esquisito.

– Considerando que foi a primeira e última vez que vi, só posso dizer que fico feliz por ter resolvido não dormir com ele.

– Eu também – admitiu ele, soando como se falasse sério. O que era estranho, considerando que ela nem mesmo o conhecia, e nenhum dos dois fazia ideia se um dia iriam compartilhar algo além daquela única conversa naquele instante em especial.

Ela esperava que sim. Foi rápido, e totalmente surpreendente, e a época foi bem inoportuna. Mas Lucy já tinha a sensação de que aquele sujeito sexy e trabalhador era alguém muito especial. E mesmo com a timing completamente errado, ela poderia ser a única com arrependimentos eternos se ao menos não desse tempo àquilo para se desenvolver.

– Então... Você sempre sai por aí contando sobre sua vida sexual a estranhos? – perguntou ele.

Ela brincava com sua xícara de café, trilhando os dedos pela borda, sem o encarar.

– Você é o primeiro – admitiu ela. Esperando não revelar demais, deu de ombros e acrescentou? – É que você simplesmente não parece um estranho.

Não parecia. Ela como se ela já estivesse começando a conhecê-lo, ou pelo menos conhecer a essência dele. A atração física tinha sido instantânea. Mas havia muito mais. Mais cedo, quando Lucy mencionara seus pais, houve aquele calor, aquele sorriso, os olhares gentis, aquele roçar sempre tão delicado dos dedos dele na mão dela. E então houve a reação dele ao fato de ela ter sido traída. A indignação por causa do presente de Natal perdido.

Todas aquelas coisas contavam uma história. Uma boa história.

Uma história que ela queria explorar um pouquinho mais. Ou muito mais.

– Tudo bem então, se não somos estranhos, acho que isso significa que somos amigos – disse ele a ela com um sorriso afetuoso. Então, sem explicações, ele afastou a cadeira para trás e ficou de pé. Lucy não tinha certeza do que ele pretendia... ir embora, chamá-la para sair?... Até que ele estendeu a mão para ela.

– Então venha, amiga. Vamos pegar seu presente de Natal.

CONSIDERANDO A beleza de Lucy, Ross não esperava que o ex dela fosse um cachorro total, mesmo sendo um completo idiota. Ele devia ter alguma coisa para ela considerá-lo atraente. E muito embora não a conhecesse há muito tempo, ele já tinha bastante certeza de que não era por causa do dinheiro. Ela simplesmente não parecia ser desse tipo. Não havia nada de falso nela... e ele saberia. Ele procurou. Intensamente.

Era impossível *não* procurar, não tentar conhecer tudo a respeito dela. Sentados frente a frente na cafeteria, eles entraram em uma conversa descontraída e tranquila, do tipo que tornaria necessário meia

dúzia de encontros para alcançar com qualquer outra garota. Então as coisas foram de calorosas e amigáveis para sensuais e promissoras.

Ele não devia ter começado a pensar na vida sexual de Lucy, muito menos falar a respeito. Porque estava muito difícil tirar aquilo da cabeça... ou parar de elucubrar sobre aquele olhar que ela ostentava durante o longo silêncio que compartilharam.

Saindo para deixar as ferramentas na caminhonete, e então rumo ao metrô para seguirem até o bairro do ex-namorado imbecil, Ross se flagrou mais surpreso ainda com cada atitude de Lucy.

Ela nunca parava de falar, mas não tagarelava sobre coisas estúpidas e fúteis. Ele não ouviu a palavra sapatos nem uma vez. Ou maquiagem. Ou compras.

Ela falava sobre a cidade... sobre o quanto amava sua energia, seu ritmo, sua empolgação.

Ela parou para fotografar... Coisas que nunca ocorreriam a ele como sendo interessantes, como uma pilha de sacos de lixo ou uma velha bicicleta enferrujada encostada em uma cerca.

Ela contou sobre seus planos de ir para a Europa depois que se formasse, para fotografar qualquer coisa que se mexesse e muitas coisas inanimadas.

Ela comprou um daqueles cachorros-quentes nojentos de um carrinho, e de fato comeu o troço.

Deu uma nota de 5 para um mendigo. Também deixou mais 5 para um sujeito recolhendo donativos, mesmo tendo admitido não gostar realmente do Natal, alegando que sua resposta favorita ao “Feliz Natal” de qualquer pessoa era “Bah, que bobagem!”

Ele custou a acreditar nessa última declaração. Ela era bonitinha, doce e generosa demais para ser uma rabugenta. Mas ele enxergava algo sombrio na expressão dela toda vez que falava sobre a festividade, e suspeitava que ela estivesse falando sério sobre não gostar dela.

Fora isso, porém, ela riu muito. Sorriu para estranhos. Virou o rosto para cima para ir ao encontro da neve que caía e lambeu a umidade dos lábios. Risada doce, lindo sorriso, lábios sensuais.

No fim das contas, além de atraí-lo totalmente, ela o encantava. Era uma descrição antiquada, mas combinada. Lucy era, sendo bem simplista, charmosa. E adorável. E sensual para diabo. Cada minuto passado com Lucy fazia Ross gostar dela ainda mais... e o deixava mais determinado a assegurar que seu ex traidor não tivesse a chance de magoá-la outra vez.

Resumindo, ela era fantástica. Então, não, ele definitivamente não a enxergava se envolvendo com alguém desprovido de quaisquer qualidades redentoras. O tal Jude, que morava em um edifício alto com apartamentos que provavelmente custavam cinco vezes o aluguel de seu próprio apartamento minúsculo, devia ter alguma coisa para atrair alguém como Lucy.

Então ele conheceu o perdedor, cara a cara, e compreendeu.

Jude Zacharias era mimado, bonito e polido... Um desses herdeiros cujo nome da família provavelmente nunca fora contaminado pelo mau cheiro do trabalho verdadeiro durante algumas gerações. Mas a coisa principal a respeito dele, a coisa que atrairia qualquer garota, era seu charme fervoroso.

Ele o apresentou no instante em que abriu a porta e viu Lucy. Ele até mesmo deu um jeito de chorar quando disse a ela o quanto lamentava por ter permitido que alguma vadia o tivesse induzido a fazer algo ruim, *ha*, e o quanto desejava voltar no tempo, e o quanto estava feliz por ela ter voltado.

Então ele viu Ross, que estava fora do campo de visão, perto da parede do corredor.

– Quem é *ele*?

Dando um passo adiante, Ross disse?

– Ele é o amigo de Lucy, Ross. Estamos aqui para pegar o pacote que ela esqueceu. Agora, poderia pegá-lo, por favor? Estamos com pressa.

Sim. Não porque ele tinha coisas para fazer, mas porque estava com pressa para tirar Lucy de perto daquele canalha que a magoara, mesmo que ele tivesse lhe cutucado apenas o orgulho, e não o coração. Sinceramente, Ross teve vontade de arrancar a mão do sujeito quando este de fato esticou a mão e tentou tocar Lucy. Felizmente, ela deu um passo para o lado, ficando longe dele.

O queixo do sujeito batia no peito de Ross. Ele ficou boquiaberto, então cuspiu, dizendo finalmente:

– Quem é você?

Ross olhou para Lucy e deu de ombros.

– Ele tem problemas mentais ou coisa assim? Como eu já disse, sou Ross. Estou aqui para certificar de que você vai entregar o pacote a Lucy, e que não vai tentar nada.

– Lucy, você está falando sério? Você trouxe esse sujeito para esfregá-lo na minha cara, me deixar com ciúme ou coisa assim? – Ele tentou segurar a mão dela. – Amor, você não precisa fazer isso, você sabe que vou te aceitar de volta.

– Cara, esqueça. Você foi chutado – disse Ross.

O olhar de Jude foi quente o suficiente para fritar um ovo.

– Cuide da sua vida. Por que você está aqui afinal?

Lucy se colocou entre eles.

– Ross é um amigo.

– Ah, claro, tá bom. Há quanto tempo ele tem sido seu... *amigo*?

Ela bateu um dedinho nos lábios, como se pensando, então lançou um olhar breve e malicioso a Ross.

– Ah, há cerca de uma hora.

Jude gaguejou. Lucy o ignorou.

– Ele só quis vir para o caso de você resolver ser um idiota com meu presente.

O sujeito zombou.

– Ah, é? E o que ele vai fazer se eu disser que não vou te entregar?

Ross cerrou os punhos e enrijeceu o maxilar. Deu um passo em direção à porta. Não conseguia se lembrar de já ter se sentido tão ávido para socar alguém, mas achava que não. Algo no modo como aquele babaquinha falava com Lucy fazia nascer o herói superprotetor nele.

Ela ergueu uma das mãos, detendo-o.

– Tudo bem. Jude, por favor, não seja um chato com isso. Você pode simplesmente entregar minha encomenda? – Ela vasculhou na bolsa e pegou um chaveiro. – E aqui está, estou devolvendo.

Ele arrancou a chave da mão dela, lançou mais um olhar para Ross, então retornou ao apartamento. Voltou alguns segundos depois, empurrando uma caixinha embrulhada em um papel de presente para ela. Estava amassada, suja, um pouco rasgada.

Lucy ficou olhando para o pacotinho, o lábio inferior tremendo, então o pegou. Um leve agitar da caixa fez ressoar um tilintar. O papel no qual o presente estava embrulhado estava molhado.

O que quer que houvesse dentro, contivera algum tipo de líquido. E estava quebrado.

– Você não fez isso – sussurrou ela, a voz densa. Os olhos estavam úmidos por causa das lágrimas iminentes.

Jude deu de ombros.

– Ei, só achei que não devia ser importante, se você deixou aqui, então eu ia jogar fora.

Aparentemente o desgraçado já tinha jogado. Contra uma parede.

Furioso, Ross deu mais um passo em direção a Jude.

– Seu babaca imbecil.

Dessa vez Lucy estava distraída demais por causa do presente arruinado em suas mãos para detê-lo.

Ótimo. Aquilo deixava Ross livre para colocar as mãos em seu ex-namorado e enfiá-lo de volta no apartamento. O sujeito tropeçou em uma mesa, cambaleando para trás alguns passos antes de cair sobre seu traseiro arrogante.

– Mais um passo e vou chamar a polícia! – guinchou ele. Obviamente o bonitinho não estava acostumado a ter ninguém ameaçando seu serzinho perfeito e mimado.

– Eu poderia quebrar seu dentes antes de eles chegarem aqui – rosou Ross.

O outro se arrastava para trás enquanto Ross o seguia, passo a passo.

– Olha, sinto muito, está bem? – desculpou-se ele. – Lucy, por favor, você sabe que eu não faria nada para magoar você. Foi um acidente.

– Acidente uma ova – disse Ross quando se abaixou e agarrou o sujeito pela gola de seu suéter de grife.

Ele cerrou a mão direita, mas antes que pudesse fazê-lo voar para socar Jude, Lucy lhe agarrou o braço.

– Solte-o. Por favor, Ross, simplesmente vamos sair daqui. – Ela ofereceu um olhar seco ao ex. – Ei, Jude me fez um favor. Se eu tinha qualquer dúvida sobre ele ser uma pessoa repugnante e odiosa, isso eliminou totalmente meus dilemas.

– Amor...

– Vá se ferrar, Jude – rebateu ela.

Ross sorriu, então, como um extra, empurrou o sujeito até ele cair no sofá, se esparramando em cima dele.

Ross olhou para Lucy, vendo que ela abraçava o pacotinho junto ao peito, aparentemente sem se importar por estar molhado. Era como ver alguém que acabara de perder seu bem mais precioso. Ninguém merecia uma traição, a humilhação e então, para completar, ter algo importante destruído. Lembrando-se do que ela havia dito, sobre a família ser apenas ela e o irmão depois da morte dos pais, Ross sentiu o coração se apertar no peito, sabendo o quanto o presente do irmão devia significar para ela.

A própria família o enlouquecia às vezes, principalmente seu pai excessivamente controlador, mas ele não conseguia imaginar a vida sem eles. Ela era tão jovem para suportar aquele tipo de tristeza. De uma coisa ele sabia, Lucy Fleming devia ser uma jovem muito forte. E indulgente, se estava determinada a impedi-lo de arrebentar a cara de seu ex.

– Por favor, podemos simplesmente ir embora? – pediu ela.

Sim. Ela parecia bastante determinada. Sorte de Jude, muito embora aquilo não deixasse Ross muito feliz.

– Tudo bem – disse ele a ela.

Ele lhe deu o braço e a guiou até a porta, olhando por sobre o ombro antes de saírem. O ex ainda estava no sofá, um sorrisinho de sarcasmo nos lábios. Como se ele tivesse sido o lesado em toda aquela confusão.

O poço fervente de raiva dentro de Ross se revertera para um fervilhar lento, e ele percebera que precisava sair dali antes que a coisa voltasse a esquentar. O babaca de camisa de grife finalmente tinha

percebido os méritos de ficar calado, mas aquele olhar no rosto dele estava tirando Ross do sério. Se o outro abrisse a boca outra vez, ou uma única lágrima caísse dos olhos de Lucy, ele iria acabar com a raça do moleque.

Lucy apertou o braço de Ross, como se soubesse o que ele estava pensando. Então ele não o faria. Mas havia algo que não o permitia sair sem um último tiro.

– Ei, cara, não se preocupe. Eu não bateria em você. Não me arriscaria a estragar esse seu rostinho bonito, pois, para mim, parece que você realmente precisa dele.

– O que você quer dizer? – rebateu o outro, começando a se levantar. Encorajado, talvez, por Ross estar admitindo que não teria batido nele?

Dê-me apenas um motivo, moleque.

Ross deu de ombros quando Lucy seguiu pelo corredor, na frente dele.

– Quero dizer, parece que você precisa de toda ajuda necessária. Pelo que eu soube, você não tem apenas um pescoço fininho, tem um pintinho fininho também. – Fazendo um *tsc*, ele balançou a cabeça. – Pior ainda, um pintinho murcho, esquisito.

O rosto de Jude explodiu em rubor e ele começou a murmurar, mas não conseguiu dizer nada propriamente. O que, na cabeça de Ross, confirmava o que Lucy havia dito a respeito dele. Um sujeito com um grama de autoconfiança teria rido, ou zombado. Jude simplesmente parecia querer chamar a mamãe para obrigar ao garoto novato a parar de dizer coisas malvadas para ele.

– Ah, a propósito – acrescentou ele: – Feliz aniversário.

Ross bateu a porta, para não dar a Jude a oportunidade de vir com uma resposta devastadora. Não que ele pudesse, da fato, mas, cara, qualquer sujeito incapaz de se defender de acusações sobre órgãos sexuais pequenos não tinha muito como se garantir.

Só quando chegaram ao elevador, seguindo para o térreo, é que Ross olhou para baixo e notou os ombros de Lucy tremendo. Era como se ela tivesse se segurado, mantendo as emoções sob controle até sair da visão do ex, mas agora que eles estavam a sós, a tristeza dela por causa dos eventos do dia veio desabando.

Ross a fez se virar para ele. Tinha a intenção de tomá-la nos braços, dar tapinhas totalmente sem jeito em suas costas ou fazer o que quer que os homens faziam para consolar mulheres chorosas. Mas antes que pudesse fazê-lo, percebeu que tinha cometido um enorme engano.

– Ai... meu... Deus – disse ela, entre arfadas, as quais não eram causadas por lágrimas, mas, em vez disso, por risadas. Ela olhou para ele, os lábios tremendo, os olhos brilhando de alegria. – Você viu a cara dele?

– Vi – respondeu, sorrindo para ela, tão satisfeito por ela não estar arrasada por causa de Jude, que ele teve vontade de carregá-la e girá-la nos braços.

– Muito obrigada – disse Lucy. – Você foi meu cavaleiro de armadura brilhante.

Ele sorriu e gesticulou para sua jaqueta.

– Carpinteiro de couro manchado, na melhor das hipóteses.

A boca bonita dela se abriu em um sorriso.

– De um modo ou de outro... Meu herói. – Então, ainda parecendo brincalhona, feliz, agradecida, ela ficou na pontinha dos pés e roçou os dedos delicados no rosto dele. Ross teve cerca de um segundo para processar ao que ela estava prestes a fazer antes e pressionar seus lábios suaves ao encontro dos dele.

Era um beijo de agradecimento, Ross não tinha dúvidas sobre isso.

Doce. Delicado. Simples.

Incrivelmente bom.

Deveria ter sido nada além de um roçar de três segundos de pele com ele, uma expressão de gratidão entre duas pessoas que realmente não se conheciam ainda, mas definitivamente queriam se conhecer.

Mas que se dane se Ross quis deixar a coisa rolar por aquele caminho. Assim que sentiu a boca de Lucy, compartilhou de seu hálito doce, um impulso tomou conta. Ele ergueu as duas mão, colocando uma delas no rosto de Lucy. A outra se enredou nos longos e densos cabelos, sentindo puro prazer naquela maciez, deixando com que deslizasse entre seus dedos como água.

Ele aprofundou o beijo, deslizando a língua para provocar a dela. Lucy gemeu levemente, aceitando o que ele oferecia e pagando para ver ao inclinar a cabeça e abrir mais a boca. *Obrigada e Sempre às ordens* se transformaram em *Eu quero você e Onde fica a cama mais próxima?* em cerca de dez segundos. A doçura se foi, e o calor eclodiu quando as duas línguas investiram e se entrelaçaram.

– Cof, cof.

A voz levou um segundo para se intrometer. Porém mais um pigarro e um risinho abafado finalmente invadiram a consciência infundida de Lucy. Aparentemente eles tinham chegado ao térreo. A porta do elevador havia se aberto e ambos estavam fornecendo um belo espetáculo às pessoas que aguardavam no saguão.

Cheio de pesar, Ross se afastou, olhando para o lindo rosto corado de Lucy, observando o modo como os longos cílios pousavam sobre suas maçãs do rosto proeminentes. Ela manteve os olhos fechados um instantinho além, se inclinando um pouco em direção a ele. Porém a caixa de presente junto ao seu peito impediu que ela derretesse ao encontro do corpo dele.

E a plateia repentina e indesejada o impediu de tirar a caixinha dali.

– Chegamos – sussurrou ele.

Ela abriu os olhos. Vendo os estranhos observá-los, dois jovens rapazes abraçados, ambos sorrindo largamente e uma senhora de cabelos grisalhos cujo sorriso, se é que isso era possível, estava ainda mais largo, Lucy gaguejou um pedido de desculpas.

– Não precisa se desculpar – disse um dos sujeitos, abanando uma das mãos quando Lucy e Ross saíram do elevador.

O outro assentiu em concordância.

– Diga-me que isso significa que você largou o sujeito do apartamento 6C.

Lucy ficou boquiaberta.

– O qu...?

– Ele é podre – disse a mulher, se enfiando na conversa como se todos eles se conhecessem há anos.

Na verdade, Ross suspeitava que fossem completos estranhos para Lucy. – Um dissimulado.

Ross tossiu sobre o punho cerrado ao ouvir tal descrição, mas os dois sujeitos já estavam concordando.

– Ele é, com certeza.

– Nós nos conhecemos? – perguntou Lucy, balançando a cabeça em confusão, confirmando a suspeita de Ross.

– Não – disse o sujeito de cabelos escuros. – Mas todos nós moramos no sexto andar. E, querida, o sujeito do 6C é *nojento*. Não faz seu tipo!

– Obrigada – murmurou ela, parecendo ainda mais constrangida do que antes. Considerando que completos estranhos estavam dissecando sua vida amorosa, Ross podia ver o motivo.

O homem de cabelos claros deu uma espiada em Ross.

– Você bateu nele?

– Não.

A sra. Velhinha Intrrometida suspirou pesadamente.

– Que pena. Eu tinha esperanças que alguém fizesse isso. Aquele garoto podia aprender alguma coisa depois de uma surra.

– Bem, considerando o quanto conheço dele até agora, não duvido que um dia suas preces sejam atendidas – disse Ross.

Ele e Lucy murmuraram despedidas para os três novos amigos, então seguiram para a portaria. Quando se aproximaram do porteiro, este ofereceu a Lucy uma piscadela conspiratória, como se concordasse com a opinião dos outros moradores sobre seu ex. O que era legal, mas provavelmente servia para fazer Lucy sentir-se ainda pior por ter namorado o dissimulado do 6C.

Ele pegou a mão dela e a apertou.

– Não se culpe por isso.

Ela arfou, surpresa, e parou a meio caminho do saguão. Olhando para ele, pareceu chocada por ele ter sido capaz de decifrar o que ela estivera pensando.

– Ele é um vigarista, Luce – disse Ross com um dar de ombros. – Ele se transformou no que você queria que ele fosse.

– Sim, foi isso – murmurou ela. – Mas como você sabia?

– Homens fazem isso o tempo todo, especialmente com garotas que não, hum... – Ele não queria ser grosseiro o suficiente para falar *liberam*, no entanto era isso que queria dizer.

– Saquei – disse ela. – E obrigada por não me dizer que fui uma completa idiota por não enxergar antes.

– Você *enxergou* – explicou ele reprovando a autorrecriação na voz dela. – E provavelmente esse é o motivo pelo qual você não, hum...

Dessa vez, durante a pausa dramática, enquanto ambos preenchiam as lacunas mentalmente, Lucy de fato riu.

– Você realmente é um cara legal, não é?

– Tenho algumas ex-namoradas que discordariam, mas meus pais gostam de achar que sim.

– Acho que vou ficar do lado dos seus pais nessa.

– Vou me certificar de que eles saberão disso – respondeu ele com um sorriso.

Ela retribuiu o sorriso, então, sem dizer mais uma palavra, segurou a mão dele e se voltou para a saída outra vez.

Quando os dedos delicados se entrelaçaram aos dele, o coração de Ross saltitou. Ele a havia beijado, tocado... mas isso era um pouquinho mais. Não era um simples toque. Aquela mão apertada à dele estava tão relaxada e descontraída, como se ela já confiasse nele, como se eles já se conhecessem há semanas em vez de horas.

Ross sinceramente não sabia bem o que iria acontecer quando eles saíssem daquele prédio. Ele havia feito o que se propusera a fazer: acompanhá-la até a casa do ex-namorado para recuperar seu presente. Mas e agora? Eles não tinham feito outros planos. Era véspera de natal, as ruas estavam uma loucura, ele tinha milhões de coisas para fazer. Mas assim que saíram à luz daquele dia revigorante de dezembro, vívido com o ressoar da vida urbana, com as risadas e com a energia, Ross só conseguia pensar que a última coisa que queria era dizer adeus a Lucy.

Capítulo Cinco

Atualmente

Chicago, 23 de dezembro de 2011

EMBORA ELE soubesse que Stella estava com os cheques dos subcontratados prontos, Ross esperava que levasse um tempinho para ela encontrar o de Lucy. Enquanto houvesse pessoas no edifício, seria fácil demais para ela escapar. Quanto mais tempo levasse, maiores seriam as chances de ela não conseguir evitá-lo durante a saída.

No entanto, de algum modo, ela quase conseguiu. Ele nem mesmo percebeu que ela estava indo embora, até ver uma cabeça com cabelos densos e escuros enfeitada por um chapéu de elfo verde com penacho entrando no elevador.

– Droga – murmurou ele.

– O quê?

Notando a expressão surpresa de um de seus gerentes de projeto, que havia parado para conversar depois que o sr. Whitaker foi embora, Ross murmurou:

– Desculpe, eu só me lembrei de uma coisa que esqueci de resolver.

Como pegar o endereço e telefone de Lucy, além de sua promessa de se encontrarem muito em breve para que pudessem conversar. Sobre o que conversariam exatamente, ele não sabia. Seis anos pareciam muito tempo para ter uma conversa tipo como-você-tem-passado. Então talvez ele ignorasse os “como você tem passado” em favor do “o que vai acontecer agora?”

Então ele se lembrou de que Stella havia contratado Lucy. Stella certamente sabia como entrar em contato com ela. Além do mais, Lucy mencionara estar morando ali, trabalhando ali... não devia ser difícil encontrá-la na internet.

Então, sim, ele podia ser razoável, maduro e paciente a respeito disso. Podia esperar até depois das festividades e então telefonar para ela em algum momento de janeiro para dizer um olá e ver se ela gostaria de encontrá-lo.

Mas alguma coisa, talvez o olhar dela quando dissera que ele saberia seu paradeiro se tivesse telefonado nos últimos seis anos, não o deixaria esperar. Ele não poderia ter dito isso diante de

ninguém na festa; não tinha certeza se teria encontrado as palavras certas, mesmo que ambos tivessem sido deixados a sós. Ainda assim, Lucy merecia uma explicação. Mesmo que a considerasse esfarrapada e optasse por continuar a odiá-lo, Ross se sentiria melhor caso se explicasse.

E aí começaria a se empenhar para fazer Lucy deixar de odiá-lo.

– Obrigado pela festa, senhor Marshall – disse seu funcionário. – As crianças realmente adoraram.

– Fico feliz. Ei, um ótimo feriado para você e sua família – respondeu Ross, já seguindo para a porta cerrada da escada de emergência.

Era uma opção. O elevador podia fazer algumas paradas a caminho do saguão no térreo, ainda havia funcionários em outros andares, fazendo fechamentos pré-feriado. Se ele se apressasse, poderia alcançá-la lá embaixo.

Ele podia não estar mais segurando um martelo ou fazendo trabalho braçal pesado dez horas ao dia, mas Ross se exercitava nas horas livres. Então descer correndo seus lances de escada não o cansou de fato. Assim que ele irrompeu pelas portas que davam para o saguão ladrilhado do prédio, surpreendendo Chip, o segurança mais velho do local, a porta do elevador estava acabando de abrir, e várias pessoas saíram, algumas carregando caixas, sacolas de presentes, pratos de comida, pastas para trabalhar em casa.

Uma delas não carregava nada, no entanto usava um chapéu bobo.

– Como você...?

– Escadas – disse ele. – Você realmente ia embora sem se despedir?

– Você realmente me perseguiu por seis lances de escada abaixo?

Ele revirou os olhos.

– Perseguir? Isso é um pouco dramático.

– Você está ofegante e suado – acusou Lucy, dando um passo adiante e franzindo a testa. – Nem tente dizer que não correu por cada degrau no caminho.

Ele não conseguiu conter um sorrisinho.

– Pego no flagra.

– A pergunta é... por quê?

– Eis uma pergunta melhor. Por que você iria embora sem se despedir?

– Nós nos despedimos há muito tempo – rebateu ela.

Ele assobiou.

– O que foi?

– Você ainda está realmente brava comigo.

Ela aprumou aqueles ombros magros e empinou o queixo.

– Isso é ridículo.

Lucy obviamente estava tentando ostentar um olhar fulminante, porém, com aquele chapéu bobo e o penacho pendurado batendo em seu rosto, ela só conseguia ficar adorável. Ross não conseguiu evitar erguer uma das mãos e recolocar o penacho no lugar, a ponta de seus dedos roçando na pele macia da bochecha dela.

Lucy encolheu como se tivesse sido tocada por ferro quente.

– Não.

– Jesus Cristo, Lucy, você me odeia? – sussurrou ele, percebendo pela primeira vez que aquilo podia não ser mera bravata. Será que era possível que, durante os últimos seis anos, enquanto ele estava

sentindo-se péssimo, mesmo enquanto se parabenizava por ter estar fazendo a coisa certa, madura, ela o estava odiando?

– É claro que não odeio você – disse ela, soando irritada. Como se estivesse falando a verdade, mas não estivesse exatamente feliz por tal fato.

Então ela *queria* odiá-lo?

– Podemos por favor nos sentar em algum lugar e beber uma xícara de café?

Uma expressão melancólica cruzou o rosto dela, como se Lucy também estivesse se lembrando do primeiro encontro deles naquela cafeteria em Nova York.

– Não posso – murmurou ela. – Preciso ir ao banco antes de fechar, e antes de começar a nevar.

– Eu vou andando até lá com você.

– Estou de carro.

– Eu vou de carro com você.

Ela bufou.

– Você continua persistente, não é?

– Só quando é importante.

– E quando foi que me tornei importante para você?

No dia em que nos conhecemos. Ele não disse tais palavras, mas suspeitava que ela enxergasse aquela resposta em seus olhos.

– Olha, Ross, juro que não estou guardando rancor – disse ela. – Então você não precisa desviar do seu caminho para tentar fazer as pazes comigo.

– Não é isso que estou fazendo. Eu só... Senti saudade de você. Muita.

– Como você pode sentir saudade de alguém com quem ficou durante apenas um fim de semana, anos atrás?

– Você está me dizendo que não sentiu a mesma coisa? – Se ela dissesse que não, ele se convenceria a acreditar. Ele a deixaria em paz. Consideraria aquilo uma daquelas lições de vida nas quais uma lembrança de determinada época considerada perfeita se mostra algo muito menor do que isso para a pessoa com quem você a compartilhou.

Lucy não respondeu de imediato. Sem querer que ela passasse batido sobre aquela história, respondesse sem pensar, Ross levantou uma das mãos. Havia algumas mechas dos cabelos sedosos dela caídas no rosto. Ele passou os dedos nelas, sentindo o calor subir por todo seu braço. Ela fechou os olhos, os cílios escuros em contraste à pele clara. E ele pôde jurar que ela chegou a aninhar o rosto na mão dele por um instante.

Ross gemeu, como se impotente para resistir a ela agora do mesmo jeito que ficara naquele primeiro dia, no elevador. Ignorando o olhar surpreso do guarda, que era a única pessoa no saguão, Ross se inclinou para Lucy e roçou os lábios nos dela, delicadamente, exigindo nada além de uma chance.

Ela hesitou pelo mais breve dos instantes, então derreteu ao encontro dele. Dessa vez não havia nenhuma caixinha amassada separando os corpos deles; ele ficou satisfeito ao descobrir que ela ainda se encaixava perfeitamente no corpo dele, como sempre. As curvas delicadas acolheram os ângulos rijos dele, os pés se separando um pouco quando ela roçou as pernas nas dele e arqueou para ele.

A doçura chamejou para o desejo, exatamente como tinha acontecido na primeira vez que se beijaram. Ross pôs as mãos nos quadris dela e a puxou para mais perto. Varrendo a boca de Lucy com a língua, ele ousou ir mais além. Ela, é claro, aceitou a ousadia, recebendo o que ele oferecia e arriscando mais ao erguer os braços para enlaçar o pescoço dele. As línguas investiram juntas, quentes, lânguidas e

profundas, fazendo Ross pensar em como jamais ao menos imaginara que beijar outras mulheres poderia ser tão bom quanto beijar esta. Tudo em Lucy era tão inebriante agora quanto tinha sido. Talvez até mais, porque Lucy não era mais a garota doce com cara de estudante. Ela agora era mulher, em cada centímetro. E ele tivera o imenso privilégio de transformá-la naquela mulher.

Talvez fosse isso que tornasse esse beijo diferente do primeiro. Antes, havia curiosidade e surpresa, navegando em uma onda de pura atração.

Agora eles sabiam o que poderiam ser um para o outro. Conheciam o prazer que eram capazes de criar juntos. Sabiam como era estar nus, excitados e grudados enquanto a sanidade recuava e o desejo tomava conta de cada pensamento consciente. E de muitos sonhos.

Ela ergueu a perna sutilmente, entrelaçando-a ao redor da dele, e Ross ecoou o leve gemido que ela emitiu quando arqueou mais intensamente ao encontro dele. Não havia como ela não sentir a ereção rija dele, assim como o calor entre as coxas que instintivamente o embalava.

Os seis anos caíram por terra, juntamente ao tempo, lugar e quaisquer preocupações sobre uma possível plateia. Só existia aquilo, só os dois, explorando algo que esteve faltando na vida deles por tempo demais.

Embora ele se sentisse ausente em relação a tudo no mundo, exceto a Lucy, Ross finalmente percebeu um pigarrear, Chip?, seguido por um som de campainha que indicava a chegada do elevador. O deslizar das portas foi seguido por um rugido surdo de vozes risonhas; os últimos convidados da festa... ou seja, seus funcionários estavam prestes a ir para casa.

Ele e Lucy findaram o beijo rapidamente e se separaram.

– Déjà vu outra vez – murmurou ele. Só que, dessa vez, eles tinham sido flagrados *do lado de fora* do elevador.

Ela de fato riu um pouquinho, aquela risada doce e tépida que era tão tipicamente dela. Ao longo dos anos, Ross escutara aquele som na mente, sempre esperando de algum modo ouvi-lo outra vez, muito embora nunca se permitisse acreditar que um dia iria ouvir novamente.

– Espero que a gente não vá ouvir alguma senhora dizendo que o sujeito no sexto andar é dissimulado.

– Ei, meu escritório fica no sexto andar – disse ele com uma risada, satisfeito por perceber que Lucy se lembrava daquele dia tanto quanto ele.

Um grupo saiu do elevador.

– Boas festas! – disse um de seus funcionários, que saiu com sua esposa grávida.

Ross meneou a cabeça para o casal, e para outros três que vieram a seguir.

– Desejo o mesmo. Cuidado aí fora... A nevasca vai ser feia.

Murmurando despedidas, o grupo rumou para a saída. Foram escoltados por Chip, que girou uma chave para operar as intrincadas trancas eletrônicas que transformavam o local em uma fortaleza. Com o escritório fechado ao público hoje, Chip ficara ocupado bancando o porteiro, permitindo a entrada de funcionários para a festa e, agora que estava terminada, a saída deles.

Felizmente o guarda nunca reclamava. Nem mesmo sobre o fato de ter trabalhado a noite toda, durante uma nevasca iminente, pouco antes de noite de Natal. Eles podiam até não ter segredos de estado para serem roubados, mas alguns de seus concorrentes arriscariam muita coisa pela oportunidade de pôr as mãos em documentos de pré-licitação. Com milhões de dólares em projetos de construções de alto nível em jogo, a espionagem corporativa nunca fora tão perigosa. Além do mais, a Elite havia investido muito dinheiro em computadores e equipamento. Manter a segurança em período

integral do lugar era uma coisa que Ross impusera firmemente, indo de encontro ao seu pai avarento, que adorava botar um dedinho nos negócios, muito embora tecnicamente já estivesse aposentado.

– Espere, estou indo embora também – disse Lucy quando Chip recomeçou a trancar as portas.

– Lucy...

Ela ergueu uma das mãos e passou por Ross.

– Por favor, Ross, realmente preciso ir.

Ela soava mais determinada a ir embora do que tinha soado antes de ele beijá-la. Não que ele se arrependesse por isso. Nem um pouco.

Chip olhou para Ross, como se perguntando se deveria abrir. Ross assentiu uma vez. Não podia manter Lucy ali contra sua vontade. Nada havia mudado; ele usara sua chance, e perdera.

Mas apenas por enquanto.

Definitivamente. Eles foram pegos de guarda baixa, tomados completamente de surpresa quando trombaram um no outro hoje. Agora, no entanto, ele sabia que Lucy estava morando em Chicago. Não havia mais razões geográficas para fazê-lo desistir. E ele também não era mais jovem, raivoso ou rancoroso o suficiente para permitir que situações externas e exigências o fizessem se afastar dela pela segunda vez.

Era como se ela tivesse sido entregue de volta à vida dele outra vez, como o melhor presente de Natal. Aquele pelo qual você nunca esperava, mas quando rasgava o papel compreendia que era exatamente o que estava esperando.

Não, ele não estava a um passo de deixá-la escapar novamente, mas conhecia o velho ditado sobre escolher suas batalhas. Lucy estava com a guarda alta, então estava desconfortável ali naquele território e não tivera tempo para avaliar o que tudo aquilo significava para si. Então ele lhe daria alguns dias para descobrir, e então tentaria novamente. Daí, na próxima vez que pedisse a ela que o ouvisse, ele não aceitaria um não como resposta.

– Adeus, Ross – disse ela, sem nem mesmo se virar para encará-lo. A voz dela veio suave, baixa, e ele suspeitava que ela estivesse tentando desesperadamente esconder suas emoções.

Ele precisava deixá-la ir. Precisava confiar que aquela era a coisa certa a se fazer para conseguir tê-la de volta.

– Adeus – respondeu ele. – E Lucy?

Ela hesitou, então olhou para ele por sobre o ombro.

– Feliz Natal.

Uma breve hesitação, então um sorrisinho se abriu nos lábios perfeitos.

– Bah, que bobagem!

E então ela desapareceu no crepúsculo.

NORMALMENTE LEVAVA 20 minutos para chegar à agência mais próxima de seu banco. Mas hoje, Lucy estava lidando com uma noite de sexta-feira, véspera de feriado, trânsito engarrafado por causa da nevasca. Então ela não conseguiu chegar ao caixa eletrônico antes de fechar, às 19h.

Faixas brancas grossas começaram a aparecer no para-brisa de seu jipe enquanto ela aguardava na longa fileira de carros. Lá em Nova York a neve costumava ficar com 30 centímetros, mas ali São Pedro parecia adorar enviar ventos perversos e arrepiantes em meio às suas gotas gélidas. Os flocos de neve

não era daqueles bonitinhos e delicados que beijavam seu rosto nu suavemente. Estes eram grandes, escorregadios e molhados, pousando com golpes.

Assim que fez o depósito, Lucy seguiu diretamente para casa. Por sorte ela acreditara na previsão do tempo e fizera suas compras no dia anterior. Após fazer um estoque de chocolate, Coca diet e DVDs, ela estava ansiosa por um fim de semana dentro de casa, comendo besteiras, assistindo a filmes de catástrofes e fazendo compras via internet.

A volta para casa foi complicada, muito embora seu jipe tivesse tração nas quatro rodas. Sua maior preocupação era enxergar através do manto branco em turbilhão diante do para-brisas. Chicago normalmente era uma cidade clara, mesmo à noite; muito embora aquele tipo de nevasca não refletisse a luz do jeito que ocorria em alguns lugares com neve. Aquela neve ali sugava a luz, tornando difícil enxergar as luzes da cidade.

Levou quase duas horas. Quando chegou ao seu prédio, Lucy não estava apenas com frio e cansada, como na verdade estava agitada por ter precisado ficar tão alerta enquanto dirigia.

Uma vez dentro de seu apartamento, ela tirou seu casaco e seguiu para o banheiro. Um banho quente soava como o jeito perfeito para se livrar do estresse. Ela prometeu a si que, uma vez no banho, não iria passar nem um minuto pensando em Ross. Ou naquele beijo.

Por que você foi retribuir o beijo?

Provavelmente porque estava curiosa, se perguntando se as lembranças tinham falhas. Será que o breve relacionamento entre eles foi mesmo tão intenso quanto ela dizia a si ter sido? Será que todos os outros homens com quem ela estivera de fato eram sem graça em comparação a Ross, ou eram suas fantasias desejosas que colocavam desse modo?

Aquele beijo tinha respondido a todas as dúvidas dela: ela não havia imaginado nada, nada.

– Pare de pensar nisso – ordenou a si quando entrou na banheira. A água quente a incomodou no início, mas depois ela acolheu a sensação, e acolheria qualquer coisa capaz de tirar sua mente do homem que estivera beijando há poucas horas.

Não funcionou. Ross ficou mais proeminente em seus pensamentos. Não apenas o Ross de hoje, mas aquele que ela conhecera antes. O sujeito de quem tinha sido tão incrivelmente íntima.

O calor, o perfume do banho de espuma, a penumbra do cômodo, iluminado apenas por velas... tudo a seduzia. A sensação da água em cada centímetro de seu corpo... entre as coxas, acariciando as pontas dos seios... tudo deixava seus nervos agitados.

Mas quando o assunto era excitá-la de verdade, seu cérebro fazia todo o trabalho pesado. Era fácil demais se lembrar da sensação mágica das mãos dele em seu corpo, do jeito doce e sensual como ele beijava, dos gemidos de prazer que ele fazia quando chegava ao êxtase.

A mão dela deslizou para baixo, raspando pela pele escorregadia, provocando a ponta enrugada de um seio. O contato enviou um calor escaldante lá para baixo, até seu sexo latejar. Ela fechou os olhos, jogou a cabeça para trás, era fácil imaginar que eram as mãos *dele* ali nela, os dedos *dele* acariciando o clitóris delicadamente até ela começar a suspirar.

Lucy se rendeu ao desejo, e deixou a mente fluir livremente. Lembranças deram lugar à imaginação e seu corpo, carente de conexão física há muitos meses, desde que ela fora embora de Nova York, reagiu de maneira apropriada. Logo um orgasmo lento e cálido deslizou pelo corpo dela. Ela suspirou um pouco, estremecendo e saboreando-o. Porém a satisfação foi embora depressa demais.

Simplesmente não dava para comparar com a coisa real. Para Lucy, fazer sexo nunca havia sido o objetivo; era a partilha da experiência que ela amava. E não podia negar, mesmo depois de todos esses

anos, depois do silêncio e do pesar, que ela queria compartilhar toda aquela experiência com ele.

Ela finalizou seu banho rapidamente, repassando os acontecimentos do dia na mente enquanto lavava o cabelo. Enquanto lembrava de tudo, incluindo o jeito como ela tentara escapular do prédio quando Ross virou as costas, algo começava a incomodar lá no fundinho de seu cérebro. No começo ela não conseguiu identificar o que era, apenas sentindo como se tivesse se esquecido de alguma coisa. Algo importante.

Só quando estava vestida e usando um suéter confortável, com o cabelo envolto em uma toalha, é que ela percebeu o que era.

– Ai, não! – berrou.

Lucy correu até a sala de seu apartamento, notando sua bolsa em cima da mesa. Só a bolsa.

– Sua *idiota!*

Porque, embora esperasse e torcesse para ter simplesmente se esquecido de tirá-los do carro, ela temia seriamente ter deixado suas posses mais preciosas no escritório da Elite Construction: a bolsa com a câmera e todas as suas lentes especiais caríssimas.

Ela se empoleirou em uma cadeira, tentando lembrar todos os momentos. Lembrou-se de colocar os equipamentos no trono do Papai Noel antes de sair com Stella. Quando voltou, viu Ross. Desesperada para sair sem ser vista, correu para o elevador. Sem parar para pegar sua bolsa com a câmera e as lentes.

– Droga – soltou ela, tentando concluir se aquilo era só ruim ou se era catastrófico. Lucy tinha trabalhos grandes agendados para a semana seguinte. A segunda-feira seria com uma família muito rica, que queria fazer uma foto de Natal em casa. Eram do tipo que realmente poderiam lhe dar uma boa ajuda para prosperar dentre os abonados de Chicago.

Infelizmente Lucy se lembrou do que Stella dissera sobre os escritórios da Elite: após esta noite, eles ficariam fechados até janeiro.

Olhou para o relógio... quase 22h. Então pela janela. E neve ainda caía constantemente, mas aparentemente o vento havia abrandado um pouco. Ela de fato conseguia ver o estacionamento lá embaixo, conseguia distinguir os carros dirigindo lentamente na rua principal, que havia sido arada, embora o estacionamento em si não tivesse sido.

Se o escritório fosse no centro da cidade, ou tão longe quanto o banco, ela provavelmente não teria arriscado. Mas era perto, talvez uns três quilômetros. E o guarda poderia até estar trabalhando. Não havia garantias de que este seria o caso na segunda-feira, principalmente se a cidade inteira ficasse coberta pela neve até lá.

Claro, se isso acontecesse, seu próprio trabalho agendado poderia ser cancelado também. Mas se não fosse assim, se o meteorologista tivesse superestimado dessa vez, e tudo estivesse bem na segunda-feira, será que valia realmente arriscar não estar com o equipamento do qual ela precisava para o trabalho?

Convencida, Lucy correu para seu quarto e vestiu uma calça jeans e um suéter grosso. Colocando as botas e seu casaco mais quente, ela seguiu para fora. A neve em seu carro estava espessa e molhada, e durante todos os minutos que passou limpando foi lembrada de que era louca por ir atrás de sua câmera no início de uma nevasca.

Felizmente, assim que ela saiu do estacionamento e entrou na estrada lamacenta, viu que as coisas estavam melhores do que quando ela havia chegado em casa, uma hora atrás. A neve estava mais densa, sim, mas ela não precisava mais se inclinar para a frente e encostar o nariz no para-brisa para

enxergar. Aparentemente São Pedro estava lhe dando um fresco... uma janela curta livre do vento. Ela só esperava que essa janelinha não fosse fechada até que pudesse retornar para casa.

A mesma estrada que ela levara apenas alguns minutos para percorrer de manhã lhe tomara 15 minutos esta noite. Mas quando ela chegou ao estacionamento da Elite Construction e viu o veículo da segurança estacionado lá, além das luzes quentes e acolhedoras no primeiro andar, ficou feliz por ter arriscado.

Estacionando, ela correu para a entrada e bateu à porta. O sujeito lá dentro levou um susto tão grande que quase caiu de seu banquinho. Ele se aproximou, berrando:

– Estamos fechados!

– Eu sei! – disse ela, então tirou o capuz para que ele pudesse ver seu rosto. Esperançosamente ele se lembraria dele, se não por outro motivo, pelo menos pelo fato de ela estar dando amassos em um de seus colegas de trabalho há algumas horas. – Lembra-se de mim? Eu estive aqui mais cedo.

Ele assentiu e sorriu. Sacando o imenso chaveiro, destrancou a porta e a incitou a entrar.

– Deus, senhorita, o que está fazendo aí fora em uma noite como essa?

– Eu não estaria aqui se não estivesse desesperada. – Ela limpou os pés em um enorme capacho. – Preciso subir para o andar onde a festa foi realizada. Esqueci uma coisa e preciso pegar esta noite.

– Deve ser muito importante – disse ele, as sobrancelhas grisalhas se unindo. – Não é uma noite boa para nenhum homem ou bicho sair.

Ela riu, reconhecendo a frase de um programa de TV ao qual amava assistir quando criança.

– Você acha que pode me deixar subir para procurar por minhas coisas?

– Vou acompanhá-la até lá em cima. Preciso fazer minha ronda, de qualquer forma.

Ele a guiou até o conjunto de elevadores e digitou um número no teclado mais próximo. A luz acima se acendeu e a porta se abriu. Coisa bem moderna. É claro, ela havia notado mais cedo que o prédio novíssimo tinha toda a parafernália mais moderna.

Chegando ao sexto andar, Lucy correu para a área onde a cabine de fotos havia sido armada. Já estava tudo desmontado. Não havia mais trono do Papai Noel, assim como sua bolsa e seu estojo.

– Ai, droga.

– Algumas coisas foram deixadas na sala de descanso – informou ele. – Se é coisa de valor, é possível que alguém tenha guardado no armário trancado para você.

– Pode ser. Stella me viu deixando a câmera e as lentes aqui.

– Vamos verificar no escritório dela primeiro então – disse ele, acompanhando-a pelo corredor, até a suíte executiva. – Ele entrou antes dela, mas antes que Lucy tivesse ao menos a chance de segui-lo, ela o ouviu exclamar: – Ah, não, cuidado, senhor!

Seguindo o olhar dele, Lucy olhou pela janela, para a rua abaixo, e viu um carro rodando descontroladamente na pista. Ele patinou para fora da rua, aquaplanando pelo estacionamento onde a caminhonete da segurança da Elite Construction estava estacionada. Lucy estremeceu, duvidando que o motorista conseguisse recuperar o controle.

Ele não recuperou.

– Que desgraça – disse o guarda. Ele lhe lançou um olhar breve. – Importa-se de continuar procurando sozinha? Vou descer e me certificar de que o motorista está bem. Se suas coisas não estiverem aqui, verifique o refeitório no fim do corredor, quarta porta à esquerda.

– Claro – respondeu Lucy, então observou o senhorzinho se apressando. Ela examinou a área do escritório rapidamente. Sem sorte. Não iria bisbilhotar as gavetas da escrivãzinha de Stella ou o armário

de arquivos, mesmo que não estivessem trancados. De qualquer modo, suas coisas não caberiam ali.

Passou vários minutos seguintes procurando pelo refeitório. Estava cheio de caixas com decoração e embalagens fechadas de alimentos. Lucy procurou em todas as bolsas e caixas, para ter certeza de que ninguém havia enfiado suas coisas ali para ficarem seguras.

Ficando cada vez mais frustrada, e preocupada com a possibilidade de alguém ter pego a câmera e as lentes como um presente de Natal antecipado, ela abriu um armário e descobriu seu tesouro.

– Isso! – exclamou vendo a bolsa e estojo familiares.

Ficou tão aliviada que sentiu vontade de chorar, pegou tudo e correu para o elevador, apertando o botão para chamá-lo. Aguardou. E aguardou. E aguardou. Nada.

Aparentemente o guarda precisava digitar o código no teclado novamente para ela poder descer. Perguntando-se se ele ainda poderia estar lá fora durante todo esse tempo, foi até a janela da frente e olhou para o estacionamento.

O que viu a surpreendeu. Uma ambulância, as luzes piscando, estava estacionada ao lado dos dois veículos envolvidos na batida. Não tinha percebido que o acidente tinha sido tão grave, mas aparentemente o motorista estava machucado. Eles o estavam colocando sobre a maca e empurrando-o para a ambulância.

De repente a maca passou sob um poste, e ela pôde ver melhor a pessoa que estava deitada ali. Mesmo através da neve e da escuridão, dava para distinguir o cabelo grisalho, isso sem mencionar o uniforme.

Não era o motorista do outro carro. Era o segurança do prédio.

– Ai, Deus! – murmurou ela, imaginando o que tinha acontecido.

Será que ele saíra para ajudar a vítima do acidente... e escorregou e caiu? Ou talvez estivesse tentando desatolar o carro do banco de neve. Considerando sua idade, e sabendo que até mesmo o mais saudável dos sujeitos poderia ser afetado quando tentasse cavar uma quantidade muito grande de neve, ela rezava para que ele não tivesse tido um enfarto.

Então começou a imaginar outra coisa.

E se estivesse presa naquele prédio?

Seu coração começou a palpitar enquanto reproduzia tudo na mente. O jeito consciencioso como o homem trancara a porta cuidadosamente naquela tarde, embora as pessoas ainda estivessem saindo. E o jeito como ele obviamente mantivera o elevador desligado esta noite, apesar de saber que ela estava lá em cima.

Será que ele realmente...

– Não – murmurou ela, certa de que ele não a teria trancado ali enquanto seguia para ajudar o outro motorista.

Só havia um jeito de ter certeza. Lembrando-se de como Ross a alcançara no saguão hoje, encontrou a porta que dava para as escadas de emergência e seguiu por lá. Seis andares abaixo não era muito divertido, mas era melhor do que ficar sentada no escritório de alguém durante a noite toda.

Chegando à entrada, ela prendeu a respiração e empurrou a porta mais próxima. Nem se mexeu. Nem a porta ao lado, nem a seguinte. Ela realmente estava trancada ali.

– Todo prédio tem uma saída de emergência – lembrou a si. Ela só precisava encontrar. O quão difícil poderia ser?

Não seria nem um pouco complicado.

Pelo menos, ela achava que não... até as luzes se apagarem.

Capítulo Seis

Antes

Nova York, 23 de dezembro de 2005

ENQUANTO CAMINHAVAM pelas ruas movimentadas da cidade, Ross olhou para o relógio e viu que eram quase 16h. Ele começou a fazer alguns cálculos mentais. A que horas o serviço postal fechava? Quantas pessoas já deviam estar na fila? Quanto tempo levaria para retornar ao apartamento e pegar os presentes embrulhados?

Por fim, Ross simplesmente começou a se perguntar quanto dinheiro tinha em sua conta corrente. Ele precisava saber, afinal desconfiava que não iria conseguir chegar à agência para enviar os presentes de seus familiares. Havia perdido a noção do tempo com Lucy; além disso, não havia nem comprado algo para seu sobrinho ainda. Então aparentemente ele gastaria muito dinheiro para enviar no dia seguinte e conseguir um serviço de entrega no dia de Natal. Se é que houvesse algo do tipo.

Por algum motivo, no entanto, aquilo não o incomodava tanto quanto ele esperaria. O preço parecia valer a pena já que aquilo permitiria que ele passasse mais tempo com Lucy Fleming. Após a cena desagradável como ex dela, seguida por aquele beijo fantástico no elevador, ele não ia simplesmente dizer *prazer em conhecê-la* e ir embora. As tarefas podiam esperar. Além do mais, se o ruim ficasse pior, ele sempre poderia enviar vale-presente no dia seguinte. Umas 25 pratas de crédito no site da Amazon iriam fazer até mesmo sua irmã caçula endiabrada dar gritinhos de alegria; ela era muito fã daqueles romances para adolescentes.

Com um plano de contingência em vigor, ele se permitiu se esquecer de todo o restante: passar os feriados longe da família pela primeira vez na vida. O emprego que estaria começando na semana seguinte. O telefonema tenso que tinha recebido do pai na semana anterior. E que certamente seria repetido no dia de Natal, quando a conversa se desviaria do recheio delicioso do peru de Natal da mamãe para a mesma velha pergunta: *Quando você vai largar esse estilo de vida errante e voltar para casa para trabalhar na empresa à qual pertence?*

Deus do céu. Ele mal podia esperar. *Até parece.*

Então uma tarde com uma bela jovem, cujos olhos castanhos com salpicos dourados de fato cintilavam quando ela olhava maravilhada para a neve delicada caindo, soava uma ótima ideia para ele. A melhor que ele tivera em eras... sendo que a última fora depois da formatura em Illinois, quando ele resolvera vir passar um tempo em Nova York em vez de ir para casa para trabalhar para a Elite Construction. Ele não se arrependia de tal decisão. Especialmente hoje. Hoje, Ross estava muito feliz por estar exatamente onde estava.

– Quer que eu carregue isto? – perguntou ele enquanto serpenteavam pela rua, desviando dos vendedores de rua e compradores apressados.

Lucy olhou para a caixinha amassada, contendo seu presente quebrado enviado pelo irmão. Ela ainda estava com o objeto aninhando ao peito. De vez em quando, um tilintar característico de vidro quebrado vinha lá de dentro. E em todas as vezes ela se encolhia.

Ross cerrava as mãos em reflexo toda vez que notava a mágoa dela. Ele devia ter nocauteado o ex idiota dela.

– Você está bem? – perguntou ele, parando no meio de uma calçada, atraindo olhares de uma dúzia de pessoas que passaram por eles.

Ela assentiu.

– Estou bem, de verdade. Obrigada pela oferta, mas preciso segurar isto aqui mais um pouquinho.

Lucy provavelmente iria querer encontrar um lugar tranquilo onde pudesse abrir seu presente, mas isso não ia acontecer ali.

Segurando o braço dela, já que estavam quase embarreirados por um corretor berrando ao celular, ele a guiou pela Broadway. Manhattan durante a época de Natal era um mundo de cores loucas, sons e multidões, e aquela região parecia o coração de tudo. Podia até não ter todas as vitrines chiques da Park Avenue ou da Fifth Avenue, com seus mostruários elegantes que pingavam joias e roupas de grife caríssimas. Mas tinha um milhão de lojinhas de eletrônicos com enormes letreiros de liquidação em suas vitrines, lojas bregas para turistas, artistas de rua, camelôs, equipes de filmagem e vendedores vendendo de tudo, desde cachecóis a cachorros-quentes.

E também tinha muita vida. Caminhar por uma quadra da Broadway trouxe palavras de meia dúzia de idiomas aos ouvidos dele. Enquanto a cidade muitas vezes tinha má reputação por ser pouco amigável, Ross nunca ouvira tantos desejos de Feliz Natal. Mesmo Lucy, que tinha jurado ser o sr. Scrooge de Um conto de Natal de Charles Dickens, parecia capturada pelo espírito.

– Esse é o pior lugar no mundo para se estar hoje, você sabe disso, certo? – disse ela, rindo enquanto eles contornavam um grupo de turistas japoneses abarrotados de sacolas de compras.

Eles seguiram para uma estação de metrô, e então Ross percebeu de súbito para onde exatamente desejava ir.

– Não. Talvez o segundo pior. Apenas espere até chegarmos ao nosso destino... esse vai ser o pior lugar.

– Oh-oh. Devo ousar perguntar?

Sorrindo, ele permaneceu em silêncio enquanto eles se espremiavam no vagão do metrô. Apesar dos apelos dela por dicas, ele não disse nada, não até eles realmente atravessarem a rua da loja que ele mais queria visitar. Então ele apontou.

– Chegamos.

Ela ficou de queixo caído.

– Você deve estar brincando! Você quer mesmo entrar na maior loja de brinquedos do universo hoje?

– Vamos, vai ser divertido.

Ela deu um passo para trás.

– Vai ser loucura. Vai ter um zilhão de crianças lá dentro.

– Não. Só os pais frenéticos delas.

– Que são piores do que as crianças!

– Você vai gostar, eu prometo. Venha, srta. Carranca.

Ela ficou boquiaberta.

– Olha só, preciso comprar um presente para o meu sobrinho. Sei que ele adora um dinossauro que anda e ruga que vi nos comerciais. Minha irmã me contou que ele passou o último mês com os braços escondidos dentro da camisa, acenando as mãozinhas e rugindo para os coleguinhas da pré-escola.

– Velociraptor?

– Isso.

– Tudo bem, pelo menos ele tem bom gosto para dinossauros. É o meu favorito também.

– Eu sempre preferi o tiranossauro rex.

– Nada mau – disse ela, dando de ombros. – Então acho que isso significa que somos um casal de carnívoros.

Ele assentiu, gostando da brincadeira, e gostando especialmente do fato de o clima chato causado pela ex-namorada dela aparentemente ter desaparecido por completo.

– Acho que sim. No entanto, não desconfio que seria necessário uma manada inteira de você para acabar comigo. – Não, ele desconfiava que Lucy fosse capaz de fazê-lo sozinha.

Ele não entrou em detalhes, deixando com que ela decifrasse o que ele quis dizer. Quando ela baixou os cílios e desviou o olhar, ele percebeu que ela havia decifrado.

O que Ross poderia dizer? Ele foi afetado por ela, tinha sido à primeira vista. E os sentimentos cresciam a cada minuto que passavam juntos. Não que ela provavelmente estivesse pronta para ouvir isso de um cara que havia conhecido há poucas horas. Nem ele, sinceramente, estava pronto para dizê-lo. Saber que ela era maravilhosa, fantástica, e que ele a desejava muito, era uma coisa. Admiti-lo rapidamente era outra.

Então ele voltou ao terreno seguro:

– Bem, provavelmente esta loja é o único lugar onde vou encontrar o dinossauro que estou procurando hoje. Ele anda, ele ruga, meu sobrinho vai adorar!

– É apropriado para crianças na fase pré-escolar? – perguntou ela, em tom duvidoso.

– Não. – Ele sorriu. – Mas os pais dele que lidem com isso. Eu sou só o tio legal que compra o brinquedo.

Considerando que o presente poderia chegar atrasado, Ross queria que fosse algo muito bom. Nenhum vale-presente poderia satisfazer um garotinho de 4 anos, e como Ross era o padrinho do menino, e seu único tio, ele tinha de fazer direito por ele.

– Então... O que você me diz?

– Sei lá...

– Estamos falando sobre ir à FAO Schwarz, uma das melhores lojas de brinquedo do mundo, não à Montanha da Perdição e aos vulcões de Mordor.

Ela revirou os olhos.

– Pelo menos não há baixinhos gritando na Montanha da Perdição, a menos que você inclua os hobbits nessa conta.

Ele gostou do fato de ela ter entendido a referência. Ele não era um completo geek, mas não podia negar que era fã da obra *O Senhor dos Anéis*.

– Lá também não. Eles estão todos em casa sendo bonzinhos além da conta, esperando que Papai Noel perceba isso.

– Que tal se eu esperar do lado de fora? – sugeriu ela, parecendo apavorada diante da ideia de entrar, mas também um pouco chateada com isso.

Lucy obviamente levava a sério a coisa de não gostar do Natal. No entanto, Ross se perguntava se ela não gostava do feriado ou das lembranças relacionadas a ele. Considerando o pouco que ela contara a respeito de seus pais, e a infância feliz que tivera antes de perdê-los, ele suspeitava que esse pudesse ser o motivo.

Bem, lembranças ruins nunca iam embora de verdade, mas elas certamente podiam ser esmagadas por lembranças boas.

– Você que sabe – respondeu ele, fazendo um “tsc”. – Mas se lembre de que você não precisa comprar. Não acha que você se divertiria vendo os pais enlouquecidos brigando pela última Suzy que faz xixi, ou pelo Superconjunto de Caminhões Meu Filho Não Vai Ser Gay?

Lucy riu alto.

– Qualquer um com uma pontinha de satisfação pela desgraça alheia, o que suspeito que você tenha, pelo menos no que diz respeito ao Natal e ex-namorados com pênis esquisitos, iria correr para entrar comigo.

Um tom travesso dançou no rosto dela e uma covinha apareceu em sua bochecha enquanto ela oferecia um sorriso de autodepreciação. Lucy não negava. Eis outra coisa da qual Ross gostava nela. A maioria das mulheres que ele conhecia mantinha aquela fachada “amo cachorrinhos e gatinhos e todo o mundo”, pelo menos no início do relacionamento. Lucy não se dava ao trabalho. Ela admitia odiar o Natal, e quando eles se conheceram estava fantasiando sobre cortar o órgão sexual de um sujeito. Falando de não fingir ser uma boa garota... Era alguma surpresa ele já gostar tanto assim dela?

– Certo, Montanha da Perdição, aí vamos nós – disse ela, segurando a mão dele.

Estava frio lá fora, muito frio, mesmo assim nenhum dos dois estava usando luvas. As de Ross estavam enfiadas no bolso, e ele sabia que Lucy também tinha as suas, pois as estava usando quando saíram da cafeteria. Mas nenhum dos dois as vestiu desde que saíram da casa de Jude... assim que Lucy segurou a mão dele. Os dedos dela estavam gelados, e Ross suspeitava que os seus também estivessem. Mas valia a pena.

Avançando lentamente em meio à multidão do lado de fora, ele se aventuraram no inferno chamado loja de brinquedos na véspera de Natal. Assim que entraram, foram tomados de assalto pelo barulho e pelas cores. Qualquer criança acharia estar entrando no país das maravilhas: todo o lugar estava arrumado para inspirar a fantasia infantil. Bem, se sua fantasia infantil incluísse ficar apertado cara a cara com estranhos. Ah, e entrar no espírito natalino acotovelando as outras pessoas para poder se aproximar da frente das imensas filas dos caixas.

– Você deve estar brincando! – disse ela quando percebeu que era pior do que havia previsto. Nenhum metro quadrado do piso parecia estar desocupado. A alegria lá de fora não parecia funcionar ali dentro. Aquelas pessoas estavam comprando como se estivessem em uma missão: *Não quero ninguém entre mim e minhas bonecas Bratz*.

– Acho que acabamos de adentrar águas infestadas de tubarões – disse Lucy, levantando a voz para se fazer ouvir por sobre a música alta por sobre o estrondo geral de muitas pessoas reunidas em um espaço pequeno demais.

– Fique bem pertinho de mim, peixinho.

– Saquei, grande tubarão branco. Mas por favor, me diga que esse dinossauro que você está procurando não é o brinquedo mais famoso da estação.

– Não, o mais esperado é a Suzy que faz xixi e dirige um caminhão monstro.

– Meu estilo de garota. Ah, tirando a parte de fazer xixi.

– Ufa!

Finalmente, depois de levar várias pisadas no pé, Lucy lembrou-se de que não era a pessoa que estava fazendo compras. Enfiou-se em um canto e acenou um tchauzinho para ele. Toda vez que Ross a via de relance, observando a histeria que a cercava, ele notava a expressão no rosto dela: divertimento, sim. Mas também, ele desconfiava, alívio por ela não precisar fazer parte daquilo de fato.

Talvez um dia ela desejasse fazê-lo. Um dia, quando não tivesse apenas o irmão, e uma caixinha quebrada para fazê-la esperar ansiosamente pelo feriado iminente.

E a mim.

Ross estava passando ao redor de um homem carrancudo, que estava discutindo com uma mulher de língua afiada por causa daquela que, aparentemente, era a última Barbie em Manhattan, quando se deu conta. Ele estava lá, sozinho, com planos para fazer nada além de comer comida chinesa e assistir ao filme Férias frustradas de Natal naquele fim de semana. E Lucy iria estar sozinha também.

A mente dele não vagou para onde teria ido um ano ou dois atrás, quando costumava ficar mais focado no que aconteceria ao fim de um encontro com uma garota do que no encontro em si. Ele não imaginou de imediato os dois nus sob raminhos de visco.

Bem, essa não foi a *única* coisa que ele imaginou quando pensou em passar o Natal com ela. Mas, principalmente, pensou em vê-la sorrindo, em ouvir a risada dela, em tocar sua pele delicada e aqueles cabelos incríveis. Mesmo que passassem o fim de semana fingindo que o Natal não existia, Ross realmente queria passá-lo com Lucy.

Após uma caçada dentro da loja, Ross encontrou o robô que estava procurando. Era caro, mas considerando que provavelmente iria chegar atrasado, ele não ia discutir muito sobre o preço.

Pegando-o, ele foi até Lucy, encontrando-a não muito longe de onde a havia deixado. Ela estava sozinha, tinha achado outro cantinho tranquilo, e estava olhando para o mostruário da área de jogos. Um cenário imenso do jogo Candyland, com biscoitinhos em formato de homenzinhos quase do tamanho natural humano e toneladas de espuma cor-de-rosa que imitavam algodão-doce.

A expressão de Lucy definitivamente era melancólica. Enquanto ele a observava de alguns metros de distância, ela esticou a mão e tocou uma boneca grande... Ross não conseguia se lembrar do nome, pois tinha muitos anos que não brincava com jogos de tabuleiro. A mão dela estremeceu levemente, porém o tato dos cabelos azuis claros era macio. Delicado, Como se ela estivesse acariciando as asas leves de uma linda lembrança que flutuava em seu subconsciente. Tenho notado a umidade nos olhos dela, Ross suspeitava que estivesse mesmo.

Assim que se aproximou, ele a notou recolhendo a mão e limpando o rosto com a ponta dos dedos, confirmando que a umidade havia começado a gotejar. Ross colocou uma das mãos no ombro dela.

– Você está bem?

Ela fez que sim com a cabeça. Com a voz baixa, explicou:

– Isso é tão lindo. Eu adorava esse jogo quando era criança.

– Eu era mais um fã de Chutes and Ladders.

Ela mal sorriu, e se arrependeu por ter feito pouco caso quando tinha algo em mente.

Como se soubesse que Ross estava curioso, Lucy admitiu:

– Eu costumava implorar à minha mãe que jogasse comigo o tempo todo. Ela administrava um negócio com meu pai, e passava mais tempo em casa do que a maioria das mães, então eu presumia que aquilo significava que ela era minha em tempo integral.

– Eu acho que toda criança se sente assim em relação à própria mãe.

– Bem, eu era bem incansável, e por fim tivemos de começar a negociar. “Deixe-me só terminar com essa papelada aqui e prometo que jogaremos *uma* partida de Candyland”.

– Meus pais meio que negociavam comigo do mesmo jeito... Coma mais vagem, aí você vai poder tomar sorvete depois do jantar.

Ela assentiu.

– Exatamente. Depois eu cresci e larguei o jogo, claro, mas um dia, quando eu já era mais velha, me ocorreu que toda vez que jogávamos, eu *sempre* conseguia a carta da Rainha Frostine nas primeiras mãos. Então eu sempre vencia.

Ele olhou para o tabuleiro no mostruário, notando o quanto aquela personagem se aproximava da linha de chegada, e sorriu levemente.

– Bem depressa.

Ela riu.

– Exatamente. Eu era campeã mundial de Candyland. Minha mãe era campeã mundial da trapaça em rearrumar as cartas, assim eu pegava aquela carta e vencia o jogo super-rápido em todas as vezes.

– Você chegou a confrontá-la a respeito?

– Aham. Quando eu tinha 11 ou 12 anos. – A risada dela ficou mais grave. – Ela confessou, dizendo que nunca quebrava uma promessa feita a mim, e sempre jogava comigo quando dizia que jogaria. Mas aquilo não significava que ela não podia acelerar o processo um pouquinho.

Os olhos dela, que estavam reluzindo com as lágrimas há alguns minutos, agora brilhavam de divertimento. O calor da boa lembrança havia invadido, pelo menos temporariamente, qualquer lembrança que ela estivesse sentindo.

– Sinto muitas saudades dela – admitiu Lucy simplesmente. – De meu pai também. Vai completar 5 anos na terça-feira.

Ele arfou, surpreso. Ela havia perdido os pais, juntos, o que por si só já significava uma tragédia. E apenas dois dias depois do Natal... Não era surpresa ela preferir ignorar todo o período festivo. Isso é que era misturar pensamentos felizes e tristes.

– Sinto muito, Lucy.

– Eu também. – Ela olhou para a loja lotada ao redor. – Acho que você acabou de descobrir por que não sou muito fã desta data.

– Sim.

– E é por isso que meu irmão e eu temos festividades poucos convencionais.

Mas neste ano, Lucy já havia mencionado, ela não iria ver o irmão. E sua colega de apartamento iria viajar. Ela ficaria totalmente sozinha, cercada por um mundo alegre enquanto afundava ainda mais em suas lembranças.

Não se Ross pudesse evitar isso. Ela queria um Natal pouco convencional? Tudo bem. Era um bom começo... que tal um Natal com um quase estranho?

Ele ergueu uma das mãos e acariciou o rosto dela com as pontas dos dedos.

– Bem, então que tal se fizermos um acordo? Prometo não cantar nenhuma música de Natal ou servir gemada... Se você prometer passar esse fim de semana de Natal comigo.

ALGUMAS HORAS depois, após terem comprado um pouco mais e rido um pouco mais, ambos compraram o jantar para viagem, então seguiram para a casa de Lucy. O pequeno apartamento que ela dividia com Kate não era muita longe da cafeteria Beans & Books, onde Ross havia deixado sua caminhonete. Lucy disse a si mesma que Ross estava apenas a acompanhando até em casa, e então iria embora.

Mas cá no fundinho de seu cérebro, ela não conseguia evitar se perguntar a *quanto* do fim de semana ele estava se referindo quando sugeriu que ficassem juntos.

E o quanto ela mesma queria que as palavras dele significassem.

Era louco, considerando que ela havia saído com Jude durante três meses e ela o deixara ao menos passar a mão nela, com uma tentativa frustrada de tentar ir mais além ainda. Mas Lucy já sabia que desejava que Ross fosse até o fim com ela. O que ela sentia quando estava com ele, usufruindo do calor da mão dele na sua, estremecendo quando o braço dele roçou seu corpo acidentalmente, ficando empolgada só de ouvir a voz dele, era um desejo sem precedentes. Lucy já havia ouvido descrições a respeito, mas agora, pela primeira vez, ela o *sentia*.

Sabia que devia ir com calma. Mas alguma coisa, não apenas a atração física instantânea, mas também o senso de humor gentil dele, a generosidade, a risada sexy, faziam dele alguém que ela não queria deixar ir embora. Então, quando retornaram ao prédio dela, Lucy tinha a intenção de convidá-lo para entrar e beber alguma coisa. E então ver o que acontecia. Ou fazer algo acontecer.

Ela e Kate dividiam um apartamento pequeno, cujo valor do aluguel provavelmente era tão alto quando a amortização de um financiamento imobiliário fora da cidade. Agora o apartamento estava vazio. Kate havia viajado para passar as festas de fim de ano fora... Ela havia ligado duas horas atrás antes de Teddy buscá-la. Então o lugar era todo de Lucy durante o fim de semana.

Hum. Seria possível que ela estivesse a poucas horas de fazer *aquilo* finalmente? Ela não se referia bem a sexo, mas à compreensão, afinal. A finalmente entender como era ser tão dominada pelo prazer que você perdia o rumo em relação ao restante do mundo.

Os passos dela se apressaram. Ela estava tão ansiosa para chegar em casa, para começar a descobrir se o fim de semana juntos incluía noites, e não apenas o dia, que não notou quando Ross parou de caminhar. Ela finalmente percebeu e então olhou por sobre o ombro, vendo a meia dúzia de passos atrás. Ross parou no meio da calçada apinhada de gente da Sixth Avenue e estava olhando para o céu.

Não. Não era para o céu. Aquelas luzes piscando não eram estrelas. Em vez disso, milhares de pequenas lâmpadas conferiam um fulgor à noite, seu brilho captado por um mar de enfeites reluzentes delicadamente deitados nos braços de uma enorme árvore sempre-viva.

– Dá para acreditar que é a primeira vez que vejo? – perguntou Ross, olhando embevecido para a árvore de Natal do Rockefeller Center.

– Mesmo?

Ele assentiu.

– É meu primeiro Natal na Big Apple, e não tenho passado por aqui nas últimas semanas.

Lucy podia até ser irmã gêmea há muito perdida de Ebenezer Scrooge, mas não dava para ser rabugenta quando via Ross ostentando aquela expressão extasiada. Ele parecia um garoto. Um garoto grande, musculoso, incrivelmente lindo e para lá de sexy.

Ela retornou para ficar ao lado dele, olhando para a árvore. Era linda, incendiada de cores e luz. Até mesmo seu coração endurecido para o Natal se abrandou diante daquela visão.

Sem dizer uma palavra, Ross guiou Lucy até um banco vazio adiante. Era noite e as multidões haviam se reduzido a níveis bem razoáveis.

Ela ficou sentada ao lado dele no banco, lhe dando tempo para observar a decoração. Mas, para sua surpresa, em vez disso, Ross olhou para ela.

– Como provavelmente isso é o mais perto que você vai chegar de uma árvore nesse ano, quer abrir seu presente agora?

Ela olhou para a caixinha amassada, a qual ficou carregando para lá e para cá o dia todo. Podia esperar e abrir quando chegasse em casa, mas, de algum modo, aquele momento parecia certo.

– Eu já sei o que é.

– Mesmo?

– Bem, não especificamente. – Ela começou a arrancar o papel de presente ainda úmido. – Sam e eu temos essa tradição.

– Desconfio que seja uma tradição não tradicional.

– Pode-se dizer que sim. – Ela sorriu de fato quando puxou o último pedacinho do papel e ergueu a tampa. Jude podia até ter quebrado o presente, mas foi a alegria de ver o que Sam comprara que a encantava. Nenhum vidro quebrado poderia tirar aquilo dela.

– Ai, meu Deus – disse Ross, olhando para o monte de papel de seda dentro da caixa. – isso é... é...

– É a coisa mais feia que eu já vi – disse Lucy. Ela levou a mão à boca, rindo. A destruição mimada de Jude não havia ajudado muito para deixar aquela coisa menos atraente, porque já era um tanto horrorosa. – Não é perfeito?

Ross ficou boquiaberto e então a encarou.

– Sério?

– Ah, sim – falou Lucy, com um meneio de cabeça. Então ergueu o globo de neve quebrado, agora sem vidro, sem água e sem neve, e espiou o pedaço resistente que outrora fora seu centro. Sentado no trono, estava o Papai Noel mais feio do mundo. Os olhos eram espaçados e arregalados, o rosto deformado, sua coloração desbotada. A roupa supostamente vermelha estava mais para um alaranjado de discoteca da década de 1970, enfeitada por pequenos símbolos de paz. Ao lado dele, havia duas crianças assustadoramente magras e acinzentadas, que pareciam ter saído de seus túmulos e estavam prestes a transformar o velho Nicolau em zumbi.

Medonho. Pavoroso.

Ela amou.

– Ah, isso é tão melhor do que o que comprei para ele... uma casinha idiota, os banheiros da roça mesmo, com um Papai Noel e sons de gases.

– Vocês sempre trocam presentes horrorosos?

– Só no Natal. Ele me dá globos de neve e eu dou algum Papai Noel desagradável, normalmente do tipo que emite sons obscenos.

Ele riu.

– Minhas irmãs me matariam se eu fizesse isso.

– Começou como uma brincadeira... uma distração para não pensarmos muito em como as coisas eram antes. Aí pegou.

Ela não poderia estar mais satisfeita com seu presente... A menos, é claro, que não estivesse quebrado. Mas não ia contar essa parte a Sam. O principal do presente era a cena central do pedestal mesmo.

Sorrindo, Lucy enfiou a base do globo de volta à caixa, tentando evitar se cortar nos pedacinhos de vidro. Mas quando sentiu uma pontada afiada em seu dedo indicador, sabia que não tinha sido bem-sucedida.

– Ai – murmurou ela, enfiando o dedo na boca.

– Deixe-me ver – pediu Ross.

Ela permitiu que ele pegasse sua mão, vendo uma gota reluzente de sangue escorrendo pela pele.

– Vamos arranjar alguma coisa para limpar isso.

– Tudo bem, não estamos muito longe da minha casa... contanto que você esteja pronto para ir?

Ross se levantou, pegando a caixa agora aberta, e estendendo a outra mão a Lucy. Ela ofereceu a mão não machucada, e uma vez de pé ao lado dele, Ross passou um braço em volta do ombro dela. Deu uma última olhadinha para a famosa árvore. Então, sem uma palavra, se virou para Lucy.

– Eu sei que isso é piegas e parece saído de um filme de Natal – disse ele –, mas vou fazer assim mesmo.

Lucy não estava muito certa do que era o *isso* que ele iria fazer, mas de repente entendeu quando ele se abaixou para beijá-la. As pessoas continuavam a andar ao redor dele, músicos de rua tocavam ao fundo, patinadores berravam da pista lá embaixo. No entanto tudo pareceu desaparecer quando Lucy entreabriu a boca para Ross, provando a língua dele em investidas lentas e delicadas que logo se aprofundaram. Foi ficando mais quente, mais ávido. Ambos pareciam ter perdido qualquer indício de restrição que os havia impedido de ser tão intensos durante o beijo anterior.

Ross baixou o braço até sua mão roçar o quadril de Lucy, os dedos roçando logo acima do traseiro, então ela estremeceu, querendo mais. Muito mais.

– Arranjem um quarto! – berrou alguém.

A zombaria e a gargalhada que a acompanhou invadiu o momento. Suspirando ao encontro do lábio um do outro, eles se separaram lentamente.

– Obrigado – disse Ross após um longo instante, durante o qual manteve a mão no quadril de Lucy.

– Posso acrescentar isso à minha lista de coisas a se fazer antes de morrer.

– Beijar em frente à árvore de Natal do Rockefeller Center?

– Não. Beijar *você* em frente à árvore de Natal do Rockefeller Center.

Lucy não conseguia tirar o sorriso do rosto quando começaram a caminhar pelas várias quadras até o apartamento dela. Ross estava carregando não apenas a sacola com seu dinossauro robótico, mas também o globo de neve. Ele insistira em enrolar um guardanapo amassado no dedo de Lucy, mas ela nem estava mais sentindo a ardência do corte. Porque quanto mais perto chegavam de casa, mais ela se perguntava o que iria acontecer quando estivessem lá. Aquele beijo tinha sido tão bom, mas também frustrante, já que ela queria mais.

Muito mais.

Infelizmente, uma vez que chegaram ao prédio, e Lucy olhou para cima e viu o que pareciam ser todas as luzes do apartamento acesas, percebeu que não ia conseguir. Droga.

– Acho que Kate não viajou, afinal – disse ela, imaginando por que a amiga havia resolvido ficar.

Eram quase 22h; Kate e Teddy deveria estar na estrada há horas.

– Sua colega de apartamento ainda está aí?

– Parece que sim. De jeito nenhum que ela iria deixar todas as luzes acesas... Ela é totalmente chata com a conta de luz.

Ross assentiu, embora tivesse desviado o olhar. Lucy se perguntou se ele o fez para que pudesse disfarçar a própria decepção. Não era como se ela nunca tivesse tido encontros ali antes; Jude havia ido lá inúmeras vezes. Era só que ela queria estar a sós com Ross. *Realmente a sós*. E não havia nenhuma privacidade em seu apartamento. Ela dormia em uma cama embutida, com apenas uma cortina pendurada em um varal servindo como parede, e Kate usava o sofá-cama, que funcionava como cama à noite e como sofá pelo restante do tempo.

Estar com ele em um espaço confinado, sob os olhares divertidos e cientes de sua colega de apartamento, seria algo além de torturante.

Ele pareceu concordar.

– A que horas devo vir amanhã?

Ela ergue uma sobrancelha.

– Você prometeu passar o fim de semana do Natal comigo, lembra-se?

– Você realmente quis dizer isso?

Ele ergueu as mãos e abarcou o rosto dela, levantando-o para que Lucy pudesse encará-lo.

– Eu quis dizer isso totalmente.

Então ele baixou a cabeça e a beijou outra vez. Manteve o tom suave, doce, delicado. Ainda assim, Lucy gemeu de prazer, virando a cabeça, entrelaçando os dedos ao cabelo dele. Mais uma vez a maldita caixinha estava entre eles, e agora, havia um dinossauro também. Mas talvez fosse melhor assim. Beijá-lo, sentir a investida quente da língua dele em sua boca, era excitante demais. Se o corpo rijo e sensual dele ficasse ao encontro do dela, Lucy ficaria tentada a arrastá-lo escadaria acima para tentar o quanto de privacidade uma cortina num varal poderia oferecer.

Ross interrompeu o beijo e deu um passo para trás.

– Boa noite, Lucy Fleming. Estou muito feliz por ter conhecido você.

– Idem – sussurrou ela.

– Vejo você amanhã.

– Amanhã.

Então, sabendo que ela precisava ir agora, enquanto ainda possuía células cerebrais na cabeça, Lucy subiu os degraus externos. Ofereceu a Ross um último sorriso antes de digitar no teclado para abrir o portão principal, então entrou.

Com o coração leve enquanto praticamente voava pelas escadas, sentiu vontade de assobiar uma musiquinha de Natal. Pela primeira vez em muitos anos Lucy estava de fato ansiosa pela véspera de Natal. Porque havia alguém muito especial para compartilhar aquela data.

Assim que abriu a porta do apartamento, ela olhou ao redor do espaço minúsculo, procurando sua colega de quarto.

– Pensei que você já estaria longe agora – disse.

Kate não respondeu. Lucy cruzou a sala, indo até a cozinha americana, espiando pelos cantos, sem ver ninguém. Então notou que a cortina fina que protegia sua cama do restante do apartamento estava remexendo. *Estranho*.

– Katie?

A cortina remexeu outra vez, desta vez sendo completamente arrastada para o lado. Lucy ficou de queixo caído quando viu, não sua bela colega de apartamento, mas alguém que ela realmente esperava não ver nunca mais.

– Jude?

– Onde você esteve? Fiquei esperando durante horas.

– O que você pensa que está fazendo aqui? Como você entrou?

– Eu tinha uma chave que copiei há algumas semanas. – Ele sorriu levemente, se aproximando, uma leve oscilação em seus passos. *Bêbado*. – É meu aniversário. Você nunca me deu meu presente. Fiquei esperando por muito tempo e esperava ganhá-lo esta noite.

Ele deu outro passo. Dessa vez, Lucy viu um brilho no olhar dele que não lhe agradou. De repente Jude não se assemelhava mais a um rapaz bêbado. Estava mais para um homem determinado, vingativo. Um que gostaria de que ela achasse que ele estava um pouco mais dopado do que realmente estava.

Lucy recuou.

– Aonde você vai? Vamos lá, você não está brava *de verdade*, está? Você sabe que não dou a mínima para aquela vadia. Eu só estava frustrado, esperando por você. Homens têm necessidades, você sabe. – Ele deu outro passo, cambaleando sutilmente, e de repente Lucy percebeu que ele estava tentando se colocar entre ela e a porta.

Aquilo era sério. Kate tinha viajado, a vizinha do lado era praticamente surda e havia poucas pessoas na rua naquela região àquela hora. E Jude sabia de todas essas coisas.

– Ainda não consigo acreditar que você veio com um cara no meu apartamento – disse ele, semicerrando os olhos e contorcendo a boca. – Aquilo foi errado, enfiar um estranho nessa história.

Ross. Ai, Deus, como ela desejava tê-lo convidado para subir!

Os pensamentos de Lucy se reviravam e ela buscava opções, sendo que nenhuma delas incluía a intervenção de um cavaleiro com armadura brilhante, *ou* um carpinteiro com jaqueta de couro marrom. O irmão dela havia enfiado estatísticas sobre estupros em ambiente estudantil em sua cabeça antes de Lucy sair de casa. Ele também a ensinara alguns movimentos de defesa pessoal. Mas melhor do que tentar a luta corporal contra Jude, seria convencê-lo a ir embora.

Ela começou a pensar, avaliando mentalmente tudo que havia no apartamento, sabendo que as facas na cozinha não era muito afiadas. Agora ele estava entre ela e a porta. O celular estava na bolsa e elas não tinham telefone fixo... não que qualquer pessoa para quem Lucy telefonasse fosse chegar lá em 10 ou 15 minutos, incluindo a polícia. Naquele meio-tempo Jude poderia fazer muita coisa. E, ela suspeitava, era exatamente o que ele tinha a intenção de fazer.

– Qual é o problema? – perguntou Jude, um sorriso malicioso alargando a boca petulante. – Não quer me dar um presente de aniversário? Depois de me fazer esperar durante todo esse tempo, você me deve isso.

– Eu não te devo nada – rebateu ela, cerrando os punhos, resolvendo golpear no pomo de adão dele.

– Sim, vadia, você deve – disse com escárnio, a máscara caindo, o pretexto sendo deixado de lado. Qualquer indício do bêbado desleixado desapareceu quando ele partiu para cima dela, o olhar em sua expressão lhe dizendo que Jude estava totalmente ciente e consciente do que estava fazendo.

Mas Lucy também estava. Ela se esquivou dele, chutando-o nas rótulas com os saltos grossos das botas duras de couro. Ele cambaleou, caiu em cima do sofá e derrubou um abajur.

Sem perder um segundo, Lucy seguiu para a porta, ouvindo o rugido de raiva de Jude quando ele se lançou atrás dela. Os dedos lhe agarraram o cabelo e ela foi puxada para trás. Ignorando a dor, Lucy girou e acertou a cara dele com suas unhas.

– Sua provocadorazinha – berrou ele.

Então veio outro rugido de ódio. Só que esse não veio de Jude. Veio de trás de Lucy, da porta do apartamento, a qual ela havia se esquecido de trancar quando entrou.

Ross. Ele estava lá. Indo contra todas as chances, sabe-se lá por qual motivo, ele havia subido e chegado bem na hora.

Chocada, Lucy ficou observando quando ele passou por ela, agarrando Jude pela cintura e jogando-o no chão. Um bom naco de seus cabelos saiu na mão dele, mas ela estava tão aliviada que mal notou.

– Seu saco de merda nojento!

Os dois rolaram no chão, colidindo contra a mobília. Jude se contorceu e tentou se colocar de pé. Ross foi mais rápido, e com o punho fechado, largou um soco na cara de Jude. Houve um som satisfatório de algo sendo triturado, então o sangue começou a jorrar daquele nariz perfeito, cirurgicamente moldado.

Jude cambaleou para trás.

– Cara, você quebrou meu nariz!

Ross o ignorou, batendo novamente, dessa vez pousando um punho poderoso no estômago do pretenso estuprador. Jude se dobrou e caiu no sofá, chorando.

Ross lhe ofereceu um sorriso enojado antes de voltar sua atenção a Lucy.

– Você está bem? Ele...

– Não, estou bem – disse, ela, tremendo quando se deu conta do quanto aquilo poderia ter acabado mal. – Obrigada.

– Eu estava a uma quadra de distância, quando percebi que ainda estava segurando o presente de seu irmão. – Ele gesticulou para o chão, onde o pacote estava. – Ouvi gritos lá de fora. Felizmente me lembrei dos números que você digitou no teclado.

Graças a Deus.

– Vou fazer você ser preso por agressão! – enfureceu-se Jude enquanto cambaleava para trás.

– Tudo bem, claro. Vamos dividir o banco traseiro de um carro de polícia quando você for levado por tentativa de estupro – respondeu Ross, a fúria desencadeando dele quando deu um passo ameaçador em direção a Jude.

O outro baixou a mão trêmula, espiando Lucy, a boca tremendo.

– Espere, eu não quis... Eu não teria...

– Sim, teria – respondeu ela, sabendo que era verdade. – E eu vou prestar queixa.

– Não... Meus pais.. Eu poderia perder meu estágio! Desculpe, acho que perdi um pouco do controle.

Ela não sentia pena dele. Mas estava preocupada com Ross. Ele era um carpinteiro, um forasteiro sem grana, e Jude era filho único de um tubarão corporativo rico. Lucy tinha apenas sua palavra para convencer a qualquer pessoa de que Jude a atacara.

Bem, isso e provavelmente uma falha na cabeça.

Ela precisava pensar no assunto.

– Apenas vá embora – disse, sentindo-se sobrecarregada repentinamente.

– Obrigado!

– Não estou prometendo *nada*. No mínimo vou reportar o caso à segurança do campus e ao escritório do reitor.

Jude fez um beicinho raivoso. Mas Ross o interrompeu antes que ele pudesse dizer uma palavra.

– Saia daqui antes que eu te arrebente mais.

Calando-se, Jude cambaleou até a porta, passando a uma enorme distância de Ross, como se não confiasse que este não iria atacar. Provavelmente uma boa decisão, considerando que Ross estava tremendo visivelmente de raiva.

Pouco antes de sair, Jude lançou mais um olhar suplicante a Lucy. Ela o ignorou, concentrada apenas em Ross. Seu cavaleiro de armadura reluzente, ele enxergasse isso ou não.

Lucy nunca havia sido o tipo de garota que desejava ser resgatada. Nem mesmo achara que precisasse ser. Mas esta noite, aquela coisa de cavaleiro do rei Arthur em seu proverbial cavalo branco se tornou incrivelmente útil.

Uma vez a sós, Ross foi até a porta, girando a tranca. Quando voltou, não hesitou, foi até Lucy de braços abertos. Ela derreteu ao encontro do corpo rijo dele, liberando a ansiedade dos últimos dez minutos e simplesmente o abraçando, absorvendo o calor e a preocupação dele. Ele ficou lhe acariciando, passando os dedos por seus cabelos, desenhando pequenos círculos em seu cóccix. Murmurando palavras suaves ao seu ouvido.

Aquilo era, para ser bem honesta, o mais protegida e amada que ela se sentira em anos.

– Tudo bem, Lucy. Ele já foi. Ele já foi.

Finalmente, após um longo momento, Ross recuou um pouco e olhou para ela.

– Você não devia ficar aqui sozinha.

Não, provavelmente não devia.

– Ele disse que fez uma cópia da chave...

– Você *definitivamente* não vai ficar aqui. – Ele murmurou um xingamento e endureceu, e Lucy soube que Ross estava bravo consigo por não ter recuperado a chave antes de Jude ir embora.

– Acho que eu poderia ir para um hotel...

– Dane-se o hotel – sussurrou ele, olhando para ela com uma expressão incrédula, como ela tivesse dito algo absolutamente ridículo. – Arrume sua mala, você vai vir para minha casa comigo.

Capítulo Sete

Atualmente

Chicago, 24 de dezembro de 2011

ROSS ESTAVA na casa dos pais fora da cidade quando veio um telefonema dizendo que Chip fora levado ao hospital. A pessoa que ligou informou a ele que o senhor havia ido lá fora para ajudar depois de um acidente, e que o esforço para desatolar o carro da neve aparentemente lhe causara um enfarte.

O policial que ligou não tinha mais informações, mas aquilo foi o suficiente para fazer Ross retornar à cidade. Ele não tinha os números dos outros guardas consigo, nem poderia ter certeza de que eles conseguiriam entrar no escritório. Ele não fazia ideia se Chip ao menos havia trancado as portas principais quando saíra para ajudar o motorista, então alguém precisava ir até lá. E a bola sempre caía na mesa do chefe.

Ir dirigindo seria terrível, e ele já sabia que teria de passar a noite inteira no escritório. Felizmente Stella havia providenciado o sofá-cama. Além disso, ao passo que todos estavam decepcionados, especialmente sua irmã mais velha, que havia acabado de chegar com a família para passar as festas de fim de ano, Ross não podia negar que não se importava por abandonar toda aquela alegria natalina. Ele não conseguia parar de pensar em Lucy, e quanto mais tempo permanecia ali, mas havia chances de alguém notar isso. Ele simplesmente não estava no clima para dar explicações a um pai ou sobrinho barulhento.

Eram quase 2h quando ele chegou lá. A viagem levava três horas exaustivas e estressante. Os arados mal eram capazes de dar conta da neve espessa... ele recebera alguns olhares de bronca de alguns dos motoristas quando os seguira pelos trechos recém-arados da estrada.

O estacionamento particular não estava arado, é claro, e Ross estava feliz por estar dirigindo um utilitário esportivo monstruoso com tração capaz de limpar as áreas com uns 30cm de neve. Estacionando, ele se agasalhou, então saiu, o corpo imediatamente golpeado pelo vento intenso. O vento uivava estranhamente na noite e a neve parecia estar se movendo em todas as direções, para cima, para baixo, para os lados. Não que desse para ver muita coisa diante do rosto, e Ross percebeu o motivo de repente.

Não havia luz. Em lugar nenhum.

Blecaute. Maravilha.

Felizmente, o prédio era bem isolado e muito quente. Ele tinha alguns cobertores extras para o sofá; ficaria bem durante a noite, e com sorte a energia estaria de volta de manhã. Se encurvando contra o vento que tentava derrubá-lo a cada passo, Ross seguiu pela neve úmida até a entrada, encontrando as portas trancadas. Ele possuía uma chave mestra, e a usou para entrar. As luzes de emergência conferiam pouca iluminação ao saguão, e ele seguiu cuidadosamente até a mesa do segurança, sabendo que havia algumas lanternas industriais armazenadas ali. Pegando uma, ele seguiu para as escadas, marchando de volta pelos seis andares poucas horas depois de tê-los descido em disparada. Subir, definitivamente era mais demorado.

Assim que chegou ao seu andar, estava pronto para dormir. Aparentemente ainda ia nevar por mais uns dias, então ele teria muito tempo para trabalhar. Agora, estava exausto, física e emocionalmente, e só queria dormir.

Uma vez dentro do escritório, em território familiar, Ross desligou a lanterna. Esperava que a luz retornasse no dia seguinte, mas se não acontecesse, desejava poupar a bateria. Espreguiçando-se, ele tirou o casaco molhado e removeu os sapatos, então cruzou o escritório até a pequena área reservada.

Ross se movimentava cautelosamente; estava ainda mais escuro naquele canto, pois não havia janelas. Ele ainda conseguiu a façanha de bater na quina do sofá-cama, e murmurou um xingamento. Então, feliz pelo dia ter terminado, e por não poder ficar mais louco, ergueu as cobertas e se deitou.

Um barulho cortou o silêncio. Um suspiro baixo.

O que ...?

O som o surpreendeu, colocando-o em vigília total. Esticando as mãos cuidadosamente, ele bateu o outro lado do sofá-cama... e sentiu um corpo sob as cobertas.

– Ross? – perguntou uma voz feminina delicada e sonolenta.

Uma voz feminina familiar.

– *Lucy?* – sussurrou ele, chocado.

Era ela mesmo? Ele conhecia aquela voz, e agora sentia o cheiro do perfume doce com notas de canela que ela sempre usava.

Ela murmurou algo e se remexeu, chegando mais perto, como se atraída pelo calor dele. Os olhos dele se adaptaram um pouco à escuridão, ele viu o rosto lindo dela. A pele macia, a mecha de cabelos escuros caindo na bochecha, a boca perfeita levemente franzida.

E ela havia dito o nome dele enquanto dormia.

O coração dele acelerou quando Ross percebeu que aquilo era real. Lucy Fleming estava dormindo na cama dele, no escritório dele, em um prédio que deveria estar deserto. Aquilo não fazia absolutamente sentido nenhum, e provavelmente era a última coisa que ele esperava que acontecesse. Considerando o quão ela estivera determinada a fugir sem nem mesmo conversar com ele mais cedo, parecia mais provável deitar naquela cama e encontrar o verdadeiro Papai Noel.

Ele começou a pensar freneticamente nas situações que poderiam tê-la feito pousar ali. Ela precisou voltar depois de o prédio fechar... quando ele foi embora às 19h30, não havia mais ninguém, exceto o guarda. Ele não fazia ideia de por que ela havia retornado. Talvez tivesse esquecido alguma coisa? Qualquer que fosse o motivo, Chip teve de deixá-la entrar, provavelmente a reconhecendo daquela tarde.

Além disso... o quê? Ela se oferecera para ficar no prédio quando ele fora levado pela ambulância? Aquilo soava incrivelmente absurdo, e o policial que havia telefonado não mencionada nada disso.

As portas. Droga. Quando o mecanismo de trancas era acionado, elas não podiam ser abertas sem as chaves, nem mesmo por dentro. Chip saía para ajudar o motorista, deve ter trancado antes de sair.

– Você foi trancada aqui dentro – sussurrou ele, compreendendo de repente.

E ela não tinha como pedir ajuda. O prédio era famoso por seu sinal ruim de celular, mesmo na melhor situação climática, e o sistema de telefones era alimentado por energia elétrica, então os telefones normais não teriam funcionado. A internet estaria sem sinal também, é claro, além do mais, todos os computadores no edifício eram protegidos por senha.

Ele quase conseguia imaginar Lucy esmurrando as portas, tentando chamar a atenção de alguém. Porém, com a noite escura, a neve em redemoinhos e a ausência de gente se aventurando lá fora, aquilo deve ter parecido uma proposta desesperada. Ela deve ter se dado conta de que ficaria presa até o dia seguinte.

Então, como Cachinhos Dourados, encontrou uma cama e se enfiou nela.

Ele ficou feliz por não ter seguido seu primeiro instinto, que seria se pôr de pé e berrar: “Quem está dormindo na minha cama?”

Lucy Fleming é quem está dormindo na sua cama.

Ele sorriu. Quais eram as chances de aquilo acontecer? Seis anos atrás, naquela mesma data, ela dormira na cama dele também.

Lembrando-se de tudo naquela noite, enxergando os paralelos, Ross teve mesmo de rir baixinho. Se ele fosse um sujeito mais espiritualizado teria visto aquilo como a mãozinha do destino. Mas, como um realista, sabia que a culpa era da nevasca, do blecaute e de um ótimo sistema de segurança.

No entanto, aquilo não significava que ele estava grato para diabo por tudo, contanto que Chip fosse ficar bem. Porque presa como estava com ele naquele prédio, não seria fácil para Lucy sair da vida dele outra vez.

Ele mal podia esperar até de manhã para ver o quanto havia nevado. Para saber por quanto tempo eles ficariam presos ali.

E o que Lucy teria a dizer a respeito.

LUCY ESTAVA tendo o melhor sonho de todos. Naquele estado entre estar dormindo e acordada, de algum modo ela sabia ser um sonho, mas não queria abrir mão dele.

Ela estava deitada na praia, envolvida pela areia macia branca como açúcar. As águas azul-turquesa do Caribe lambiam em ondas suaves, acariciando seus pés nus, o bater das ondas constante e hipnótico. Acima, o sol brilhava num sul azulzinho. De vez em quando uma nuvem branca fofinha passava, proporcionando um toque de sombra, mas na maior parte do tempo ela simplesmente sentia-se quentinha e alegre.

Exceto seu nariz. Seus nariz estava muito gelado.

Na verdade, suas bochechas também. Ela ergueu uma das mãos, pressionando os dedos contra o rosto, se perguntando como sua pele podia estar tão fria quando ela estava deitada sob um sol deliciosamente cálido.

Ao seu lado, um homem gemeu, como se ele também estivesse adorando sentir o sol e a brisa da ilha em sua pele. A som era intrigante, e ela se aproximou. Ele estava quente ao encontro dela, grande e

poderoso, com músculos escorregadios de suor, os quais ela trilhou com a ponta dos dedos. Lucy manteve os olhos fechados, não precisava ver o rosto dele, de algum modo sentindo já saber quem ele era.

Ou talvez com um pouco de medo de não ver o rosto que queria ver.

– Hum – gemeu ela enquanto pressionada a bochecha no peito dele. Um calor lânguido deslizou pelo corpo dela; Lucy estava embalada pelas expirações ritmadas dele, e pelo som de seu coração palpitando constantemente.

Espere. Áspero demais. Ele devia estar sem camisa.

Ela aguardou o sonho mudar, aguardou sentir a pele masculina escorregadia em seu rosto. Em vez disso, suas bochechas só ficaram mais frias, e a textura ao encontro do seu queixo ficou mais áspera. Nada de pele macia e escorregadia. Era algo como... lã?

Embora quisesse desesperadamente agarrar o sonho e afundar nele outra vez, Lucy ultrapassou o ponto de inflexão da consciência e percebeu que era inútil. O sonho tinha acabado. Ela estava acordada. O rosto estava frio porque ela estava presa em um edifício sem energia e sem aquecedor. E estava áspero porque... porque...

Ela abriu os olhos. Esperou que se adaptasse à escuridão. Viu uma figura. Um corpo. Um suéter áspero sobre o qual seu rosto estivera descansando. Um pescoço. Um rosto. *Ai. Meu. Deus. Ross. Ross?*

Ela congelou, incapaz de mexer um músculo enquanto tentava compreender. Tinha ido dormir sozinha, preocupada, furiosa, se perguntando o que aconteceria no dia seguinte se ninguém viesse verificar o prédio.

E acordou na cama com Ross Marshall.

Era ele, sem dúvida. O sujeito que havia partido o coração dela, aquele que ela jurara nunca mais deixar se aproximar o suficiente para magoá-la outra vez, estava dormindo ao lado dela no sofá-cama! Não apenas ao lado dela, mas praticamente debaixo dela. Aparentemente, durante o sono, Lucy havia se aninhado junto a ele, erguendo uma perna e deslizando-a para a virilha dele, o braço ao redor da barriga lisa, o rosto aninhado na curva do pescoço.

Ela estava praticamente encoxando o sujeito.

E ele estava dormindo profundamente.

O primeiro instinto de Lucy foi se levantar e correr. O segundo, agarrar o travesseiro a bater na cabeça dele, exigindo saber o que ele pretendia.

Mas daí o cérebro dela tomou conta.

Porque, até onde dava para ver, Ross não *pretendia* nada, exceto dormir. Era ela quem estava fazendo aquela coisa assustadora de se aninhar, sugando o calor dele enquanto sonhava com praias exóticas e um sol ardente. Provavelmente não era algo muito surpreendente, considerando que Ross ainda era apenas o sujeito mais sensual em quem ela já havia posto os olhos. Mesmo naquele quase escuro como breu, era impossível não perceber a plenitude sensual da boca dele, as maçãs do rosto marcantes, o rosto másculo, anguloso. Os cílios dele eram pecaminosamente longos para os de um cara, escondendo aqueles olhos verdes cor de esmeralda.

Todo o frio que ela estivera sentindo, pelo menos naquelas partes que não estavam cobertas por Ross, se dissipou. Só havia calor agora. Na verdade, determinados lugares da anatomia dela estavam latejando.

De repente ela estava muito ciente da posição do próprio braço na cintura dele, do modo como mergulhava abaixo até os quadris. A perna dela havia se postado tão confortavelmente entre a dele, que

Lucy quase tinha medo de se mexer, para não o acordar. Mas ficar daquele jeito era torturante.

Porque era simplesmente impossível envolvê-lo com as pernas, senti-lo ao encontro dela, sem se lembrar do passado; de todos os jeitos como ele a satisfizera, lhe dera prazer, lhe excitara. O sujeito havia lhe ensinado coisas sobre seu corpo que ela nem mesmo pensava serem possíveis.

Enquanto há um dia ela teria jurado que não estava nem um pouco suscetível a ele mais, a mulher que teve de sair da banheira há algumas horas diria o contrário. Assim como diria aquele que agora estava totalmente à mercê das partes femininas de Lucy.

Os mamilos dela estavam tesos e incrivelmente sensíveis ao encontro do peito dele. O menor movimento fazia o tecido de seu suéter macio deslizar entre eles, e como ela estava com pressa e não tinha vestido sutiã, a sensação definitivamente era perceptível.

E isso não era tudo. As coxas dela estavam tremendo, e entre elas o sexo estava úmido e intumescido. A ânsia de investir os quadris quase a dominava, e Lucy precisava obrigatoriamente se lembrar de que não era educado se esfregar contra um homem dormindo só para conseguir um pouco de satisfação.

Muito embora, para ser totalmente honesta, ela suspeitasse... não, ela sabia, que ele lhe daria *muita* satisfação.

Ela fechou os olhos, respirou fundo, desejou que seu corpo entrasse em estado de espera e então tentou relaxar. Já seria ruim o suficiente ter de acordá-lo e perguntar o que ele estava fazendo ali, ou explicar a história boba sobre o motivo de ela estar ali. Mas o que fazer quando Lucy sabia que o estava usando tanto quanto cobertor quanto como brinquedo sexual em potencial era mais do que ela poderia suportar agora.

Prendendo a respiração, ela ergueu a perna dobrada, afastando-a da virilha dele. Lentamente, ah, tão lentamente. Mas quando ela remexeu, descendo um pouco demais, a coxa revestida com jeans roçou no bolso dianteiro da calça dele, e ela parou, arfando. Porque aquela calça não estava lisa mais. Certamente não.

Ele estava rijo, ereto, excitado.

E, ela temia sobremaneira, acordado.

Ross confirmou isso ao jogar a mão enorme sobre o braço dela, prendendo-a bem onde estava... ao encontro dele.

– Pare.

– Hum... Há quanto tempo você está acordado?

Por favor, não diga que a tempo suficiente para saber que eu estava toda em cima de você enquanto você dormia. No entanto, a julgar pelo volume na calça dele, aquele volume grande de dar água na boca, aquilo parecia bem certo.

– Acabei de acordar, há alguns segundos – alegou ele.

Ele podia estar dizendo a verdade, o tom rouco de sua voz dando indícios de que ele dormia. Então talvez o corpo dele simplesmente estivesse fazendo aquela coisa de ereção noturna. Talvez o fato de as coxas dela estarem esparramadas em cima dele e praticamente implorando que fossem entreabertas não tivesse influenciado na ereção imensa que lhe pressionava a costura das calças.

Pare de pensar nas calças dele. E no que está dentro delas.

Sim, grande chance de isso acontecer. Todas as células do corpo dela estavam em alerta, e o sangue rugia dentro das veias. Lucy podia até ter dito a si milhares de vezes que nunca mais queria ver Ross. Mas estar ali, nos braços dele, sabendo que o corpo dele estava reagindo a ela, mesmo que a mente dele não soubesse disso, era a coisa mais excitante que ela já havia experimentado em eras.

Não fazia sentido negar aquilo, pelo menos para si. Ela o desejava. Indo de encontro a toda razão e bom senso.

Ou talvez não. E se aquilo *era* razoável? Talvez fizesse *perfeito* sentido aproveitar aquele momento inesperado e arrancar o que pudesse dele.

Ela e Ross tinham sido parceiros sexuais perfeitos certa vez. Lucy havia passado seis anos aprendendo que isso era uma coisa muito rara. Outros homens lhe deram orgasmos... mas ninguém mais fez seu mundo tremer. Além do mais, ela não era mais a garota inexperiente de 22 anos que confundia sexo com amor. Ela e Ross não precisavam se amar para experimentar o prazer puro nos braços um do outro.

Pelo menos... contanto que ele *quisesse* também. O corpo dele aparentemente queria, mas a mente precisava estar envolvida no processo de tomada de decisão. Ross havia ido embora sem olhar para trás antes, então talvez a tensão que ela estivesse sentindo não causasse o mesmo efeito nele. Se assim fosse, ela precisava saber antes de escolher entre ir para cima dele e beijá-lo, ou rolar para o outro lado, levantar da cama e exigir ser retirada daquele prédio. Encarar uma nevasca parecia mais atraente do que admitir que ela o desejava e descobrir que ele de fato não sentia o mesmo.

– Você podia ter me acordado quando percebeu que eu estava aqui. Por que não me chamou?

– Porque talvez eu simplesmente quisesse dormir com você mais uma vez – admitiu ele.

Ótimo.

Então, suspirando, ele acrescentou:

– Além do mais, eu sabia que, se te acordasse, você colocaria todas as suas defesas em riste e insistiria em ir embora no meio de uma nevasca.

Ela ignorou o comentário, já que havia decidido fazer exatamente isso.

– Então você simplesmente deitou e se aninhou ao meu lado?

– Conforme me recordo, era você quem estava se aninhando – disse ele, o tom arrastado e divertido.

O que confirmava que ele estava acordado há mais tempo do que dissera estar.

– Então – continuou ele – o que foi que você esqueceu?

– Perdão?

– Acho que consegui entender tudo... Você deve ter esquecido alguma coisa esta tarde, voltou para pegar, então ficou presa no prédio quando Chip foi lá fora e teve um enfarte.

– Ai, não! Ele está bem?

– O policial que me ligou disse que achava que ele ficaria bem.

– Espero que sim. Ele foi muito gentil, me deixando entrar porque, sim, eu esqueci mesmo uma coisa. – Constrangida em admitir, já que todo fotógrafo considerava sua câmera uma extensão de seu corpo, ela explicou: – Deixei minha câmera e meu estojo com lentes especiais aqui.

Ele riu baixinho, obviamente lendo as entrelinhas, sabendo que a havia perturbado o suficiente a ponto de fazê-la esquecer seu equipamento. O sujeito sempre fora um pouco perceptivo demais. Droga.

A conversa não estava indo para o rumo que deveria. Lucy abordou o tema, com a esperança de ouvi-lo dizer que tinha deitado na cama com ela porque a desejava desesperadamente.

Agora estavam conversando sobre câmeras e policiais. Argh.

O vento uivava, e embora a temperatura não tivesse caído muito ali dentro, ela instintivamente se aninhou mais perto de Ross. Ambos ficaram em silêncio, como se totalmente confortáveis com o fato de que tinham acabado juntos na cama por acidente, fato que ela ainda desejava debater, a propósito.

Só que mais tarde. Agora não. Não quando Ross estava tão quente e forte, quando o hálito dele provocava o cabelo dela, e sua coxa rígida se encaixava tão bem entre as dela. Não quando Lucy estava

tentando respirar ainda mais profundamente, intoxicada pelo perfume cálido e forte da pele dele.

Não quando ela precisava saber se ele realmente a desejava, Lucy Fleming, e não somente o corpo feminino que por acaso estava ao lado dele na cama.

Se ele desejasse, Lucy pretendia se permitir *possuí-lo*. Ross seria o melhor presente de Natal. Só essa vez, só esta noite.

Como se soubesse que Lucy não tinha a intenção de se afastar, Ross baixou a mão até o pulso dela, traçando círculos preguiçosamente no ponto da pulsação. Como se tivesse todo o direito de tocá-la. Lucy suspirou, chocada pelo quanto aquele toque soava sugestivo. Seu sexo já úmido ficou ainda mais excitado, molhado, quando ela se lembrou de como aqueles dedos delicados porém fortes costumavam deslizar em seu clitóris, fazendo-a chegar ao clímax com algumas carícias deliberadas.

Espreguiçando-se, ele se remexeu um pouco, e Lucy sentiu a flexão dos músculos poderosos do ombro dele. Ela havia notado mais cedo que o corpo dele havia mudado... Ele estava maior, mais largo no peito e nos ombros, embora os quadris estreitos ainda pudessem ser facilmente envolvidos pelas coxas dela.

Era fácil demais visualizar isso. Visualizar tudo. Na verdade, ela estava com dificuldade para se concentrar em qualquer outra coisa.

Sem aviso, Ross mudou a mão de lugar, levando-a até o quadril de Lucy, puxando-o para mais perto de si. Para se aquecer? Em nome dos velhos tempos? Por que ele não tinha nada melhor para fazer?

Ai, Deus, Ross a estava deixando louca!

Ele manteve aquela respiração ritmada, constante, permanecendo calado, e não revelou fosse por ações ou palavras se estava simplesmente matando tempo ou tentando começar alguma coisa.

Finalmente, incapaz de aguentar amis, Lucy sentou-se ereta na cama e olhou para ele.

– Bem, você vai fazer alguma coisa a respeito disso?

Ela estava perguntando muito mais do que aquilo. *Você está interessado? Está sentindo isso? Você me deseja?*

Ele não respondeu durante um segundo, não retrucou com um *Tipo o quê?* confuso, mas então, bem quando Lucy estava prestes a sair da cama e chamá-lo de idiota, Ross se mexeu, rápida e deliberadamente.

Entre duas respirações curtas, ele se sentou, deitou Lucy de costas e se pôs acima dela, o corpo forte rijo contra o dela. Ele baixou o rosto para o dela, e o coração de Lucy disparou de empolgação quando ela enxergou o desejo na expressão dele.

Então ele disse uma palavra... a única que ela queria ouvir.

– *Sim.*

Depois disso, as palavras se tornaram desnecessárias. Com o coração flutuando, todos os pensamentos desaparecendo, Lucy se ergueu para encontrar os lábios dele com os seus. As línguas mergulharam juntas, frenéticas, ávidas por uma conexão.

Não houve nada de tranquilo e lento naquilo. Apenas desejo potente e exigências. As mãos corriam pelo corpo um do outro, e Lucy sibilou quando ele levou a boca ao pescoço dela e sugou a nuca. Ele mordiscou delicadamente e ela estremeceu, desejando aquela boca, aquela língua, aqueles dentes mordiscando em todos os centímetros de seu corpo.

O Ross com quem ela fizera amor todos aqueles anos atrás tinha sido lento, delicado e hesitante. Este Ross era selvagem. Desesperado. Ela sentia o desejo intenso dele, e retribuía com o seu. A emoção foi

afugentada pela luxúria, e ela percebeu, de repente, que estivera esperando por aquilo muito antes dos instantes que passaram juntos na cama.

Ela ansiara durante anos para sentir-se assim, através de outros casos e outros homens. Queria experimentar a paixão intensa, quase animalesca que sentia agora. Lá no fundo, Lucy sabia que estivera esperando por ele. Ross. Esperando até que se reencontrassem, como se sabendo que um dia eles iriam se reencontrar, para verdadeiramente se soltar de todas as inibições, de todas as dúvidas, de todos os questionamentos a respeito da própria capacidade de ser desejável. Saber que ela era a obsessão sexual de alguém, mesmo que por uma noite, uma vez na vida.

E era. Ross a desejava. Seu toque desesperado proclamava isso e o próprio corpo dela já estava gritando um *Sim* silencioso para cada coisinha que ele pudesse vir a pedir a ela.

Eles se separaram apenas o suficiente para tirar as roupas. Ele tirou o suéter, revelando o peito dourado, e Lucy teve de esticar as mãos e correr as pontas dos dedos pelo abdome impressionante. Ele tinha formas perfeitas: peito largo, quadril e cintura estreitos. Como se tivesse sido o modelo na criação do primeiro exemplar masculino.

Quando as mãos dele tocaram a cintura dela e começaram a arrancar seu suéter, Lucy arqueou em direção a ele. Ouviu o gemido baixinho de Ross quando ele percebeu que ela não estava usando sutiã, e mesmo na penumbra, ela podia notar o olhar de pura estima enquanto ele a devorava visualmente.

Lucy tinha uma estrutura corporal um pouco diferente há seis anos. Era mais juvenil, mais magrinha. Agora ela estava mais curvilínea, com cinco quilos a mais em todos os lugares certos... lugares dos quais ele obviamente gostava. Muito.

– Deus, você é linda – murmurou ele. Então baixou para os seios dela, sem aviso, sem pistas, a boca pousando no mamilo e sugando com força. Como se ele não conseguisse evitar, tivesse de matar a sede voraz com o gosto dela.

– Ah, sim, por favor – gemeu ela.

Lucy afundou os dedos nos cabelos dele, pressionando-o ainda mais ao encontro de si, necessitando sentir, lá no fundo. E a cada investida da boca de Ross, ela de fato sentia. Todo o caminho até o centro pulsante de sensação entre as coxas.

Ele mudou de posição para dar a mesma atenção ao outro seio. Abarcando-o com a mão, ele rolou o mamilo entre os dedos antes de soprá-lo levemente, então sugou. Lucy gemeu para exprimir o quanto aquilo era bom. Saboreando a atenção dele, ela lhe beijava o pescoço, o ombro, passando as unhas pelas costas nuas, se perguntando como ele podia ser tão forte quando agora aparentava ser o tipo de sujeito que vivia de terno e gravata.

Ela sentiu vontade de gritar quando ele movimentou a boca outra vez. Mas seguiu o roteiro quando ele foi beijando mais abaixo, passando pelo umbigo até o cócs da calça, a qual ele desabotoou rapidamente. Ross recuou se ajoelhando no beirada da cama e esticando as pernas dela. Lucy ergueu os quadris, se arqueando para ele, ajudando enquanto ele arrancavam o jeans.

Graças a Deus ela estivera com pressa demais para vestir uma ceroula ou algo igualmente horroroso antes de sair de casa. Sua calcinha cor-de-rosa não era digna de uma grife sexy, mas era bonitinha e sensual. E Ross pareceu gostar dela. Muito.

Ou talvez não. Porque, sem dizer palavra, ela a arrancou, rasgando o tecido. Ela não ligou a mínima. O desejo intenso em cada movimento dele a excitava além de qualquer coisa.

– Preciso provar você, Lucy.

Ela teve um segundo para se preparar, então a boca de Ross estava nela, lambendo seu centro feminino. Ela de fato deu um gritinho agudo, chocada pela intimidade crua. Ele não a provou cuidadosamente, ele mergulhou fundo, investindo a língua em sua abertura, então no clitóris, então voltando ao local anterior. Lucy estava gemendo, os quadris se contraindo livremente, impotente para fazer qualquer coisa senão receber o que ele queria oferecer. Seu primeiro orgasmo a atingiu como um terremoto, fazendo o corpo inteiro estremecer. Ross não parou, meramente segurando os quadris em suas mão imensas, continuando a lambê-la como se não conseguisse se satisfazer.

Então vieram os espasmos, o tsunami onda após onda de prazer quente, elétrico, estalando em pequenas explosões que faziam a cabeça de Lucy girar. Cores, sons, luzes piscantes... parecia que um carnaval estava ocorrendo ao redor dela, toda a música sensual e a emoção de girar e passear até ficar sem fôlego e simplesmente não aguentar mais.

Ela não aguentava mais.

– Pare – pediu ela, aturdida, sabendo que havia chegado ao ápice. Sobrecarregada de prazer. Mal conseguia respirar, o coração estava palpitando com força suficiente para explodir do peito, e ela estava quase desmaiando de tanto arfar.

Principalmente, estava surpresa. Chocada.

Despertada.

Eles não passaram muito tempo juntos seis anos atrás, e o sexo oral fora uma intimidade que não chegaram a compartilhar. Ela era jovem, virgem, e ele fora carinhoso e incrivelmente paciente. Lucy desconfiava que, se Ross um dia tivesse usado sua boca de tal forma com ela, ela o teria perseguido em Chicago.

Agora ela queria que ele sentisse a mesma liberdade pura. Queria oferecer a ele o que nunca havia oferecido. Não apenas lhe dar prazer, mas também o deixar tão absolutamente enlouquecido como ele havia feito com ela.

Mais, no entanto, ela queria aquela intimidade para o próprio bem. Nunca havia enxergado o sexo oral como nada mais do que uma preliminar, algo que se retribuía para compensar o investimento que um sujeito tinha feito usando a língua. Dessa vez, porém, ela queria tomar aquele falo rijo de calor masculino com a boca e explorar os sabores do corpo dele. Queria prová-lo, explorá-lo, sugá-lo até sua força de vontade desabar, ou suas pernas desabarem.

Ela recuou, agarrando o cabelo de Ross e incitando-o a se levantar. Ele espiava Lucy dali do meio das pernas dela, os olhos brilhando, a boca úmida.

– Seu gosto é bom – gemeu ele.

Lambendo os lábios, ela murmurou.

– Aposto que o seu também é.

Sentando-se, ela se tornou o caçador, perseguindo-o até a ponta da cama, até ele saltar para fora dela. Observando-o avidamente, Ross não disse nada quando ela se postou na beirada, entreabrindo as próprias coxas ao redor das pernas dele.

Lucy estava ao nível dos olhos com aquele maravilho volume grosso que lutava contra o zíper. Embora estivesse desesperada para rasgar as roupas dele, ela hesitou, prendendo a respiração. Naquele instante, sentiu como se estivesse prestes a abrir um presente de Natal... só um, na véspera de Natal, do jeito que sempre fazia quando criança. A empolgação por ter escolhido o presente certo, e a certeza de que haveria muito mais coisas boas quando ela abrisse todos.

Mordendo o lábio, ela desabotoou o jeans dele, então baixou o zíper. Ele sibilou quando as mãos dela roçaram o algodão da cueca boxer. Enterrando as mãos nos cabelos delas, Ross a segurou com força, mas não dolorosamente, embora tivesse usado de mais força do que ela esperava dele. Era possessivo. Exigente. Ao contrário do Ross carinhoso que ela conhecera, mas perfeito para o homem ávido que a saboreara como se tivesse recebido sua última refeição.

Puxando a calça e a cueca, ela se demorou um segundo admirando o órgão dele, forte, ereto e poderoso. Lucy umedeceu os lábios, então se inclinou para a frente e beijou a ponta, ouvindo Ross gemer quando pele encontrou pele.

Aquele gemido a estimulou. Ela entreabriu os lábios, tomando-o com a boca, rodopiando a língua sem parar. Ela engoliu o indício de umidade que o corpo dele liberava, gostando do sabor salgadinho, desejando encher a boca com ele. Lucy não se preocupava com o fato de que o levar ao limite iria impedi-lo de aguentar o que ela desejava dele mais tarde. Ross era jovem e cheio de vida, e agora parecia que ele podia aguentar facilmente durante a noite toda, fazer uma pausa para o café e então retornar para lá e enlouquecê-la mais meia dúzia de vezes.

Lucy contraiu as coxas, a umidade pingando do sexo, ainda inchado, talvez até mesmo um pouco dolorido devido à atenção minuciosa oferecida pela boca de Ross.

Ela lhe deu a mesma atenção, sugando com vontade. Ele requebrou um pouco, o que ela encarou como bom sinal. Então ela tomou mais dele, colocando mais fundo na boca, até não aguentar mais. Posicionando a mão entre as pernas dele, ela envolveu os testículos rijos cuidadosamente, sincronizando cada investida da mão com a da boca, se afastando e então sugando com mais força, sem parar.

Os gemidos dele se intensificaram. O ritmo acelerou. Ela sabia, pela tensão daqueles músculos poderosos, que Ross estava chegando lá.

Ele parou.

– Hum, hum. Esperei durante seis anos. De jeito nenhum que vou chegar ao clímax dentro da sua boca.

Afastando-se, ele enfiou a mão no bolso de calça e pegou um preservativo. Enquanto o vestia apressadamente, Lucy cogitou dizer a ele que estava tomando pílula contraceptiva. Mas achou que era melhor pecar por excesso de cautela quando estavam sendo tão impulsivos, tão loucos.

Ross removeu as calças completamente, então voltou a Lucy. Ela deixou que ele a carregasse, enrolando as pernas ao redor da cintura dele. Ele a carregava com facilidade, a mão apoiando seus quadris, então a encostou contra a parede, apoiando-a entre a parede e seu peito.

Lucy afundou os dedos nos cabelos dele, puxando sua boca para um beijo profundo. Ele investiu sua língua bem fundo... e então fez o mesmo com seu membro.

Ah, sim.

Ross não se movimentou no começo, só ficou ali, abraçando-a, empalada por ele. Lucy sentiu seu corpo relaxar e se encaixar, envolvendo-o por completo. Saboreando a plenitude, ela começou a embalar o corpo ao encontro do dele, sinalizando que ele não precisava ir devagar.

Ela não queria que ele fosse devagar.

– Da próxima vez – prometeu ele.

– Tanto faz – arfou ela.

Então as palavras silenciaram. Restaram apenas as investidas rijas do corpo dele no dela. Mais e mais fundo, ele chegou a pontos que ninguém nunca havia atingido. Ou talvez ela estivesse atingindo

aqueles pontos. Certamente parecia que Lucy estava voando, uma sensação quase extracorpórea.

A umidade tomou conta das bochechas de Lucy. Ela percebeu que estava chorando. Mas não eram lágrimas de tristeza, mas sim lágrimas de “meu Deus está tão bom e esperei por isso durante anos”.

Ela fechou os olhos, jogou a cabeça para trás e simplesmente o recebeu infinitamente. O ritmo da virilha dele ao encontro da dela fazia a fricção ideal e Lucy sentiu aquela pressão conhecida fervendo dentro de si. Seu clitóris latejava e inchava. Então a represa estourou, e ela chegou ao ápice outra vez.

– Ah, sim, Deus, sim.

Palavras dela? Dele? De ambos?

Lucy não sabia. Ela só sabia que ambos estavam gritando, suando, se contorcendo, investindo. E, finalmente, ambos estavam em êxtase.

Ele gemeu, ficando muito quieto de repente. Lucy o beijou. Ela sentia a pulsação dele contra seu peito e no ponto em que Ross estava dentro dela e se flagrou desejando ter dito a ele para não usar o preservativo. Ela queria todo aquele calor explodindo dentro de si.

Felizmente, entretanto, eles estavam só começando.

Tinham tempo. Muito tempo. Porque, a julgar pelo vento golpeando o edifício, e pela neve escura rodopiando em torno das janelas, eles não iriam a lugar nenhum tão cedo.

Capítulo Oito

Antes

Nova York, 24 de dezembro de 2005

EMBORA ROSS tivesse desejado que Lucy tivesse chamado a polícia logo depois de Jude sair, ele sentira o desespero dela para sair do apartamento. Ela não *queria* simplesmente sair, ela *precisava* sair. Ele desconfiava que o lugar de repente parecesse contaminado para ela, e teve de se perguntar quanto tempo levaria até ela se sentir segura ali outra vez.

Isso definitivamente não iria acontecer até a troca das fechaduras. E de jeito nenhum que ela iria ficar sozinha lá até então.

Então, depois de Lucy jogar algumas coisas em uma mala, eles seguiram para o apartamento de Ross. Após uma caminhada curta até a caminhonete, e um longo tempo dirigindo para fora de Manhattan, eles chegaram ao Brooklyn. Cada quilômetro percorrido colocava aquela cena horrível no passado, e Ross finalmente foi capaz de começar a limpar sua mente das imagens do que poderia ter acontecido se ele não tivesse aparecido no instante em que o fez.

E ideia em si o deixava enjoado. E ele sentia a violência crescer dentro de si só de pensar no nome de Jude.

Mas agora era hora de pensar em outra coisa. Ter certeza de que Lucy estava bem e se sentia segura, por exemplo. Perguntar-se o que havia acontecido na vida dele nas últimas 12 horas.

Não, ele deixaria para pensar nisso no dia seguinte.

– Cá estamos – disse Ross quando encostou diante da casinha alugada onde morava. Olhando dali não era grande coisa, mas era o lugarzinho dele, um lugar que ninguém o havia ajudado a conseguir. Ele não amava aquela localização, mas adorava a sensação de não dever nada a ninguém. Especialmente ao pai.

– Não consigo expressar o quanto eu...

– Esqueça – disse ele, acenando para dispensar o agradecimento. Provavelmente era o vigésimo desde que tinham deixado o apartamento dela.

Virando-se para alcançar o pequeno compartimento traseiro na caminhonete, Ross pegou a malinha de Lucy e a bolsa com a câmera, então saiu, contornando o carro para abrir a porta para ela. Lucy não esperou, pulando fora antes mesmo de Ross contornar o para-choques.

– Que casinha linda!

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Sério?

– Claro. Você tem um jardim e tudo o mais. Você não sabe o quanto sinto falta de churrascos no quintal durante o verão.

– O último inquilino deixou uma churrasqueira aqui. Talvez eu faça alguns hambúrgueres amanhã.

Ela riu.

– Na neve?

– Você chama isso de neve? Ih. Há invernos bem piores do que esse. Se não tiver vivenciado aqueles com nevascas de 48 horas, você não sabe o que é neve de verdade.

– Eu vivenciei – disse ela. – Cresci em Chicago.

Chocado, ele quase tropeçou.

– Sério?

A mulher que ele tinha começado a suspeitar ser a mulher de seus sonhos havia crescido na mesma cidade que ele, e Ross nunca ficara sabendo da existência dela? Aquilo parecia errado em algum nível cósmico.

– Aham. E só de pensar naquele inverno cheio de vento eu lembro por que nunca vou voltar.

O coração dele se apertou um pouco diante daquela confissão, mas ele afastou a decepção.

– Sim, também não posso dizer que sinto falta de lá agora.

– Você acha que um dia vai voltar?

– Sim, acho que sim.

Na verdade, ele não apenas achava, ele sabia. Dia desses, teria de retornar e encarar suas responsabilidades. O pai certamente não estava ficando mais jovem ou mais saudável, e nenhuma de suas irmãs demonstrara qualquer interesse na área de construção.

Ross, por outro lado, amava o ramo genuinamente. Ele chegara a ter um conjunto de ferramentas de brinquedo quando criança, e construíra sua primeira casa de passarinho aos 4 anos. Aos 10, fizera uma casa da Barbie de quatro andares para a irmã. Ele simplesmente tinha grande afinidade com construir coisas, e nunca quisera fazer outra coisa. Alguns até mesmo diziam que era um dom.

A ida à faculdade e depois à pós e o aprendizado sobre esboço de projeto e arquitetura simplesmente o tornaram melhor ainda em seu ofício. Mais do que isso, ele realmente *queria* dirigir a empresa um dia, como seu avô e agora seu pai sempre diziam que ele faria.

Ele só não queria ser obrigado a trabalhar lá *agora*, sob o olhar vigilante do pai. Tendo passado todos os verões e férias escolares construindo coisas para a Elite Construction, e sabendo que terminaria fazendo aquilo durante maior parte de sua vida, ele só queria algum tempo para si. Ser livre, ir para um lugar novo, ficar totalmente por sua conta. Não era pedir muito, era?

Bem, de acordo com o pai dele, era.

– Ross?

Percebendo que havia caído em um silêncio melancólico, ele sacudiu a cabeça com força.

– Espere um segundo – disse a ela, voltando à caminhonete para pegar o dinossauro robótico e as caixas de presentes que ele devia ter enviado hoje. Ele mencionara os presentes a Lucy a caminho de

casa, e ela prometera ajudá-lo a embalá-los esta noite, e então encontrar uma transportadora no dia seguinte.

Uma vez dentro de casa, Ross acendeu as luzes e regulou o termostato. Não, aquele não era o inverno de Chicago, mas ainda era bem frio. Além do mais, a casa era velha e fria.

Ele aumentou o calor, então se voltou para Lucy, que parecia muito menos traumatizada do que estava quando saíram de Manhattan. Ele não tentou esconder seu alívio, feliz por haver aquele traço de força e resiliência que ele sentira nela quando se conheceram.

Agora, Lucy agia como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Na verdade, ela estava andando, confortável o suficiente para ser barulhenta e ver como era a casa.

– Ai, meu Deus, isso é mesmo um abajur de lava?

– Assim como a churrasqueira, também foi deixado pelo inquilino anterior. Mais o sofá e a mesa horrorosa da cozinha.

Sorte dele. Depois de disponibilizar dinheiro para um seguro-fiança, mais o valor do primeiro e último aluguéis, não sobrou muita coisa para investir em mobília.

Na verdade, a moradia dele era meio engraçada agora. Ele tinha sido criado em uma casa com dez quartos em 20 acres de terra. Cada irmã tinha um cavalo no estábulo, e ele pôde escolher um carro ao completar 16 anos. Ele não nascera necessariamente em berço de ouro, mas poderia ser chamado de riquinho sim.

E agora ele morava em uma casa pequena, velha e fria, com mobília usada e uma velha televisão analógica que só exibia um canal, e mesmo assim só se não houvesse uma nuvem no céu. Ele dirigia uma caminhonete de 5 anos, cujas prestações ainda eram num valor suficiente para fazê-lo estremecer uma vez ao mês. Ele comia macarrão instantâneo, tal como muitos jovens que tinham bolsa na faculdade.

O mais chocante de tudo? Ele gostava disso.

Faça isso e você vai se virar sozinho, vou cortar tudo! Não espere um centavo de mim!

A voz furiosa do pai ainda ecoava na cabeça de Ross. Assim como sua resposta sussurrada: *Mas eu fiz de qualquer jeito, não fiz? E estou me saindo muito bem.*

– E aquele pufe ali? – perguntou Lucy, interrompendo os pensamentos dele da cena furiosa ocorrida no último verão, logo depois da formatura, quando Ross resolveu não voltar para casa.

Ele admitiu:

– O que posso dizer? Esse eu comprei. Parecia combinar com a decoração.

– Deixe-me adivinhar... liquidação no brechó?

– Bingo. – Dando de ombros, ele acrescentou: – Eu estava em contenções.

– Acho que meu globo de Papai Noel hippie combinaria muito bem com isso aqui.

– Nem mesmo pense em penhorar aquela coisa em mim. Mesmo que eu não estivesse duro de grana, eu não deixaria aquele São Nicolau drogado e aquelas crianças zumbi chegarem perto da minha árvore de Natal. Era pode perder todas as agulhas de puro medo.

Lucy finalmente notou a arvorezinha no canto, perto da janela. O sorriso dela murchou um pouco, como se de repente tivesse se lembrado de que era véspera de Natal, ainda que muito cedo... apenas uma da madrugada.

Era uma coisa triste de se ver. Ele havia comprado a árvore por impulso, era a última do lote na vizinhança, magrela e baixinha, já sem metade das agulhas. Ela o fizera se lembrar da árvore do Charlie

Brown... precisando de um lar. Então pegou as 10 pratas que tinha no bolso e trouxe a árvore, enfiando-a em um balde, já que não tinha um suporte apropriado.

Ele nem tinha nenhum enfeite de verdade para colocar nela. No momento, uma quentinha de alumínio vazia fazia as vezes de estrela no topo, e um monte de ganchos, preguinhos e bugigangas pendiam dos poucos galhos.

Assim que olhou para aquela coisa patética, a tristeza de Lucy pareceu sumir. Ela balançou a cabeça, um sorriso lento e relutante se abrindo em sua linda boca.

– Por acaso aquilo ali são anéis de latinha cerveja?

– Só alguns – confessou ele. – Eu estava testando. Não sou de beber muito, mas eu tinha algumas latinhas na geladeira. Finalmente invadi minha caixa de ferramentas.

Colocando uma das mãos no quadril e inclinando a cabeça. Lucy disse:

– E você teve a coragem de criticar minha decoração de Natal?

– Eu, a minha é patética, não assustadora.

– Meu globo de neve do ano passado não foi assustador.

– Ah, não? Deixe-me adivinhar. Um elfo do sexo feminino usando adesivos nos mamilos e calcinha fio dental?

Ela revirou os olhos.

– Ai, isso soa fantástico! Mas não, era só uma imagem do Polo Norte.

Ele cruzou os braços, aguardando.

– Com um palhaço que saía da chaminé do Papai Noel, como esses bonecos de mola que saltam das caixas.

Estremecendo, Ross disse:

– Palhaços são assustadores. Qual é o problema com bonecos de mola?

– Por que haveria um boneco de mola na chaminé do Papai Noel?

– Por que haveria um palhaço?

– Bem, esse é o objetivo – disse ela, rindo daquela conversa ridícula. – Nada disso faz sentido!

– O que faz desse presente algo perfeito para você e seu irmão. Feliz Natal para os irmãos rabugentos.

– Exatamente!

Gostando do fato de o bom humor dela estar de volta, ele perguntou:

– Ei, está com fome? Tenho pizza congelada, pães congelados, hambúrgueres congelados...

– Cardápio típico do homem solteiro, hein?

– Sim. Ah, se quiser vinho, acho que tenho uma caixa no fundo da geladeira. – Ela riu. – Foi um presente de boas-vindas de um vizinho.

Uma sobrancelha bonita se ergueu.

– Oh? Nada de uma cesta de bolinhos?

– Digamos que minha vizinha é do time dos caninos.

Lucy franziu a sobrancelha, confusa.

– Do tipo loba. – Honestamente, toda vez que a vizinha aparecia, ele tinha vontade de vestir mais uma muda de roupas. – Não importa – prosseguiu, gesticulando uma das mãos. – Então... Por que não se serve enquanto vou tomar um banho?

– Você parece bem limpo para mim.

– Tem uma camada de serragem debaixo dessas roupas... Estou todo me coçando. Preciso tomar uma ducha.

– Fique à vontade – respondeu Lucy, acenando enquanto seguia para a cozinha, já se sentindo em casa. – Quer que eu faça alguma coisa para você?

– Pode ser o mesmo que você for comer.

– Filé mignon, então.

Ele zombou:

– Se você tiver sorte, vai ser um prato pronto congelado de filé à parmegiana.

Ainda sorrindo, contente porque seu bom humor havia voltado e não havia mais pensamentos sobre o ex depravado de Lucy, o qual ainda ia sofrer muita coisa de ruim, Ross seguiu para seu quarto. A cama estava desarrumada, havia roupas em cima dela, as gavetas da cômoda estavam abertas. Parecia mesmo o quarto de um homem solteiro. Considerando que ele pretendia oferecer a cama a Lucy, e dormir no sofá, ele levou alguns minutos para ajeitar tudo.

Quando terminou, não conseguiu evitar pensar no quanto sua vida parecia diferente agora em relação ao que era de manhã. Ele achava que iria vir para uma casa silenciosa, para ter um Natal solitário, talvez comer um sanduíche de peru do Subway. E estava bem com isso. Não estava feliz, mas estava bem.

Mas Ross tinha de admitir, recentemente, conforme as festas de fim de ano chegavam zunindo feito um foguete, ele começava a pensar na família em Chicago. Tinha alguns amigos aqui, mas não o tipo com quem se passa o Natal. Vindo de uma família grande, que ficou ainda maior com o casamento de todas as irmãs e o nascimento de sobrinhos e sobrinhas, ele começou a perceber que havia épocas em que viver sozinho não era tão legal. Conforme dezembro marchava, ele se resignava a um fim de semana natalino solitário e meio que patético.

Uau, as coisas mudaram muito depressa.

Ainda pensando em tais mudanças, Ross seguiu para o banheiro, passou mais um minuto limpando-o, depois entrou no banho. Ele não estava brincando sobre a serragem: a coisa havia se infiltrado em suas roupas enquanto ele manuseava a estante sob medida na livraria e cafeteria Beans & Books.

Finalmente, com o cabelo úmido depois de uma secada rápida com a toalha, ele vestiu um par de calças jeans limpas e uma blusa, e seguiu para a sala. Sentindo o cheiro de alguma coisa, pipoca?, seu olhar seguiu para a cozinha imediatamente, mas ele não viu Lucy ali.

Após um segundo, ele a viu no único lugar que esperava que ela não estivesse, fazendo algo que ele *nunca* esperava que ela fizesse.

– Lucy?

Ela olhou para cima e sorriu para ele, um pouco constrangida.

– Eu não conseguia aguentar mais, era simplesmente triste.

Ross só conseguiu ficar olhando. Aparentemente ela simplesmente dera uma de Linus com a árvore do Charlie Brown, e resolvera dar um pouco de amor a ela... quão apropriado era para alguém como *Lucy*. O que há uma hora eram apenas gravetos, agulhas da folhagem, ganchinhos e anéis de lata de cerveja, agora pelo menos se assemelhava a uma sempre-viva enfeitada.

– Onde você...

– Eu simplesmente usei coisas que estavam por aqui. Espero que não se importe, mas cortei algumas embalagens de macarrão... os pacotes ainda estão no armário, só usei as caixinhas. Presumo que você já tenha feito a receita muitas vezes e não precisa das instruções...?

– Sem problema – murmurou ele, ainda um pouco chocado com a quantidade de coisas que ela havia feito, com a rapidez com que havia feito, com o quanto estava bom.

– Fico feliz por você ser do tipo saudável e sua pipoca de micro-ondas não ser do tipo com manteiga. Ia ficar meio pegajoso – disse ela enquanto pegava uma pipoquinha de uma tigela e enfiava uma ponta na agulha. Uma linha cheia delas estava pendurada em seu colo. – Ah, e espero que você não se importe por eu ter fuçado nas suas gavetas da cozinha. Eu fiquei agradavelmente surpresa por encontrar o kit de costura.

– Coisas do antigo inquilino – murmurou ele, ainda um pouco surpreso.

– Bem, graças o antigo inquilino então. Infelizmente ele não deixou pisca-piscas ou laços vermelhos bonitos. Mas, por sorte, não limpei a bolsa da minha câmera – acrescentou ela. – Eu estava com um pouco de cartolina, glitter e cola para fazer a decoração no estúdio onde faço estágio.

Ela havia aproveitado todas aquelas coisas ao máximo. Agora, enfeites em formato de bonequinho de neve e Papais Noéis cheios glitter estavam pendurados em vários galhos, aparentemente continham instruções para preparar macarrão do lado oposto. Ela também tinha feito uma guirlanda de cartolina, como aquelas que Ross fazia quando criança. Elos vermelhos, verdes e brancos se interligavam, formando uma corrente colorida que fora colocada ao redor da árvore.

Mas aquilo não era tudo. A quentinha tinha sido cortada em formato de estrela. E havia uma espécie de tecido vermelho e branco enrolado no balde, criando uma saia para a árvore. Sem fazer ideia de onde ela havia arranjado aquilo, ele arqueou uma sobrancelha.

Ela riu.

– Minhas meias de elfo. Eu tinha dois pares na bolsa.

Deus do céu. Meias, tecido brilhante, normalmente usadas para envolver o que ele suspeitava ser um par de lindas pernas, agora estava abraçando um balde sujo na base de uma árvore velha seca?

– Eu não tinha os pisca-piscas, obviamente, mas acho que isso vai funcionar. Espere um pouco.

Ele observou enquanto ela engatinhava em volta da base e mexia em algo no chão. De repente a árvore foi banhada por uma luz vermelha suave, vinda de baixo.

– Ainda bem que eu estava com a gelatina vermelha!

Sem entender o que ela queria dizer, ele se curvou para espiar a luz, então percebeu que era o flash da câmera com uma folha de plástico vermelho em cima.

– Voilà!

Ross pegou a mão de Lucy, colocando-a de pé, e juntos ficaram admirando a obra de arte. Ela havia pegado um graveto bem patético, acrescentando um monte de objetos aleatórios e dado uma de MacGyver, transformando a coisa toda em um trabalho artístico.

– Uau – sussurrou ele, genuinamente impressionado. – Está fantástico.

Ela deu de ombros.

– Mas ainda não é exatamente tradicional.

Ele captou o tremor na voz dela e soube onde seus pensamentos foram parar: naquela palavra feia, *tradicional*. Durante quatro anos Lucy se esforçara muito para se distanciar das tradições felizes do Natal, mantendo aquelas doces lembranças afastadas por temer que elas fossem acompanhadas pelas tristes. No entanto, agora, ela havia saído da zona de controle, fazendo coisas que provavelmente recordava ter feito com os pais que perdera, mesmo sendo doloroso para ela.

E ela havia feito aquilo por ele.

Ross se virou para ela, colocando as mãos em sua cintura, puxando-a para mais perto de si. Lucy olhou para ele, os olhos brilhantes, refletindo as luzes de Natal, e ele podia jurar que nunca vira um rosto mais lindo na vida.

– Obrigado – sussurrou ele. Então interrompeu o agradecimento levando a boca à de Lucy, beijando-a suavemente.

Ela ergueu os braços e envolveu o pescoço dele, pressionando o corpo delicado ao encontro do dele. Ele a havia beijado mais cedo, mas ambos estavam vestindo casacos e camadas de roupas. Agora, com apenas a camiseta dele e a blusa dela, ele conseguia sentir toda a fartura dos seios dela contra seu peito. Ela gemeu levemente, movimentando uma perna, de modo que suas coxas se enredassem.

Como se necessitando sentir a pele dele, Lucy pôs as mãos sob o cós da camiseta dele, acariciando a barriga. Ross se afastou apenas o suficiente para ela poder puxar a camisa e tirá-la por sua cabeça, gostando do jeito como os olhos dela se arregalaram em apreço quando ela começou a explorar seu peito. Dessa vez, quando ele a puxou para beijá-la de novo, sentiu as pontas rígidas dos mamilos dela, separados de sua pele nua apenas por aquela blusa de seda.

Sem dizer uma palavra, Lucy começou a puxar Ross, indo em direção ao sofá. Em vez de segui-la, ele se abaixou e a pegou no colo. Aninhando-a em seus braços, ele cruzou a sala e se sentou, mantendo-a no colo. Eles não interromperam o beijo em nenhum momento. Simplesmente continuou, sem parar, lento, profundo e úmido.

Incapaz de resistir, Ross pôs a mão na barriga dela, trilhando os dedos pela blusa, ouvindo-a ronronar em resposta. Ela arqueou para encontrar o toque dele, informando a ele que queria mais. Ele puxou a barra da blusa de dentro da calça, quando tremendo de expectativa, sabendo que estava morrendo de vontade de tocá-la desde que se conheceram.

Conforme ele esperava, o corpo de Lucy era mais sedoso do que suas roupas. Ele sentiu um prazer puro, visceral, se deliciando nas texturas contra sua mão calejada.

– Ah, sim, mais – sussurrou ela ao encontro da boca dele.

Feliz com o convite, Ross começou a abrir os botões, expondo mais da pele quente, dócil. Lucy se remexeu um pouco, ajudando-o a tirar a blusa de dentro da calça, então, quando ele abriu o último botão, a camisa abriu e caiu completamente.

Ross parou de beijá-la por tempo suficiente para observá-la, chafurdando na visão de tirar o fôlego. Os seios dela eram empinados e redondos, cada centímetro dela era macio. O sutiã de renda não escondia muito os mamilos duros, enrugados. E o jeito como ela arqueava para ele lhe dizia do que ela precisava.

Ele cumpriu de bom grado, cobrindo um pico firme com a boca, antes de prová-la com a língua através do tecido.

Ela deu um tranco, enredando as mãos nos cabelos dele, pressionando a cabeça de Ross com mais força contra seu seio. Ross ouviu seus arfares curtos, roucos, os gemidinhos que ela não conseguia conter, e soube que ela estava adorando cada segundo daquilo.

Ele também estava.

Com cuidado, ele baixou uma das alças do sutiã, libertando um seio e tomando-o na mão. Os mamilos duros exigiam mais atenção, e ele a lambeu e beijou ali, sugando com vontade até Lucy estar se contorcendo no colo dele.

Aquela torção o deixou um pouco maluco. Seu membro estava rijo como rocha debaixo do bumbum sensual dela, e pelo modo como ela deslizava para cima e para baixo no colo dele, Ross sabia que Lucy estava ciente daquilo. Seu gesto também dizia a ele que ela queria continuar.

Necessitando sentir o calor dela, ele abriu o botão da calça e deslizou o zíper para baixo. Ele foi cuidadoso em seus movimentos, roçando a mão propositadamente na calcinha amarela sumária que ela

usava debaixo. *Seda sobre seda.*

Ela não recuou, em vez disso, fez pressão contra a mão dele, praticamente exigindo que ele a tocasse mais profundamente. *Como se precisasse pedir.*

Com a boca ainda no seio, Ross sentia o bater furioso do coração dela e sabia que ela estava quase fora de si de tanta excitação. Respirando profundamente para inalar aquele perfume feminino almiscarado que praticamente o dopava para o entorpecimento, ele puxou o elástico e pôs a mão nas curvas que lhe cobriam o sexo. Ela gemeu, enterrando as unhas levemente nas costas nuas dele. Ela estava implorando mais, embora não dissesse uma palavra.

Necessitando de mais também, Ross deslizou o dedo por entre os lábios delicados e quentes de seu sexo, quase gemendo ao sentir como estava lustroso e úmido.

– Ai, Deus – gemeu ela, abrindo os olhos. – Por favor, não pare.

Até parece.

– Certo, hora de tirar as roupas – gemeu ele.

Ele a ajudou a tirar a calça, e uma vez que Lucy estava nua no colo dele, Ross teve de parar e sorvê-la visualmente. Ela era perfeita, da cabeça aos pés, posta diante dele como um banquete. Ele não sabia por onde começar, ele simplesmente sabia que não queria que terminasse.

Ele levou a mão ao próprio jeans, desabotoando-o, querendo ficar nu e puxar uma das pernas dela para se encaixar em seu colo e ela poder montar nele. Sentado ali, olhando para Lucy enquanto ela cavalgava, soava como o jeito perfeito de começar a noite.

– Ross? – sussurrou ela.

– Hum?

– Hum... Tem uma coisa que você provavelmente deveria saber.

– A menos que a casa esteja pegando fogo, não há nada que eu realmente precise ouvir agora – disse ele enquanto abria seu zíper e puxava os jeans quadris abaixo. O corpo dele já estava pegando fogo, e quando ele tirou a cueca e seu membro entrou em contato com o quadril nu de Lucy, Ross gemeu.

Ela ofegou.

– Ai, meu Deus.

– Dê-me mais cinco minutos e este *Deus* será todo *seu* – disse ele a ela quando parou para lhe beijar o seio, acariciando aquele ponto doce e trêmulo entre as coxas dela.

– Ross, hum, sério, eu preciso te contar uma coisa.

Ouvindo o tremor na voz dela, e sentindo o leve rigor no corpo dela, ele finalmente afastou a névoa de luxúria em sua cabeça. Ergueu a boca do seio perfeito e deslizou a mão para um território mais seguro, sobre a coxa.

– O que houve?

Ela baixou a cabeça, espiando-o por entre uma longa mecha de cabelo. As bochechas de Lucy estavam coradas, como se ela estivesse envergonhada. Bem, eles se conheciam há menos de um dia e agora ela estava deitada nua no colo dele. Mas não ficaria constrangida por muito tempo, não quando ele mostrasse a ela o quanto a desejava.

– Hum... Eu só queria dizer...

Ela mordeu o lábio, balançou a cabeça levemente. Foi aí que um pensamento, chocante, louco, explodiu dentro da cabeça dele. Todo o corpo de Ross enrijeceu e ele se recostou no sofá.

– Lucy, você está tentando me dizer que nunca fez isso antes?

Uma hesitação, então ela assentiu vagarosamente.

– É isso que estou tentando te dizer.

Que droga. Ela estava nua nos braços dele, investindo ao encontro da mão dele como se precisasse atingir o clímax para não morrer, e ela era virgem?

Bem, honestamente, a coisa de precisar atingir o clímax ou morrer fazia sentido. Mas falando sério, quantas virgens de 22 anos existiam por aí? Ele certamente nunca havia conhecido nenhuma. A linda mulher sensual devia ser uma massa efervescente de frustração sexual.

Algo que ele poderia muito bem apreciar agora.

– Quero dizer, você disse que você e Jude nunca... mas, sério, ninguém mais?

– Não. Nunca.

– Isso é incrível.

– Acho que na época em que a maioria das garotas estava resolvendo isso no banco traseiro dos carros dos namorados, eu estava de luto e ajudando meu irmão a descobrir o que fazer com a empresa dos meus pais, com a casa, com a vida deles. E com a nossa. É só que meio que... nunca aconteceu.

Ele assentiu, compreendendo. Ela não havia sido introduzida ao papel de mulher madura sexualmente enquanto estava no ensino médio. Ela pousou no mundo adulto através de uma tragédia brutal.

Isso, tanto quanto o fato de ele não ser um desgraçado desumano como Jude, era o suficiente para fazer Ross encontrar forças para fazer o que precisava ser feito. Sabendo que ficaria com dor nos testículos esta noite, ele pigarreou e tirou Lucy de seu colo cuidadosamente.

– Tudo bem. Não tem problema, Lucy, eu compreendo.

Ela agarrou o braço dele antes que Ross pudesse se levantar do sofá e seguir para o banheiro para tomar um banho gelado.

– Não, não acho que compreenda. – Segurando o rosto dele, Lucy tomou suas bochechas entre as mãos e se aproximou, o cabelo caindo sobre os ombros nus. – Eu quero você, Ross. Quero que você seja meu primeiro. Agora. Esta noite.

LUCY TINHA pensado muito no momento em que finalmente faria sexo. Ela o imaginou com alguém que conhecia, alguém que havia namorado durante muito tempo, alguém em quem confiasse.

Bem, um acerto em três não era tão ruim assim, certo?

Ela não conhecia Ross tão bem. E nunca o havia namorado.

Mas confiava nele. Ah, como confiava nele.

Contar a verdade a respeito de si não tinha sido fácil, mas ela certamente não iria tentar fingir durante sua primeira vez no sexo. Não apenas porque era injusto consigo, mas também com Ross. Ele merecia uma oportunidade para dizer “Obrigado, mas não, obrigado”. Afinal, alguns sujeitos simplesmente pareciam não querer lidar com o drama da coisa.

Ela teria previsto que Ross não seria um desses sujeitos.

Ela não teria previsto o jeito incrivelmente carinhoso e amoroso como ele a beijou, e então ficou de pé, segurou sua mão e a guiou até seu quarto. Como se agora que sabia a verdade, a responsabilidade estivesse pesando sobre ele, e ele não quisesse uma rapidinha no sofá. Como se ela merecesse o pacote completo, cama grande e tudo o mais.

A caminhada até o quarto pareceu incrivelmente longa. E enquanto o corpo dela ainda estava queimando por causa do jeito incrível como ele a tocara, ela não podia negar uma leve tremedeira, um

pouquinho de nada de vergonha.

Afinal, estava nua. Ele ainda estava usando a calça jeans. E ela havia acabado de confessar que era virgem.

– Tudo bem – disse Ross a ela quando chegaram ao quarto dele, parando perto da cama. Ele tirou o cabelo dela do rosto, então lhe tocou a bochecha. – Tudo vai ficar bem.

Ela sorriu.

– Você acha que estou com medo?

Ele a espiou, visivelmente inseguro.

– Não estou com medo, Ross. Talvez um pouco envergonhada por estar tão... exposta.

Ele deu um passo atrás e olhou para o corpo nu dela, balançando a cabeça lentamente e esfregando o próprio queixo, como se não soubesse o que dizer. Então ele disse exatamente a coisa certa: – Se existe uma mulher perfeita nesse mundo, Lucy Fleming, esta mulher é você.

Ela ficou emocionada, em todos os lugares dentro de si que ainda não se sentiam assim. Conforme já suspeitava, definitivamente havia escolhido bem.

– Obrigada.

– Não fique tensa, Lucy, não vou fazer nada para machucar você – acrescentou ele, segurando seu rosto delicadamente.

– Não vou ficar tensa. Juro para você, meu único medo é de não ser tão bom quanto imaginei que seria.

Um sorriso lento se formou naqueles lábios lindos. Ele balançou a cabeça, então afundou as mãos nos cabelos dela e a puxou para mais perto.

– Vai ser melhor. Eu garanto.

Ele a levou para a cama, e começou a provar como seria.

Sinceramente, Lucy não imaginava que o sexo podia ser tão incrivelmente quente e fantasticamente carinhoso. Ross a beijou profunda e lentamente, como se quisesse memorizar o sabor de sua boca. E as mãos fizeram coisas mágicas a ela, deslizando pelos seios, oferecendo abertamente carícias que a proporcionaram um monte de sensações desconcertantes.

Mas então, ele perdeu um pouquinho do controle. Ross gemia quando mordiscou o seio, ou estremecia quando ela esticava as mãos e roçava os dedos na ponta delicada de sua ereção. Lucy queria mais, ansiava por explorar o corpo dele, porém Ross parecia determinado a fazer com que aquilo girasse completamente em torno dela.

O que era maravilhoso... e incrivelmente excitante.

– Por favor – disse ela com um soluço quando mais uma vez ele provocou seu clitóris com os dedos, com leves toques que a faziam almejar por aqueles mais firmes. Investindo os quadris para ele, Lucy estava na iminência de chegar lá, sabia devido às próprias explorações que já havia feito sozinha em seu corpo. E ela estava morrendo por isto.

Como se sabendo que a provocaria o máximo que pudesse antes de ela socá-lo de ansiedade, Ross murmurou algo doce e ininteligível, e então deslizou um dedo para dentro dela. Ela praticamente arrullhou; a invasão pouco familiar era *tão* boa. Ele apoiou o polegar no clitóris e dessa vez não houve provocação. Apenas carícias lentas, deliberadas, com a pressão exata da qual ela precisava.

A respiração de Lucy começou a ficar entrecortada. Suspiros se transformaram em arfares quando ele deslizou outro dedo dentro dela, usando ambos para abri-la e preenchê-la, ao mesmo tempo que continuava a estimular o clitóris.

Então veio, o alívio doce e quente. Ela estremeceu quando o orgasmo a atingiu, surpresa por ver o quão mais forte era quando compartilhado com alguém. Ela gemeu, deixou o corpo estremeecer e se esticar, então caiu de volta nos travesseiros.

– Você é linda – sussurrou ele.

– Você também – disse ela, falando absolutamente sério. O corpo de Ross era delicioso... tão rijo e musculoso, todo poderoso e resistente. Quando combinado à sua consideração para com ela, ao sorriso de garoto, ao brilho nos olhos verdes, ele se transformava em um exemplar masculino totalmente irresistível.

Lucy sorriu para Ross, passando os braços em torno do pescoço dele.

– Quero você agora.

Ele não perguntou se Lucy tinha certeza, como se sabendo que eles já tinham passado daquele ponto há tempos. Esticando-se para uma gaveta no criado-mudo, ele pegou um preservativo. Lucy mordeu os lábios, observando enquanto ele manipulava o invólucro apertado sobre sua ereção grossa e poderosa. Observando a borracha se esticar para acomodá-lo, ela sentiu as primeiras emoções do nervosismo. Mas elas foram imediatamente suprimidas pelo total entusiasmo.

Só o ato de observá-lo enviou ainda mais calor ao seu sexo, e Lucy teve de abrir mais as pernas, a pele ali estava tão inchada e sensível. Ross olhou para ela, a apreciação masculina estampada no rosto dele, então ele se postou entre as coxas dela.

– Diga-me se...

– Direi – disse ela interrompendo-o. Então ergueu o quadril, envolvendo os ombros dele com os braços e encarando-o.

Eles não se beijaram. Eles não piscaram. Eles mal respiravam.

O coração de Lucy falhou uma batida quando ela sentiu o calor rígido sondando-a, se aninhando entre suas dobras e na abertura lustrosa de seu corpo. Ele se movimentava lentamente, tão cuidadosamente, tão carinhosamente. Cada pedacinho de si que Ross cedia deixava Lucy ávida por mais.

Ela arqueou os quadris para ele, dizendo silenciosamente para que continuasse. Notando os músculos contraídos no pescoço dele, o suor em sua testa, ela sabia que Ross estava se esforçando para se controlar.

– Estou bem – insistiu ela. – Por favor, Ross, por favor, me preencha.

Ele baixou o corpo, cobriu os lábios dela com o seus e a beijou profundamente. E a cada estocada da língua, ele adentrava mais nela, preenchendo-a, centímetro a centímetro, até estar enterrado dentro dela.

Houve apenas a menor alusão de dor; agora era apenas a plenitude. A espessura. A sensação de que ela finalmente estava plena e nunca mais queria voltar a se sentir vazia outra vez. Como se Ross estivesse exatamente onde deveria estar.

– Tudo bem? – perguntou ele.

– Definitivamente sim.

Ela apertou mais as pernas do redor dele, mantendo-o perto. Ross começou a recuar, então lentamente investiu de volta, estabelecendo um ritmo tranquilo. Ela o captou, o acompanhou, recebendo quando ele se doava, expulsando quando ele recuava. Era, percebeu Lucy, como dançar... um passo ele guiava, no outro, era a vez dela. Só que nenhum passo de dança jamais fora tão bom, tão pecaminosamente delicioso.

– Você é tão apertada – gemeu ele, acelerando o ritmo.

Ela sabia que ele estava perdendo o controle. Para ser honesta, estava maravilhada por ele ter sido capaz de segurar por tanto tempo. Cada molécula do corpo dela estava incitando-a impulsionar e se contorcer, apenas tomar tanto prazer que ele nunca mais se lembraria como era não o sentir. Lucy sabia que Ross devia estar sentindo o mesmo.

O ritmo acelerou um pouco, as investidas se aprofundando. Lucy o encontrava, estocada por estocada, se agarrando aos ombros largos, compartilhando beijo após beijo. A realidade se foi, não havia nada, exceto aquela sensação, aquela retidão. Aquele sujeito perfeito naquela noite perfeita.

E então, o momento perfeito. Uma satisfação cálida explodiu dentro dela quando Lucy chegou ao clímax novamente, de uma forma diferente da anterior. Começou bem profundo, e irradiou, uma faixa se expandindo para uma onda.

Mesmo enquanto ela saboreava aquelas sensações profundas, demoradas, ouvia a respiração arfante de Ross ficar mais intensa, e o sentiu tensionar ao encontro dela.

– Linda, você é tão linda – murmurou ele quando se contorceu rumo à própria libertação.

O gemido baixo dele e a investida mais profunda de todas sinalizaram que ele chegou lá. Ele enterrou o rosto nos cabelos dela e continuou a bombear, como se cada pedacinho dele tivesse sido torcido até secar.

Embora Lucy soubesse que Ross devia estar completamente extenuado, ele não desabou em cima dela. Em vez disso, rolou de lado e a aninhou para si. Eles ainda estavam unidos, e ela deslizou a coxa sobre o quadril dele, apreciando a conexão.

Os olhos dele estavam fechados, os lábios entreabertos enquanto ele ofegava. Quando finalmente os abriu, Lucy nem mesmo tentou esconder seu sorriso.

– O quê?

– Eu gostei.

Ele riu.

– Fico feliz.

– Quando poderemos fazer de novo?

A risada dele se transformou em uma gargalhada grave, máscula.

– Dê-me meia hora.

Ela fez um beicinho fingido.

– Tudo bem, tudo bem – disse ele, esticando a mão e lhe acariciando o quadril. – Vinte minutos.

– Acho que posso conviver com isso – disse Lucy, com um sorriso provocante. Ela se esfregou nele, roubando seu calor. O quarto estava frio, mas ela definitivamente não havia percebido isso antes. Ross liberava muito calor... estando bem ao lado dela ou do outro lado do quarto.

Mas Lucy o preferia bem ao lado dela.

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes, apenas se tocando, trocando beijos indolentes. Ela amava o jeito como ele mantinha a mão possessiva em cima dela, como se certificando-se de que ela não iria desaparecer.

Aquilo não ia acontecer. Definitivamente não. Na verdade, Lucy já estava fuçando os escombros de seu cérebro, se perguntando como eles poderiam fazer aquilo funcionar por mais tempo do que aquele fim de semana. Ross não tinha dito nada sobre querer isso, nem ela. Mas Lucy definitivamente tinha vontade.

No entanto, ela iria embora para a Europa dentro de três semanas. Passaria meses fora, então pretendia voltar para casa apenas por tempo suficiente para se formar, e então retornar outra vez.

Nada daquilo importara quando ela estava com Jude. Nem mesmo quando ela andou pensando em dormir com ele.

Agora, no entanto? Com Ross? Tal ideia era devastadora. Como ela poderia ir embora quando, pela primeira vez na vida, havia conhecido alguém a quem queria se agarrar desesperadamente?

– Está precisando de alguma coisa? – sussurrou ele, a voz quebrando o silêncio do quarto na penumbra.

– Tipo o quê?

Ele deu de ombros, e desviou o olhar, como se não quisesse constrangê-la.

– Quero dizer, você sabe, você está com dor?

– Definitivamente não. Sinceramente, não sei se em alguma vez já me senti melhor do que agora. – Incapaz de evitar, ela bocejou. – Tudo bem, talvez eu precise de uma coisa... de uma soneca. Uma de 20 minutinhos.

Ross riu baixinho e a aninhou ainda mais perto, até Lucy estar de fato deitada em seu peito. Ele lhe beijou a testa, lhe acariciou o cabelo, sussurrou coisas doces sobre como era bom estar com ela.

O rosto de Lucy estava posicionado bem acima do coração dele, e ela não apenas ouvia sua batida, como também sentia seu ribombar constante, sólido. As palavras dele a embalavam, o toque a acalmava. Sendo muito honesta, ela não conseguia se lembrar de um momento mais perfeito em sua vida.

Nunca.

Ela só tinha esperanças de que houvesse mais desses por vir, e mal podia esperar para ver o que o dia seguinte lhe traria.

Capítulo Nove

Atualmente

Chicago, 24 de dezembro de 2011

ELLES ESTAVAM isolados pela neve. Totalmente presos em um mundo branco.

Parado à janela de seu escritório e analisando a situação no sábado de manhã, Ross só podia balançar a cabeça, admirado. Não via uma tempestade como aquela em anos, provavelmente desde a infância. Ele tentava estimar quanto de neve havia caído; a julgar pelo modo como havia subido nas laterais de seu utilitário, ele diria pelo menos 90cm até agora. E continuava a cair, rodopiando, girando, soprando para cima, para baixo, para os lados.

Aquela nevasca poderia entrar para o livro dos recordes.

– Você saiu e levou seu calor humano com você – grunhiu Lucy do sofá-cama.

– Desculpe.

Ela estava dormindo quando ele saiu da cama, alguns minutos antes. Agora estava encolhida sobre o lado vago, os cobertores puxados até o nariz, como se ela estivesse tentando sugar qualquer calor residual.

Estava adorável e sensual para diabo.

E um pouco reservada.

Embora não estivesse congelando, em qualquer aspecto, a temperatura definitivamente havia caído abaixo do que normalmente ficava no prédio. Não que eles tivessem notado de fato durante a noite. Deus, eles *não* notaram. Na verdade, Ross poderia jurar que havia um inferno queimando naquele cantinho de Chicago. Porque ele e Lucy mudaram o conceito de quente ao longo de horas longas e eróticas depois que ela acordara e o encontrara na cama.

– Como está lá fora?

Afastando da mente as imagens sensuais de como eles exploraram e deram prazer um ao outro na escuridão, ele sorriu.

– Como se o Papai Noel tivesse resolvido se mudar para cá e tivesse trazido o Polo Norte com ele.

– Ah, isso é perfeito – disse Lucy, soando sarcástica.

– Qual é o problema, você tinha grandes planos para hoje? – De algum modo ele duvidava que tivesse. Lucy não parecia mais fã do Natal agora do que parecera seis anos atrás.

Ela pensou no assunto, então balançou a cabeça.

– Na verdade, não. Sam vai trabalhar durante todo o fim de semana. Eu estava pensando em ficar em casa, na preguiça, entrar na internet e gastar o dinheiro que sua empresa me pagou ontem.

Bem, ela não podia fazer compras, mas ficar dentro de casa, na preguiça, soava ideal. Principalmente quando se eles fossem preguiçosos entre os momentos enérgicos tais como os que tiveram na noite passada.

Deus do céu. Lucy se transformara em uma mulher selvagem.

Vendo-a estremecer, Ross esclareceu: uma mulher selvagem *com frio*.

– Aqui – disse ele, indo até a cama, levando duas xícaras de café que ele havia acabado de coar.

– Então a energia voltou? – perguntou ela, parecendo tanto aliviada quanto decepcionada.

– Temo que não – respondeu ele, balançando a cabeça. – Felizmente, muitos fornecedores vêm aqui.

Um deles fabrica uma cafeteira elétrica movida a bateria e sugeriu que adquiríssemos uma para sítios de construção que ainda não receberam instalações elétricas. Nós adquirimos... e eles nos deram algumas para o escritório como um agradecimento pelo contrato fechado.

– Deus abençoe as amostras grátis – disse ela, sentando-se e deixando as cobertas caírem em seu colo. Ross conseguiu não espirrar o café em Lucy. Vê-la à luz do dia, tendo sido tão nebuloso quanto foi, era o suficiente para fazer a terra tremer. Isso sem mencionar o órgão sexual dele.

Ross não tinha percebido que era possível ser tão insaciável a respeito de outra pessoa. Eles tinham feito sexo três ou quatro vezes durante a noite, e ele estava pronto para possuí-la outra vez. Antes estava escuro, e agora ele queria ver o rosto dela corar enquanto chegava ao clímax, enxergar o corpo perfeito dela enquanto lambia cada centímetro dele.

– Maravilhoso – murmurou ela quando bebeu um gole, então soprou o vapor que saía da xícara. – Creme, sem açúcar... você lembrou.

– É claro que lembrei – murmurou Ross. Ele se lembrava de tudo.

Era curioso, considerando que ele se esforçara tanto ao longo dos anos para tirar Lucy de sua mente. Mas ela se recusara a ir embora, assombrando suas lembranças mesmo quando ele estava com outras mulheres, sendo que duas relações foram sérias, e durante tantas outras mudanças.

Lucy olhou para ele e ambos ficaram se encarando. Ela não tentou erguer o cobertor, não corou ou fingiu constrangimento por estar sentada bem diante dele tão lindamente nua. Ross estava preocupado, achando que ela fosse ter algum tipo de dúvida ou insegurança sob a luz fria do dia. Mas ele estava errado. Ela parecia confiante, até mesmo serena. Como se não se arrependesse de nada.

Ele sorriu diante de tal percepção.

– O que foi?

– Eu meio que esperava que você fosse pular da cama, se enrolar nos lençóis e me acusar de molestá-la durante a noite.

Ela riu.

– Acho que fui eu quem molestou você. Embora você tenha se arrastado para minha cama enquanto eu dormia.

– *Minha* cama, Cachinhos Dourados. Falando nisso, não tenho mingau para te oferecer para o café da manhã, mas há uma tonelada de sobras da festa no refeitório.

Ela não pareceu se importar com a comida, optando por se concentrar na primeira parte da declaração dele em vez disso.

– Sua cama? Você está falando sério?

– Tão sério quanto um infarte.

Ela olhou ao redor, tomando nota de seu tamanho e mobiliário. Tinha, ele sabia, provavelmente uma metragem quadrada muito maior e mobílias melhores do que a casa inteira dele no Brooklyn.

– Então se a cama é sua, acho que isso significa que esse escritório é seu também? Quero dizer, você não estava simplesmente se esgueirando na cama de seu chefe, já que ficou preso aqui também?

– É minha – disse ele com uma risada. – Presumo que você não notou a placa de identificação na mesa.

Ela deu uma olhada para lá. Mesmo dali era fácil distinguir o “diretor-executivo” antes do nome dele. Lucy arregalou os olhos, voltou a atenção para ele.

– Você realmente administra esse lugar?

– Sim, realmente administro.

– Uau – disse ela, se recostando no travesseiro. – Quero dizer, eu sabia que você era talentoso, mas de marceneiro a diretoresecutivo em seis anos? isso é bem notável.

Ross deixou sua caneca de lado e se sentou na poltrona oposta a ela. Levantando as pernas com jeans, ele usou a ponta desdobrável do sofá-cama como apoio, cruzando os pés descalços.

– Não é tão notável, na verdade. Eu herdei o cargo. A empresa é da minha família.

Lucy ficou de queixo caído.

– Seu pai...

– Sim.

– Como ele está? – perguntou ela. – Ele...

– Saiu da fase crítica? Sim, saiu. Levou muito tempo, muita fisioterapia e ele ainda não recuperou totalmente as funções do lado direito, mas conseguiu superar. – Rindo, mas apenas meio brincando, ele acrescentou: – Ele ainda é o mesmo tirano exigente que sempre foi.

Seria necessário mais do que um derrame para fazer o velho deixar de ser mandão, intrometido e teimoso. E Ross já devia saber; ele lidava com aquela opinião autoritária e agressiva todo santo dia. O nome dele podia estar no topo da página da Elite Construction, mas seu pai ainda detinha uma boa quota das ações. Eles tiveram alguns poucos conflitos intensos quando o Marshall pai começou a se sentir como seu velho eu novamente. Só mais tarde, no ano anterior ou coisa assim, é que ele admitiu que Ross estava fazendo um trabalho excelente, e parou de questionar todas as mínimas decisões.

Não que Ross não fosse muito grato por seu pai ter sobrevivido, é claro. Embora eles não estivessem se dando muito bem na época, ele ficara chocado e arrasado quando o derrame do pai ocorrera, seis anos atrás. Embora ele estivesse com apenas 55 anos de idade, ninguém achou que fosse superar, nem os médicos, nem o pessoal da empresa. Ninguém, exceto a família, que sabia que o Ross Marshall pai era teimoso demais para fazer o que todo mundo tinha previsto que ele faria.

– Estou tão feliz que ele sobreviveu – murmurou Lucy.

– Obrigado.

Ross não duvidava que ela estivesse falando de coração. Mas também não duvidava que a mente de Lucy tivesse vagado pelos mesmos caminhos que a dele: a época do derrame do pai. Ela estava lá quando Ross recebera o telefonema apavorado de sua irmã, bem no amanhecer do dia de Natal. Após

um fim de semana de pura empolgação e felicidade com Lucy, o mundo de Ross desabara com uma conversa.

Toda a sua vida mudara rapidamente. Antes disso, ele sabia que um dia iria voltar a Chicago e tomar seu lugar ao lado do pai na empresa. Mas tinha achado que teria tempo, uns dois anos, pelo menos, para viver a vida que desejava. Que inferno, naquele momento em particular ele chegara até mesmo a cogitar perguntar a Lucy se ela achava que ele poderia fazer serviços de carpintaria na França, por um ano ou dois. A relação deles ficou séria *assim rápido assim*.

Então o telefone tocou. Os soluços da irmã finalmente fizeram sentido, e ele seguiu para o aeroporto imediatamente. Por mais que tivesse odiado largar Lucy no dia de Natal, ela compreendera totalmente. Se havia alguém capaz de entender, esse alguém era... Lucy também recebera seu telefonema terrível durante as festas de fim de ano.

Ele não perdeu tempo fazendo as malas, nem mesmo uma bolsinha. Estava desesperado para voltar a Chicago, convencido de que o pai estava à beira da morte. E apavorado, percebendo que as últimas palavras trocadas com ele tinham sido furiosas.

A vigília no hospital foi longa e difícil. Ele teve de lidar não apenas com a preocupação, e com a família, mas também dar um reforço e cuidar da empresa. Isso, em si, fora uma luta, considerando que ele era tão jovem. Mas Ross não ia deixar a coisa toda ir a pique enquanto seu pai lutava pela vida.

Apesar de estar tão ocupado, ele encontrara tempo para telefonar para Lucy todos os dias na primeira semana, principalmente sabendo que ela mesma tinha um aniversário de morte para enfrentar. A cada ligação, ela expressava preocupação com o pai dele mas inevitavelmente a conversa se voltava para os preparativos de sua viagem iminente. Os planos dela. A ótima vida dela.

Então houve um intervalo de poucos dias entre os telefonemas.

Depois de uma semana.

E aí estava quase na hora de ela ir embora para passar o semestre no exterior.

E Ross parou de telefonar.

– Eu nunca parei de pensar em você. Juro, você estava na minha cabeça constantemente. – Ele chegou ao ponto, à coisa principal que queria dizer. – Desculpe, Lucy.

– Pelo quê?

– Você sabe pelo quê. Eu não conseguia parar de pensar em você... mas também não tinha forças para telefonar.

Ela enrijeceu, não respondeu por um segundo, então soltou um casual: “Ei, não se preocupe. As linhas telefônicas eram famosas por serem pouco confiáveis naquela época.”

Ele conseguiu enxergar através daquele humor fingido. E no dia anterior ela se mostrara muito magoada; de jeito nenhum que ela havia superado tudo em apenas uma noite.

Mas talvez a noite anterior ao menos tivesse aberto a ela a possibilidade de Ross não ser um aproveitador, que a levara para o passeio de sua vida e depois a abandonara.

– Você sabe, eu nunca voltei para Nova York.

Ela arqueou a sobrancelha.

– E sua casa? Suas coisas?

– Contratei alguém para cuidar disso naquele inverno, assim que ficou óbvio que não apenas meu pai teria uma longa recuperação pela frente, como praticamente nunca mais seria capaz de trabalhar.

– Deve ter sido bem complicado.

– Complicado não serve nem para começar a explicar como foi. – Ele passou uma das mãos pelo cabelo e suspirou. – De qualquer forma, eu não tinha a intenção de entrar nesse assunto todo. Eu só o trouxe à tona para poder finalmente explicar o que eu sempre quis dizer a você, mas nunca tive a chance.

Ela o olhou com cautela.

– E isso seria...?

Ross sustentou o olhar dela, desafiando-a a não acreditar nele.

– Que eu me apaixonei por você naquele fim de semana em Nova York.

Ela inspirou de forma audível, e balançou a cabeça lentamente.

Ross assentiu, sem se preocupar em parecer um idiota ou em temer qualquer tipo de rejeição. Talvez algo maravilhoso fosse acontecer entre ele e Lucy agora. Talvez não, e a noite anterior fosse ser sua lembrança definitiva de um relacionamento que ele um dia pensou que definiria toda sua vida. Mas, não importava o que acontecesse, ele lhe devia a verdade sobre o passado.

– É verdade. Eu estava loucamente apaixonado por você.

– Você podia ter me dito...

– Com qual objetivo?

Revirando os olhos e olhando para ele como se Ross fosse um idiota, Lucy disse:

– Talvez porque fosse bom ouvir tais palavras uma vez na minha vida?

Ross não conseguia imaginar que nenhum homem nunca tivesse se apaixonado por aquela linda mulher diante dele. Mas ele particularmente não queria imaginá-la com outro homem. A ideia em si o deixava enjoado.

– Talvez eu devesse ter dito – assumiu dando de ombros. – Mas eu estava encurralado.

Ela inclinou a cabeça, confusa.

– Lucy, você estava prestes a viajar para abraçar o mundo.

Ela não tentou negar, porém uma expressão melancólica cruzou seu rosto, como se ela estivesse se lembrando da garota apaixonada e mal-humorada que havia sido. Dia desses, Lucy tinha esperanças, ele descobriria o que a trouxera de volta, por que ela estava fotografando crianças quando tinha jurado que faria tudo, menos isso.

Agora, no entanto, Ross tinha a própria história para contar.

– Mas eu? Meu pai estava no leito de morte, minha família estava desmoronando, e eu era o único para segurá-los, e isso sem mencionar a empresa. – Ele se levantou da poltrona e caminhou até o sofá-cama, sentando-se ao lado de Lucy e esticando a mão para acariciar uma mecha sedosa dos cabelos dela. – Minha vida era aqui. *É* aqui. A sua era... – Ele abanou uma das mãos – lá fora. Íamos viver em dois mundos diferentes, e por mais que eu quisesse você no meu, eu sabia que não ia acontecer. Só porque meus sonhos desmoronaram não significava que eu poderia pedir a você para abrir mão dos seus.

– Então... Você me deixou ir?

Um simples meneio de cabeça.

– Eu deixei você ir.

A umidade surgiu nos olhos dela, embora não houvesse lágrimas escorrendo ali. Fungando, ela inclinou o rosto para a mão dele, roçando a pele delicada contra a dele.

Eles ficaram em silêncio durante muito tempo. O cômodo estava quieto o suficiente para ele conseguir ouvir o pingar dos pequenos flocos de neve gélidos golpeando a vidraça. Então, com um

suspiro baixinho, Lucy olhou para Ross e sorriu.

– Obrigada por me contar – sussurrou ela.

– Não há de quê.

Nada mais. Nenhuma promessa. Nenhum pedido. Era como se eles tivessem acabado de limpar a lousa e pudessem recomeçar, do zero. E ver aonde aquela estrada os levaria.

– TENHO DE admitir, Papai Urso, isso supera qualquer mingau.

Lucy lambeu algumas migalhas de biscoito dos dedos, suspirando de satisfação diante do estranho café da manhã natalino que eles tinham acabado de dividir. Biscoitos, gemada, queijo e torradas, batatas chips, chocolate e frutas.

A comida da festa tinha sido farta e deliciosa. E ficou muito bem armazenada na geladeira imensa, que estava fazendo um ótimo trabalho segurando a temperatura, apesar da falta de energia. No entanto, se eles ficassem presos ali por muito mais tempo, iriam ter de jogar a gemada fora em favor das latas fechadas de refrigerante ou de suco de frutas.

– Acho que tem até mesmo algumas sobras de peru fatiado da ceia – respondeu ele. – Se chegarmos a esse ponto.

A julgar pelo modo como continuava a nevar, definitivamente poderia chegar a esse ponto.

Lucy devia estar incomodada com isso. Devia estar preocupada por estar presa, devia estar pelo menos surtando por não ter uma calcinha sobressalente... não que esperasse ficar usando calcinha por muito tempo.

Mas a verdade era que ela não dava a mínima. Não tinha obrigações para com ninguém, não tinha planos para as festas, além de fazer compras. O irmão dela já havia sido escalado para trabalhar durante todo o fim de semana, e com aquele clima, ela duvidava que ele teria tempo de ao menos dar uma passadinha para vê-la antes de segunda ou terça-feira.

Então por que não passar alguns dias presa em um prédio seguro, com muita água e comida, e alguém para providenciar muita diversão? Se, isto é, ela conseguisse sobreviver a toda aquela... diversão.

– Acho que isso atende aos nossos requisitos de Natal não tradicional, hum?!

– Ei, eu até comi um biscoito em formato de sininho, não comi? – Então ela riu. – Embora, acredite ou não, eu tenha ficado um pouco menos rigorosa em relação a isso.

– Sério?

– Kate tem filhos agora, e eu realmente passei algumas festas de Natal com eles há alguns anos. Foi... legal.

Mais do que legal. Tinha sido adorável. Meigo, saudável e divertido. E, sim, um pouco doloroso. Mas após muitos anos, Lucy fora capaz de baixar a guarda e deixar um pouco da mágica da época retornar ao seu coração. Ela não estava pronta para sair e cortar um pinheirinho ou baixar uma cópia de "Então é Natal", volume 948, no seu mp3. Mas conseguia pelo menos cantarolar Noite feliz, a música natalina favorita de sua mãe, sem irromper em lágrimas.

– Devo dizer que estou curioso...

– Sobre?

– Paris. Europa. Fotografar a semana de moda, chegar à capa da *Vogue*?

Ela suspirou, lembrando-se daquela garota, daqueles sonhos. Do quão importantes eles tinham sido certa vez, quando ela estava fugindo de qualquer coisa que se assemelhasse à vida que ela outrora tivera e tão dolorosamente perdera. A mudança total de planos a havia ajudado a fugir das lembranças durante um tempinho, mas não para sempre. Em algum momento, ela teria de as encarar.

Ela explicou para ele, da melhor maneira possível, se perguntando se a explicação iria fazer algum sentido para qualquer outra pessoa.

Quando Lucy terminou, Ross assentiu lentamente.

– E agora que você sabe que não precisa cruzar meio mundo para não se importar muito com as pessoas ou com as coisas... você está feliz?

Uau. Ele obviamente lera as entrelinhas. Ela não havia mencionado nada sobre não querer se importar com as pessoas. Mas não podia negar que era verdade.

– Estou feliz – confessou. – Amo o que faço... lembra-se de como eu jurava que nunca trabalharia com crianças?

– Muito embora você fosse ótima nisso.

– Exatamente. Acho que eu era a última pessoa a enxergar isso. Mas eu adoro, e sou boa. Fiz mais sucesso com meus retratos infantis do que já fiz com os de adultos. Na verdade, publicaram uma foto minha na revista *Time* do ano passado.

Ele assobiou.

– Sério?

– Sim. Tive algumas fotos escolhidas por agência de notícias, revistas e catálogos. Eu mandei um ensaio fotográfico para uma revista sobre maternidade e espero que eles me chamem para fazer trabalhos como freelancer.

– Parece maravilhoso – disse ele de coração. – Estou realmente feliz por você.

– Obrigada. – Lembrando-se de repente de uma coisa, e sabendo que ele ficaria interessado, ela disse: – Ah, adivinhe em quem trombei em Nova York há mais ou menos um ano?

Ele ergueu uma sobrancelha curiosa.

– Lembra-se de Jude, o babaca?

O desdém de Ross dizia que ele lembrava.

– Por favor, me diga que ele terminou na cadeia e que virou a mocinha de algum valentão.

– Não, mas o pai dele terminou.

Ross ficou de queixo caído.

– A família dele administrava uma daquelas empresas “grandes demais para falirem”. Só que faliu durante o colapso financeiro. Papai foi para a cadeia e a família perdeu tudo. Jude estava muito humilde, e muito pobre, quando dei de cara com ele.

– Não poderia ter acontecido com um sujeito melhor.

Quase incapaz de se lembrar da garota que tinha sido quando pensava que Jude poderia ser “o cara certo”, Lucy falou:

– Acho que isso te coloca a par do que tem acontecido comigo.

E Ross já havia deixado Lucy a par do que havia acontecido com ele. Uma vida repleta de família, trabalho e obrigações. Sem muito tempo livre, pelo jeito que tinha soado, embora ele aparentemente tivesse tido tempo de começar a construir a própria casa dos sonhos... ah, Lucy adoraria vê-la.

Quanto à vida pessoal de Ross, embora ela não tivesse extraído nada, pois não desejava ser intrometida, Lucy meio que sentira satisfação quando ele admitira não ter tido nenhum relacionamento

romântico com duração maior do que seis meses. Com isso então, eram dois.

– Espere, e o seu irmão? – perguntou Ross. – Ele ainda te dá globos de neve horrorosos em todo Natal?

Ela riu, pensando na coleção que aumentava a cada ano. Com a exceção do Papai Noel hippie quebrado, ela ainda possuía cada um deles.

– Eu coloco minha coleção exposta em casa todo fim de ano.

– *Todos* eles? – perguntou Ross, a voz delicada e séria.

Ela sabia o que ele estava perguntando. Sabia que ele estava imaginando se ela havia guardado o único presente de Natal que ele já lhe dera. Considerando que ela ficou de coração partido logo depois que Ross lhe entregara o mimo, a resposta provavelmente deveria ser não. Mas, na verdade, ela nunca fora capaz de se separar daquele presente especial, muito embora, toda vez que o tirava da caixa, se perguntasse a respeito de Ross. Onde ele estava, o que havia acontecido a ele.

Agora ela sabia. Ele estivera vivendo a vida do melhor jeito possível... depois de tê-la libertado para seguir seus sonhos.

– Sim, Ross – murmurou ele. – *Todos* eles.

– Fico feliz.

– Eu também. – Então, querendo manter seu humor leve, ela acrescentou: – O único que meu irmão me deu no ano passado teve de ganhar o prêmio de mais esquisito de todos os tempos.

– Conte-me.

– Sam encontrou um globo vindo de algum culto estranho que acredita que os três reis magos vêm de outro planeta. Baltazar possui pele verde e garras. Belchior tinha uma cauda cheia de espinhos. E o outro tinha pelos por todo o corpo.

Jogando a cabeça para trás, Ross gargalhou.

– Por favor, não me diga que o menino Jesus era um alienígena também.

– Não, mas ele parecia apavorado.

– E isso é alguma surpresa? Tipo, com todo o elenco de um episódio ruim de *Jornada nas Estrelas* parado diante dele?

Rindo quando percebeu exatamente com o que os três reis magos se pareciam, Lucy se levantou e começou a recolher os pratinhos descartáveis que eles tinham usado para tomar o café da manhã tardio. Haviam comido no refeitório, já que era o lugar mais próximo não apenas com toda a comida, mas com todos os pratos e talheres também.

– Então... Está pronta para descer e verificar as coisas lá fora? – perguntou Ross.

Eles tinham concordado que, depois de comer, iriam descer ao saguão e tentar ter uma ideia de como as coisas estavam lá fora. Dali do sexto andar parecia que estavam presos em uma nave espacial que havia pousado em um planeta de marshmallow.

– Estarei pronta quando você estiver.

Embora não esperasse ir a lugar algum, os dois se vestiram com roupas bem quentes. Eles invadiram um armário de casacos para acrescentar camadas extras às próprias roupas. Havia alguns casacos, cachecóis e chapéus esquecidos ao longo dos anos... o suficiente para que não congelassem se ousassem pisar lá fora.

Uma vez tendo se arrastado seis andares abaixo até o saguão, e visto que a neve havia tomado quase toda a porta de vidro, no entanto, Lucy percebeu que eles não precisavam nem ter se dado ao trabalho.

– Isso é loucura! – disse ela, ficando na ponta dos pés para tentar enxergar por cima da montanha branca. – Você consegue ver o estacionamento?

Ross colocou a mão em concha sobre um ponto do vidro que não estava obscurecido pela neve.

– Tem três montinhos ali... Presumo que sejam seu carro, o meu e a caminhonete do segurança. Seria necessário um trenó e uma equipe de cães para nos levar até lá, no entanto.

Isso significava que, mesmo que a energia elétrica voltasse e as ruas fossem limpas, eles não iriam a lugar algum até a empresa particular de remoção de neve que Ross havia contratado aparecesse para limpar as calçadas e o estacionamento. E quem saberia dizer quando isso ocorreria?

– Não vamos a lugar nenhum, vamos?

– Nada disso. – Ele se virou para encará-la. – Tudo bem? Quero dizer... você não está com medo por estar presa aqui, está?

Ela franziu a testa.

– Você se transformou em um canibal ou algo do tipo nos últimos seis anos?

Ele meneou as sobrancelhas.

– Está reclamando do que gosto de comer?

Deus do céu, ela nunca iria reclamar a respeito disso pelo restante de sua vida.

– Deixa para lá – disse Lucy, sabendo que soava desequilibrada.

O sujeito era bom em distraí-la, colocando pensamentos selvagens em sua cabeça. Ele era bom em um monte de coisas. Em fazê-la rir, em fazê-la suspirar, em deixá-la louca. Em lhe dar um prazer incrível.

Aos 22 anos, ela havia achado Ross Marshall o sujeito mais sensual que já havia conhecido. Agora, seis anos depois, ela sabia que ele era mais do que isso. Ainda sexy, ah, sem sombra de dúvida. Provavelmente mais ainda do que antes, na verdade, porque ele agora possuía uma tonelada de autoconfiança e a personalidade madura de um homem para combinar com o visual e com o charme.

Mas agora Lucy o via como muito mais do que um carpinteiro duro de grana com um pufe e um abajur de lava. Ele era bem-sucedido, muito inteligente e incrivelmente agradável. Ela havia notado o jeito como ele conversou com todas aquelas pessoas na festa no dia anterior; agora, sabendo que ele era o chefe delas, Lucy estava ainda mais impressionada.

– Sério, você não está preocupada demais, está? – perguntou ele. – Temos muita comida, o prédio é seguro. E eu não acho que vá ficar insuportavelmente frio. Se ficar, podemos nos mudar para uma sala mais interna, sem janelas.

Ela balançou a cabeça.

– Sinceramente, não estou preocupada. A única pergunta é: o que vamos fazer para nos manter ocupados?

Ela acompanhou aquela pergunta com um adejar de cílios.

Ross deu um passo mais perto, colocando as mãos nos quadris de Lucy. Mesmo através do enchimento das calças, do suéter, do capuz de alguém, do casaco de alguém e do casaco pesado dela, Lucy sentiu o peso possessivo do toque dele.

– Tenho certeza de que vamos pensar em alguma coisa.

– Oh?

Ela ficou na pontinha dos pés, roçando os lábios no queixo dele, e sussurrou:

– Feche os olhos.

Ele obedeceu. Imediatamente.

– Conte até 20.

– Hum... Por quê? – Um olho se abriu e ela franziu a testa imediatamente. Ele voltou a fechá-lo. –

Desculpe. Contando. Um.

Ela de um passo para trás.

– Nada de espiar. Continue contando.

– Dois.

Um sorriso cruzou o rosto de Ross, como se ele a estivesse imaginando tirando as peças de roupa, se desfazendo das camas bem em cima da mesa da segurança. Hum. Aquilo meio que poderia ser interessante. Embora eles não pudessem ser vistos de forma alguma através das camadas de neve lá de fora, soava extremamente ousado.

– Três.

Lucy balançou a cabeça e seguiu na ponta dos pés até a porta fechada da escada de emergência. Ross estava no quatro quando ela abriu a porta e no cinco quando ela a fechou detrás de si. Esperava que, quando ele chegasse aos 20, ela já estivesse de volta ao sexto andar.

Esconde-esconde em um prédio de escritório de seus andares. Soava como um bom jeito de passar o tempo.

Principalmente se Lucy se assegurasse de que estaria nua quando Ross a encontrasse.

Capítulo Dez

Antes

Nova York 24 de dezembro de 2005

POR MAIS que Lucy tivesse gostado de permanecer na casinha de Ross e aprender tudo que havia para saber sobre fazer amor, ela precisava trabalhar na véspera de Natal. O fotógrafo com quem ela fazia estágio havia agendado famílias para fazerem retratos natalinos e ela precisava estar lá com os sinos a postos.

Literalmente. Bate o sino pequenino. Eles estariam presos aos sapatos bobos de elfo com ponta recurvada e ela tilintaria a cada passo.

Um dia, quando fosse uma fotógrafa mundialmente famosa, ela riria disso tudo. Mas agora não. Era simplesmente ridículo e constrangedor demais. Tanto esforço para parecer uma mulher madura, tranquila e controlada durante seu primeiro “dia seguinte”. Ross iria olhar para ela e achar que tinha passado a noite com uma adolescente.

– Por favor, me diga que vai usar essa roupa esta noite – disse Ross, sem se esforçar para esconder seu divertimento quando ela saiu do banheiro bem cedo na manhã de sábado.

– Ha, ha.

– Estou falando sério. Você está totalmente sexy. O elfo Hermie nunca teria ido embora do Polo Norte para se tornar dentista se você estivesse por perto.

– Bobo.

– Elfa. – Ele a agarrou pelos quadris e a puxou para si, rindo quando o penacho vermelho do chapéu lhe cutucou o olho. Ross ainda estava rindo quando pressionou a boca ao encontro dela para um beijo gostoso e profundo de bom-dia.

Lucy se desequilibrou um pouquinho. De algum modo, ela suspeitava que o beijo de Ross, ou até mesmo a simples lembrança do beijo dele, *sempre* a deixaria um pouco tonta.

– Você está pronta?

– Não pareço pronta? – disse ela com um suspiro aborrecido. Então acrescentou: – Você tem certeza de que não se importa em dirigir até Manhattan para me levar?

– Eu te disse, tenho coisas a resolver.

Eles tinham passado a manhã embrulhando e embalando os presentes dele para a família. Mas Lucy suspeitava que houvesse transportadoras em outros lugares mais perto do que em Manhattan.

– Eu posso pegar o metrô.

– Esqueça – disse ele, encerrando a discussão. O tráfego para Manhattan não estava tão ruim quanto estaria em um dia útil. A maioria dos carros estava saindo da cidade... Obviamente pessoas que tinham ficado trabalhando até tarde do dia 23, e que agora estavam indo passar o feriado com a família.

Eles chegaram ao estúdio com cerca de meia hora de antecedência, e Lucy, que tinha uma chave, o deixou entrar.

– Você realmente não precisa ficar – disse a ele quando acendeu as luzes.

– Vou ficar – insistiu Ross, se posicionando imediatamente diante de uma janela da frente para olhar a rua.

Lucy sabia o motivo. Ross não confiava que Jude não apareceria para assediá-la. Não que um dos dois achasse realmente que ele tentaria algo violento em plena luz do dia, enquanto ela estivesse no trabalho. Mas ela não descartava que ele pudesse vir para tentar conversar com ela e saber por que ela permitiu que o incidente violento da noite anterior ocorresse.

Não mesmo. Na verdade, nesta manhã, com o incentivo de Ross, Lucy já havia telefonado e conversado com alguém da delegacia perto de seu apartamento.

– Você normalmente fica sozinha aqui de manhã? – perguntou Ross quando, depois de dez minutos, ninguém chegou.

– Meu chefe sempre se atrasa. – Revirando os olhos, ela acrescentou: – Ele é do tipo gênio criativo irresponsável.

– Estou vendo – comentou Ross enquanto a seguia pelo estúdio, impregnado por um ar natalino. Havia um trenó imenso com almofadas de veludo em um canto, em frente a um cenário de neve. Ao redor havia montes de felpa branca para imitar neve. Criaturas silvestres, árvores decoradas, bengalinhas de doce e pingentes de gelo completavam o cenário. – Isso está bonito.

– Obrigada – agradeceu Lucy, satisfeita com o elogio, já que havia sido ela a pessoa que projetara a cena peculiar. Seu chefe não costumava fazer nada além de colocar uma tela com cena de neve atrás de um banquinho antes de Lucy chegar, e já a havia elogiado pelo aumento de movimento no estúdio, dizendo que ela possuía um talento especial para esse tipo de coisa.

Engraçado, na verdade, já que ela nunca tivera a intenção de voltar a fazer isso. Surpreendentemente, no entanto, é que enquanto olhava para os resultados de sua criatividade, Lucy sentia uma pontada de tristeza ao pensar nisso. Ela havia se empenhado muito naquele trabalho e na verdade gostava de fazê-lo.

Esqueça. A moda em Paris supera as crianças no Polo Norte em qualquer época.

Certo. Definitivamente. Mesmo que ela adorasse ouvir os gritinhos de satisfação de algumas das crianças menorzinhas que vinham para as sessões natalinas, ela certamente iria adorar os gritinhos de milionárias enquanto espiavam as últimas novidades da moda na passarela.

Ao ouvir o celular tocar, Lucy o pegou, reconhecendo o nome do dono do estúdio no visor.

– Oh-oh – murmurou ela, tendo esperanças de que aquilo não significasse que o sujeito iria atrasar mais do que o usual.

Depois de alguns segundos de conversa, ela percebeu que era pior do que isso.

– Você não vai vir hoje *de jeito nenhum*?

– Desculpe, não tem como evitar! Cai ontem à noite e machuquei meu joelho. Não consigo andar.

Hum. Considerando que o velho gostava de uma gemada batizada ao meio-dia, ela se perguntava como ele tinha caído.

– Temos apenas alguns poucos clientes agendados... você dá conta deles.

Lucy gaguejou. Ela era uma estagiária... não remunerada. E ele realmente queria que ela fizesse aquele trabalho, na véspera de Natal?

– Eu sei que isso vai muito além das suas obrigações – disse ele. – Mas eu ficaria tão grato. Vou compensá-la totalmente pelo seu tempo.

Ela só estava imaginando o que ele considerava uma compensação justa. A julgar que ela havia trabalhado como uma escrava durante três meses sem ganhar um centavo, teria sorte se conseguisse faturar cem pratas.

Mas ela já estava lá. Era uma fotógrafa. E mesmo que nunca tivesse desejado tirar os tipos de fotos que ele tirava, era sua oportunidade de trabalhar profissionalmente. Então ela concordou.

Depois que desligou, ela explicou a situação, Ross se ofereceu para ficar e ajudar. Lucy agradeceu, mas sabia que ele tinha coisas a fazer. Insistindo para que ele fosse enviar suas encomendas, ela acrescentou:

– Vou verificar a agenda, mas acho que só temos clientes marcados entre 10h e 13h. Se você puder retornar nesse intervalo e receber as pessoas conforme elas forem chegando, eu agradeceria.

Então ela teria concluído as tarefas do dia e eles poderiam ir embora para fazer... o que quer que dois amantes, que eram estranhos há um dia, sendo que uma não era adepta do Natal... faziam no Natal.

Lucy mal podia esperar.

– Pode contar comigo – prometeu ele enquanto seguia para a porta. Antes de sair, Ross disse: – Mantenha isso trancado até as 10h, certo?

Ela assentiu.

– Prometo que vou trancar. Não se preocupe.

Ele lhe lançou um daqueles sorrisos arrasadores, que iluminou seus olhos verdes.

– Não consigo evitar, Lucy.

O jeito como dissera aquilo, o calor em sua expressão, fizeram Lucy sorrir por vários minutos depois que Ross saiu. Mas, no fim, ela precisava arrumar as coisas para trabalhar.

Tendo liberdade para experimentar, ela resolveu tentar algumas ideias novas, contanto que os clientes estivessem de acordo. Então na hora em que o primeiro cliente estava programado para chegar, ela já havia brincado com alguns efeitos de luz, assim como algumas das lentes especiais de seu chefe.

Ross chegou bem na hora, e com a ajuda dele, ela passou as horas seguintes adorando seu trabalho. Pela primeira vez, não estava apenas agendando clientes, recebendo cheques, vendendo pacotes superfaturados de fotos e tentando fazer criancinhas irritadiças de fraldas molhadas rirem, ao mesmo tempo que concordava com todas as ideias de seu chefe. Ela estava criando, tentando novas poses, luzes e efeitos especiais. Conseguia sentir a energia enquanto trabalhava, e suspeitava que aquelas fotos fossem se mostrar muito especiais.

Assim que terminou com o último cliente, já eram mais de 14h. Ross tinha sido de grande ajuda, e uma vez que estavam a sós no escritório, ela o abraçou e o beijou.

– Muito obrigada... que dia divertido!

– Foi mesmo – disse ele rindo quando ela colocou as mãos em seus quadris e o apertou com mais força. – Você foi fantástica. Não sei se já vi alguém lidar tão bem com crianças como você.

Ela revirou os olhos.

– Eu não iria tão longe assim.

– Eu iria – insistiu ele. – Você foi realmente maravilhosa. Deveria se especializar nisso.

– Sem chance – bufou ela. – Tenho outros planos. Grandes planos.

– Como por exemplo?

Eles começaram a arrumar tudo, se aprontando para fechar o estúdio pelos próximos dias. E enquanto limpava, Lucy contava a ele sobre sua viagem de estudos iminente no exterior. Sobre seus planos para fotografar ao redor do mundo. Sobre o futuro brilhante e exótico que ela imaginava para si, o qual nada tinha a ver com Papais Noéis, renas ou crianças bochechudas.

Ross surgiu com algumas perguntas, mas na maior parte do tempo, ele simplesmente assentiu, concordando que o futuro dela soava maravilhoso. Mas depois de tudo dito e feito, ele ainda murmurou:

– Ainda digo que você também se sairia muito bem fazendo o que fez hoje.

– Não vai acontecer – disse ela a ele, sabendo que Ross não compreendia totalmente. Como poderia? Ela não mencionara diretamente que sua necessidade de escapar para algum lugar bem longe tinha muito em comum com sua necessidade de evitar o Natal e todas as armadilhas de família feliz que vinham junto com ele.

Lucy amava fotografia desde que tinha 12 anos, e seus pais lhe deram uma câmera “de verdade”. Ela se tornou a fotojornalista da família desde então, registrando todos os eventos e capturando todos os sorrisos maravilhosos.

Mas então a família e os sorrisos desapareceram. A perda deles foi quase mais do que ela seria capaz de suportar. Então sair para ver o mundo e os lugares exóticos e as pessoas através das lentes de uma câmera soava ideal para Lucy, agora que ela não mais podia ver as pessoas que sempre amara. Empolgante, é claro... porém mais do que isso, soava muito menos doloroso. Ela não iria ficar de coração partido se uma foto sua não fosse parar nas páginas de uma revista. Sem se importar se seus temas eram a escolha inteligente, a escolha certa. O jeito perfeito de viver a vida.

A voz de Ross a tirou repentinamente de seu momento de melancolia.

– Então, garotinha, você foi boazinha durante o ano?

Dando meia-volta, ela notou que ele estava sentado no trenó, batendo no colo sugestivamente, como o Papai Noel mais sexy do mundo.

– Hum – disse ela, saltitando até ele. – Isso depende da sua definição de boazinha.

Ele a colocou em seu colo.

– Depois de ontem, você é minha definição de boazinha – ele disse a ela. – Eles deveriam colocar sua foto na página do B do dicionário.

– Tem certeza de que não sou nem um pouquinho má?

Ele roçou o nariz no pescoço dela.

– Só do melhor jeito possível.

Sentindo-se acariciada e cálida, ela jogou a cabeça para trás, convidando-o para ir além, amando a sensação do rosto não barbeado contra sua pele. Quando Ross lhe beijou a fenda no pescoço, Lucy suspirou. E quando ele baixou mais, para provocar no decote em V da blusa, ela se inclinou mais ainda para trás. Inclinou-se tanto, que caiu do colo dele, em cima de uma montanha de neve falsa.

- Ai - queixou-se Lucy, mesmo enquanto morria de rir.

Ele saltou do banco e se ajoelhou ao lado dela.

- Você está bem?

- Estou bem.

- É melhor você me deixar olhar tudo e ter certeza de que você não se machucou.

Captando o tom devasso dele, ela fingiu um suspiro profundo e se afundou na felpa, que lhe amortecia como uma cama gigante de plumas.

- Talvez você devesse. Eu estou me sentindo um pouco fraca.

Com os olhos brilhando, Ross cumpriu sua ameaça. Lenta e gentilmente, ele acariciou o pescoço dela, roçando os polegares pelas clavículas, envolvendo os ombros. Como não poderia ter certeza de que ela estava bem apenas usando as mãos, ele começou a beijá-la, descendo pelo seu corpo. Cada vez que Lucy suspirava ou estremecia, ele olhava para ela e perguntava.

- Isso doeu?

- Definitivamente não - murmurava ela, indo ao encontro da boca dele.

Ele não a provocou durante muito tempo. Nenhum dos dois conseguiria suportar isso. Como se não pudesse esperar para estar com ela de novo, embora tivessem saído da cama há poucas horas, Ross desabotoou a blusa de Lucy, tirando a barra de dentro da saia de babados. Ele foi beijando pelos seios, contornando as pontas sensíveis através do sutiã.

- Hum - gemeu ela, enredando os dedos nos cabelos densos dele.

Lucy adorava o fato de ele gostar tanto de seus seios, adorava o jeito como ele baixava a alça do sutiã e tomava cada seio na mão antes de sugar os mamilos intensamente. Cada sucção da boca dele enviava um choque de desejo pelo corpo dela, e as meias ficavam ainda mais restritivas do que de costume.

- Lucy? - murmurou ele quando subiu a saia dela até a cintura e lhe envolveu a coxa.

- Hum?

- Como amanhã é Natal, isso significa que você não vai precisar mais dessa roupa?

- Acho que não - murmurou ela.

- Ótimo.

Ele não explicou o que aquilo significava, simplesmente mostrou a ela. Ficando de joelhos, Ross segurou a meia-calça e a puxou cuidadosamente. A meia rasgou, expondo o sexo dela completamente, pois ela não estava usando nada por baixo.

- Deus do céu - murmurou ele, apoiando-se nos calcanhares para admirá-la.

Ver aquela satisfação chocada no rosto dele dava a Lucy uma enorme sensação de poder feminino. Ela abriu as pernas deliberadamente, revelando mais de si, amando o jeito como ele a mão dele tremia enquanto esfregava o queixo.

Não estava mais tremendo quando ele a tocou, no entanto, Lucy sibilou quando os dedos longos e quentes a acariciaram, investigando a fenda viscosa entre as coxas. Ela estava úmida e pronta, desejando-o desesperadamente.

Felizmente Ross havia levado um preservativo, e Lucy deitou na felpa fofinha, observando-o abrir a calça e vestir a proteção. Ela ergueu uma perna convidativamente, sabendo que ele gostaria de sentir o tecido sedoso das meias ao encontro de seu quadril nu.

Lucy imaginava que ele gostaria de senti-lo em outros lugares também. Mas os quadris e aquele traseiro masculino incrivelmente durinho eram um bom começo. Sem uma palavra, ela o puxou para si, convidando-o para adentrar seu calor.

Ela ainda era novata o suficiente para arfar de susto quando ele entrava, mas Ross abafou o som com um beijo. A língua tépida fazia amor com a boca de Lucy enquanto ele fazia mais pressão em seu corpo, até ambos estarem completamente unidos. Ela passou as pernas ao redor dele e ergueu os quadris para recebê-lo.

Ele prolongou as estocadas, preenchendo, estirando e lhe dando tanto prazer que Lucy gritou dizendo o quanto estava bom. Ele era tão grosso e rijo dentro dela, e ela já estava acostumada àquilo o suficiente para desejá-lo indo com mais força, mais rápido. Mais fundo.

– Mais – exigiu Lucy. – Você está sendo tão cuidadoso... pode parar. Eu quero tudo, Ross. Dê para mim.

Ele gemeu. Então, como se só estivesse aguardando pelo convite, ele recuou e investiu com toda a força. Intenso, profundo. Incrivelmente bom.

– Ah, sim. Mais.

– Tem certeza?

– Absoluta – insistiu ela. – Dê tudo que você tem.

Ele não respondeu com palavras. Em vez disso, para a surpresa dela, Ross saiu de dentro dela e lhe segurou os quadris. Seus rosto era um esboço de desejo e ânsia, ele a deitou de bruços, então passou os braços em torno da cintura dela e a colocou de joelhos. Lucy estremeceu, mais excitada do que jamais estivera em sua vida.

Ela estava úmida, excitada e pronta, e quando ele investiu nela por trás, Lucy jogou a cabeça para trás e deu um gritinho.

Ainda enterrado dentro dela, ele agarrou suas meias outra vez. Mais uma investida e ele as rasgou completamente, da metade da cintura até a coxa, desnudando seus quadris completamente. Enchendo as mãos com os quadris dela, Ross mergulhou outra vez. Calor com calor, pele com pele. Lucy estava prestes a ficar fora de si. Ela gostava do sexo gentil, lento e carinhoso. Mas, ah, ela amava quando era quente, selvagem e *malicioso*. Na verdade, percebeu, ela adorava toda e cada coisa que Ross Marshall fazia.

Principalmente aquilo. E, oh, aquilo.

Eles se contorceram, ofereceram e receberam, e logo um orgasmo surpreendente a atingiu. Como se estivesse apenas esperando que ela atingisse tal ponto imediatamente enterrou o rosto nos cabelos dela, abraçando sua cintura apertadamente, e se soltou ao clímax também.

Eles desabaram juntos sobre a felpa. Ross rolou, se deitando de lado, puxando Lucy para si, ela de costas para ele, de conchinha. Lucy teve dificuldade para recuperar o fôlego, mas, ah, Deus, valeu a pena.

Finalmente, quando a respiração de ambos havia se acalmado um pouco, Ross falou:

– Então, já que você terminou seu trabalho, esse foi o início oficial do feriado?

– Assim sendo – disse Lucy, em tom veemente –, então Feliz Natal para nós!

Ele a abraçou mais pertinho.

– E uma noite feliz.

ELES TIVERAM uma noite e tanto. Uma noite fantástica, até onde dizia respeito a Ross.

Depois que ele e Lucy organizaram o estúdio e foram embora, não seguiram diretamente de volta ao Brooklyn. Em vez disso, passearam um pouco pela cidade. Ele até mesmo a convenceu a ir até o

Rockefeller Center para patinarem no gelo. Claro que ficaram espremidos com os milhares de pessoas que tiveram a mesma ideia, mas valeu a pena.

Eles passaram por cada vitrine decorada na Park Avenue e na Fifth Avenue, andando uma longa distância até a Macy's e se acotovelando em uma fila para ver a decoração de lá também. Lucy resmungou bastante, mas sob as reclamações Ross ouvia algo que lhe tocava o coração. Uma doçura, uma empolgação, um desejo que ela não havia verbalizado, mas que ao mesmo tempo estava lá.

Debaixo daquilo tudo, daquele verniz reluzente “vou viajar para ver o mundo” e “eu não ligo para Natal”, havia uma garota inocente de 22 anos. Uma que havia perdido sua âncora muito jovem e que não confiava que o mundo não iria golpeá-la novamente. Complicado.

Ele não teria admitido, mas Ross realmente gostava de tentar persuadir Lucy a aproveitar o período festivo, apesar dos próprios esforços dela para desgostar daquilo tudo. E ao passo que Ross não estava totalmente certo se ela gostaria do presente que ele havia comprado antes de retornar para ajudá-la no estúdio naquela manhã, ele tinha esperanças de que ela pelo menos compreendesse suas intenções por trás dele.

– Estava ótimo – disse ele quando pousou o garfo sobre o prato vazio. Eles tinham acabado de jantar à mesa da cozinha minúscula dele.

Lucy insistira em cozinhar para ele, muito embora tivesse alertado não ser muito adepta de nada chique. Assim, havia sido a primeira “refeição caseira” que Ross comera em eras, e ele nunca achara um bolo de carne tão gostoso.

Ele se levantou para limpar a mesa e a cozinha.

– Deixe-me ajudar – disse Lucy, começando a se levantar também.

– Você cozinhou – disse ele. – Vá sentar e relaxar um pouco. Eu cuido disso.

– Tem certeza?

– É claro. – Ele se deu conta, de repente, do caráter doméstico que a coisa toda estava tomando. O que era um tanto bizarro, considerando que eles se conheciam há um dia e meio.

O melhor dia e meio do mundo.

Aquela era uma percepção maluca, mas era verdade no entanto. Ross não conseguia se lembrar de ter tido uma época melhor desde que conhecera Lucy Fleming. Sinceramente, pensar no que viria a seguir o deixava mais empolgado do que qualquer coisa em muito tempo.

Limpando a cozinha rapidamente, ele foi até o outro cômodo e encontrou Lucy sentada no sofá, com a cabeça recostada e os olhos fechados. Ela havia ligado o som e uma música de Natal tocava suavemente ao fundo. Ele estava prestes a abrir a boca e provocá-la sobre ter quebrado a própria regra quando viu a lágrima na bochecha dela.

Sem dizer uma palavra, Ross se juntou a ela no sofá, puxando-a para si, de modo que ela pousasse a cabeça no ombro dele. Eles ficaram sentados em silêncio durante um longo tempo, escutando a música, observando jeito como o flash bobo da câmera, agora coberto com uma folha de plástico verde, refletia lampejos de luz na árvore de Natal.

Finalmente, Lucy se ergueu em meio aos braços de Ross e olhou para ele.

– Esse é o melhor Natal que já tive em muito tempo.

– Fico feliz. Não está tradicional *demais* para você?

– Não. Está perfeito. – Ela umedeceu os lábios. – Eu sei que você é muito próximo da sua família, e provavelmente é difícil para você compreender isso tudo...

– Consigo compreender com meu cérebro – disse ele, falando sério. – Mas meu coração não quer nem mesmo tentar compreender. Simplesmente não consigo imaginar como deve ser isso.

O pai o enlouquecia, mas Ross ainda o amava, assim como à mãe. Ele não conseguia sequer imaginar ter seu mundo arrancado de debaixo de seus pés, assim como ocorrera com Lucy, não conseguia compreender essa coisa de receber um telefonema informando que as pessoas que você sempre presumiu que fossem estar ali, de repente se foram.

As pessoas esperavam superar a expectativa de vida de seus pais, era natural. Mas só até atingiram a meia-idade. Não até que seus próprios filhos tivessem a oportunidade de conhecer seus avós. Os pais dele mesmo eram bem jovens, estavam apenas nos seus 50 e poucos anos, e Ross esperava totalmente mais uns 20 ou 30 anos discutindo com o pai e sendo mimado pela mãe. Ele não teria isso de nenhuma outra maneira.

– Posso te dizer como é – explicou ela. – É como acordar um dia e perceber que alguém arrancou seu coração do peito. Sua vida não é mais contada pelos anos que você já viveu, ou por aqueles que você ainda tem. Ela passa a ser medida antes e depois daquele evento.

Ele compreendia. Aquilo lhe partia o coração, mas ele compreendia definitivamente. Ross a abraçou, lhe acariciando o cabelo, lhe beijando a têmpora.

– Mas aí – sussurrou ela – o buraco começa a ser preenchido. Você se lembra dos bons momentos antes daquele evento e começa a reconhecer os bons momentos que vêm depois. – Ela se remexeu no sofá, olhando para Ross. Seus lindos olhos castanhos estavam luminosos, porém mais lágrimas marcavam suas bochechas. Como se Lucy quisesse que ele visse que ela estava melancólica, mas não arrasada. – Nesse fim de semana você me proporcionou um bom momento, Ross. Eu nunca vou me esquecer.

Ele se abaixou, roçando a boca na dela em um beijo terno. Ela retribuiu, docemente, gentilmente, então sorriu para ele.

– Então – disse ele, sabendo que era a hora certa. – Tudo bem se eu te der seu presente de Natal agora?

Ela o olhou com cautela.

– Não é grande coisa – avisou Ross quando se levantou e foi até a árvore. Ele havia escondido um pacotinho embrulhado atrás dela quando tinham chegado em casa naquele início de noite.

– Você não devia ter comprado nada – insistiu Lucy. – Não comprei nada para você.

Ele piscou e ergueu uma sobrancelha, flertando.

– Tenho certeza de que vou pensar em algo que você possa me dar depois.

– Hum... Por que não vemos o que tem aí, e então eu decido o que você merece receber em troca? – Ela pegou o presente, e embora um lampejo de medo ter lhe cruzado o rosto, e então ela mordeu o lábio levemente, Ross podia jurar também ter visto o brilho de um sorriso.

Ele se sentou na ponta oposta do sofá, observando-a abrir a caixa. Quando Lucy abriu a tampa e ficou olhando em silêncio para o presente lá dentro, ele não conseguiu evitar se perguntar se havia cometido um erro.

Talvez fosse cedo demais. Talvez ela não estivesse pronta. Talvez ela fosse pensar que ele não compreendia sua situação, afinal.

Ele enfiou a mão na caixa e pegou o globo de neve, sacudindo-o cuidadosamente, observando o glitter prateado rodopiar em torno da imagem dentro dele.

Não era nada engraçadinho, do tipo que o irmão dela daria, e certamente não tinha a intenção de substituir o Papai Noel hippie que tinha sido quebrado. Em vez disso, era simples, bonito... tradicional. Uma casinha com um telhado cheio de neve e uma guirlanda na porta. Uma luz quente, amarelada, vinha das janelas, em que era possível imaginar uma família reunida. Havia um carro estacionado na frente. Uma paisagem cheia de arvorezinhas. Retratava uma noite feliz de Natal, quando tudo estava tranquilo e reluzente.

– Eu só pensei que, como o outro estava quebrado...

– É lindo – sussurrou ela. – Absolutamente lindo.

Ela girou o botão na parte inferior, e começou a tocar Deck the Halls. Sorrindo, Lucy colocou o globo na mesa cuidadosamente.

– Obrigada.

– Não há de quê, Lucy.

A música no rádio acabou, e um locutor entrou para anunciar a hora: meia-noite em ponto.

Eles olharam para a árvore, então um para outro. Sem mais nenhum sinal de lágrimas, Lucy sussurrou:

– Feliz natal, Ross.

Ela se levantou do sofá e estendeu a mão. Ross a tomou e eles caminharam juntos até o quarto dele. Trocaram beijos lânguidos e íntimos enquanto se despiam lentamente. Ao longo das horas noturnas, não fizeram sexo, fizeram amor. Ross nunca tivera muito certeza da diferença entre ambos antes, mas agora, ele finalmente compreendia.

Ele adormeceu com um sorriso no rosto, e tinha bastante certeza de que o sorriso havia permanecido durante toda a noite. Porque ele ainda estava sorrindo horas depois, na manhã de Natal, quando acordou e encontrou Lucy nua em seus braços... e um telefone tocando.

– Que horas são? – perguntou ela com a voz cheia de sono.

Ele olhou para o relógio.

– São só 6h30.

Apenas uma pessoa telefonaria tão cedo. Sua irmã caçula era sempre a primeira a ligar no Natal, e ela provavelmente já havia verificado a caixa de e-mails e visto o vale-presente virtual enviado por ele.

Verificando o identificar de chamadas do celular, e vendo o número da casa dos pais, ele riu e o abriu, esperando ouvir a voz cheia de alegria de sua irmã tagarela.

– Alô?

Uma pausa. Um soluço.

E então o mundo desabou debaixo de seus pés.

Capítulo Onze

Atualmente

Chicago, 25 de dezembro de 2011

LUCY ACORDOU na manhã de Natal se sentindo bem, quentinha e confortável. E aquilo não era só por causa do homem nu, incrivelmente lindo e sexy deitado junto a ela, mas também porque a ventilação logo acima do sofá-cama estava soprando um ar quente e constante.

A energia elétrica voltou. *Aleluia.*

Ela ficou deitada ali durante alguns minutos, aliviada, mas também um pouco triste. Energia elétrica era bom. Ótimo, na verdade. Mas sinalizava uma coisa: um retorno à normalidade. O mundo real estava batendo às portas do pequeno ninho do amor deles, lembrando-os de que na verdade aquele espaço era um edifício de escritórios de seis andares em Chicago.

Durante 36 horas eles conseguiram fingir que o restante do mundo não existia. Agora que tinham luz novamente, estavam a apenas um telefonema de distância de todo mundo.

Lucy devia aproveitar isso e telefonar para Sam, que talvez estivesse preocupado. Com sorte, ele teria estado ocupado demais para tentar contatá-la. Mas no mínimo ela precisava ligar para ele e lhe desejar feliz Natal... ou pelo menos um *bah, que bobagem!*

Ela se perguntava se o Natal iria ser feliz para ela. Antes de ontem, ela teria rido de tal ideia. Agora, no entanto, honestamente, não tinha certeza.

Provavelmente seria inteligente impedir mais perdas, agarrar-se à lembrança do presente que ela já havia recebido neste ano, e sair enquanto a coisa estava indo bem. Ela e Ross haviam compartilhado uma véspera de Natal fantástica... pela segunda vez na vida dela. Mas eles já haviam provado uma vez que não tinham como fazer durar muito além disso. Então que tipo de tola ela seria ao deixá-lo voltar ao seu coração outra vez, do mesmo jeito que ela permitira que ele voltasse aos seus braços?

Qualquer um poderia criar uma lembrança adorável e romântica das festas de fim de ano e um pouco de neve. Eles nunca tinham tentado existir no mundo real.

E talvez não deveriam. Talvez não fossem destinados a isso.

Entristecida por aquela ideia, Lucy sentou-se lentamente e se espreguiçou. Ela espiou a parede de janelas, olhando por cima do ombro de Ross, e percebeu que não apenas havia parado de nevar, como o céu estava tentando ficar azul e ensolarado. Também havia um som distinto, algum tipo de motor nos arredores.

Curiosa, ela saiu da cama e foi até a janela, que dava vista para o estacionamento. Para sua surpresa, já estava quase todo limpo. Um caminhão com um arado estava trabalhando no lote, e uma miniescavadeira estava cuidando dos montes de neve nas calçadas.

– Droga – sussurrou ela. Agora não apenas estavam eletronicamente conectados ao mundo, como o status “isolados pela neve” estava prestes a mudar também. A aventura do feriado particular havia chegado ao fim.

– Feliz Natal – disse ele da cama, a voz rouca de sono.

Embora ela quisesse responder de forma gentil, as palavras ficaram um pouco presas na garganta, a qual foi se apertando a cada segundo desde que ela acordara.

– Bom dia.

– Está mais quente aqui, ou é só porque estou olhando para você nua?

Ela riu baixinho e voltou à cama, se abaixando para beijar Ross enquanto engatinhava para ficar ao lado dele.

– A energia voltou. E o estacionamento está quase limpo.

Ele franziu a testa.

– Lembre-me de demitir aquela empresa de limpeza de neve.

Ross não soava nem um pouco mais feliz do que Lucy sobre ser “resgatado”. Talvez porque, tal como ela, ele não tinha certeza do que iria acontecer quando eles retornassem à realidade.

Será que eles tinham o que era necessário para ir além do fim de semana? Para de fato fazer um relacionamento diário funcionar? Com os laços que Ross tinha com a família, com a empresa, com a cidade... e Lucy com sua necessidade por vezes caprichosa de mudar de direção e explorar novas oportunidades, quando eles eram feitos para ficar juntos?

Ela não fazia ideia. Nem queria conversar sobre isso com ele ainda. Precisava pensar. E provavelmente seria melhor fazê-lo sozinha.

– Acho que você devia ligar para sua família avisar que está bem – disse Lucy. – Provavelmente eles estão preocupados.

Ele assentiu.

– Ouça, por que você não vem comi...

Ela sabia o que ele ia pedir e ergueu uma das mãos, espalmada.

– Obrigada, mas não, obrigada.

– Tenho certeza de que eles adorariam conhecer você.

– Bah, que bobagem, lembra-se?

– Lucy...

– Por favor, não – retrucou assim que ela se levantou, pegou suas roupas e começou a vesti-las. Por mais que gostasse de ficar nua na cama com Ross, ela sabia que as coisas tinham mudado. Sentia-se muito menos livre e muito mais preocupada do que estivera na noite anterior. A presença do restante do mundo no relacionamento estranho deles a deixava desconcertada. Enquanto há algumas horas ela estivera repleta de nada senão contentamento e satisfação, agora as únicas coisas que preenchiam sua cabeça eram perguntas e preocupações.

– Preciso de um tempo – disse Lucy a ele. – Eu só gostaria de ir para casa e tomar um banho.

– E a ceia de Natal?

Os sanduíches com as sobras do peru tinha parecido perfeitos. Ir com Ross até a casa dos pais dele para uma refeição grandiosa com uma família imensa? Nem tanto.

– Por favor, não pressione – disse ela, ouvindo o tom da própria voz e ficando furiosa consigo. Ele estava tentando compartilhar algo especial... a festa da família dele.

– Tudo bem – disse Ross. – Eu compreendo.

Como Lucy não conseguia compreender a si mesma, ela duvidava dele, mas não queria discutir. Não depois do dia maravilhoso que eles haviam tido ontem e das noites lindas, maravilhosas, incríveis naquele sofá-cama estreito.

– Você pode usar o telefone da minha mesa se quiser ligar para Sam – informou Ross. – Se a energia voltou mesmo, então as linhas deveriam estar funcionando. É só discar nove primeiro.

Agradecendo a ele, Lucy terminou de se vestir e foi até a mesa. Pegou um recado de Sam na caixa postal e deixou outro recado para ele. Verificou seu telefone celular, ainda sem sinal, e resolveu ligar para o telefone de casa para ver se havia algum recado.

Ela discou para casa, então digitou a senha. Quando ouviu que tinha dois recados deixados na sexta-feira, franziu a testa, percebendo que não tinha parado para escutá-los quando chegou em casa. Estava ocupada demais se masturbando na banheira enquanto pensava em Ross.

Uma voz que ela não reconheceu veio do fone.

– Srta. Fleming, aqui é Janet Sturgeon, sou da revista *Parents Place*. Desculpe por ligar pouco antes do Natal, mas é que eu realmente queria falar com você. Todos na redação simplesmente amaram seu ensaio fotográfico.

Ela comemorou mentalmente. Mas a voz não tinha terminado.

– E é claro que todos nos lembramos do trabalho excelente que você já fez para a gente. De qualquer forma, estamos fazendo algumas mudanças aqui em nossa matriz e estávamos pensando se você estaria interessada em vir a Nova York para conversar sobre um cargo permanente conosco? Estamos buscando um diretor artístico. Todos realmente gostamos do que você faz e achamos que você se encaixaria muito bem em nossa equipe.

O queixo de Lucy foi caindo lentamente enquanto ela escutava. Ela estava esperando por um *Sim, gostamos do seu trabalho e vamos pagar X por ele*. Mas uma oferta de emprego? No mínimo, a oferta por uma entrevista de emprego? Ela nunca havia imaginado.

Bem, aquilo era uma mentira, é lógico que ela havia imaginado. Tinha pensando várias vezes em sair daquela piscina infantil que era seu trabalho como autônoma e ir para o imenso oceano das grandes publicações. E a *Parents Place* era um bom trecho do oceano. Uma oportunidade de trabalhar para eles, de ser a diretora artística de uma publicação nacional de grande porte... sinceramente, era como se alguém tivesse acabado de lhe entregar o primeiro prêmio da loteria sem ela nunca ter comprado o bilhete.

Sua mente começou a vaguear e ela não ouviu o número de telefone que a pessoa que ligou deixou no fim. Lucy salvou o recado para escutar outra vez quando chegasse em casa e ficou pensando no que dizer quando retornasse a ligação no dia seguinte.

– Lucy? Você está bem?

Ross a estava observando de lá da alcova. Ele havia terminado de se vestir e passou uma das mãos pelo cabelo grosso e desgrenhado, estava perfeito, sexy e lindo. O coração de Lucy deu uma cambalhota

no peito do jeito que sempre fazia quando ela olhava para aquele homem na claridade total do dia. E até na total escuridão.

Só que agora, havia uma leve sensação de aperto em seu coração também.

Não seja boba, você nem mesmo sabe ainda se conseguiu o emprego. Ou se vai aceitá-lo.

Verdade. Ela não podia se permitir ficar chateada a respeito de algo que possivelmente poderia acontecer, e o reflexo disso entre ela e Ross. Pelo que Lucy sabia, não havia ela e Ross. O fim de semana tinha sido fantástico e maravilhoso... mas ela já admitia que poderia não haver mais nada além.

Não vai haver se você estiver em Nova York.

O que a fazia se perguntar: será que ele se importaria se ela fosse embora?

Será que ele pediria que ela não fosse?

– Lucy? Está tudo bem? Era o Sam?

Ela balançou a cabeça lentamente e colocou o fone no gancho. Tentando manter a voz firme, assim não iria revelar nem empolgação, nem a turbulência incrível que aquilo poderia significar para eles, Lucy contou sobre o telefonema.

Ross não reagiu de cara. Nem sorriu ou a parabenizou imediatamente. Nem mesmo franziu a testa e insistiu dizendo que ela não podia nem pensar em ir embora agora, quando havia tanta coisa entre eles no ar.

Então talvez não haja nada no ar. Talvez tudo tenha se estabelecido naquela cama nas últimas 36 horas, e esteja tudo acabado, e nós dois devemos apenas ir viver nossas vidas alegremente.

Deus, ela não queria acreditar naquilo. Mas era possível. Para Ross, podia ter sido coisa de uma noite só. Talvez ele não desse a mínima se ela fosse embora. Ela simplesmente não sabia. E, sinceramente, não tinha certeza de como abordar o assunto.

– Estou vendo. Bem, isso é empolgante – disse ele finalmente.

– Poderia ser – respondeu Lucy cautelosamente.

– Quando você voltaria a Nova York?

Grite, droga. Demonstre algum tipo de emoção.

– Ela disse que queria me entrevistar imediatamente, essa semana se possível.

– Não creio que os aeroportos vão abrir por um dia ou dois. Talvez no fim da terça ou quarta-feira.

– Talvez – disse ela, se perguntando como ele poderia estar tão tranquilo, por que ele não queria revelar nada do que estava pensando.

Por que ele não estava dizendo a Lucy que não queria que ela fosse.

Mas ele não fez nada. Em vez disso, ainda calmo e racional, como se eles tivessem acabado de jantar num encontro em vez de passar por uma maratona sexual emocionalmente carregada durante 36 horas, ele a ajudou a arrumar o escritório e o refeitório, ocultando as evidências do idílio selvagem de fim de semana que havia ocorrido ali. Tudo retornou ao seu lugar, os casacos emprestados voltaram ao armário, a comida foi guardada cuidadosamente. Até o sofá-cama foi arrumado e dobrado. Não havia nenhuma evidência de que eles haviam estado ali.

Perceber aquilo deixou Lucy incrivelmente triste. Mas não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Finalmente, não restando mais nada a fazer, eles vestiram roupas quentes e desceram. Não tiveram problemas para sair para o estacionamento, e Ross pagara um extra ao seu contratado por desatolar os carros deles. Então, por volta de meio-dia, eles estavam prontos para ir embora, nenhum dos dois

preocupados com o trajeto de carro, considerando que as escavadeiras e caminhões de sal passaram a noite toda em ação.

Chicago era uma cidade acostumada a lidar com a neve. Apesar da nevasca perversa na véspera de Natal, as coisas muito provavelmente iriam voltar ao normal bem depressa. Se algo fosse voltar ao normal de novo um dia. No momento, Lucy não tinha muita certeza sobre a definição dessa palavra.

– Tem certeza de que vai ficar bem dirigindo sozinha para casa? – perguntou Ross.

Ela assentiu.

– Vou ficar bem, são poucos quilômetros.

Ele abriu a porta do carro para ela. Estava quente lá dentro; ela havia deixado em ponto morto durante alguns minutos enquanto eles estavam lá fora se despedindo. Ou não estavam se despedindo. Até agora, eles não tinham dito nada.

Lucy não tinha certeza do que estava esperando que ele dissesse. Ou se ele também estava esperando. Ou do que cada um poderia dizer para ficar tudo bem, para que ambos compreendessem a situação atual e futura.

No fim, não disseram muita coisa. Ross simplesmente se inclinou e roçou a boca na de Lucy, o hálito de ambos se misturando no ar gelado. Então ele sussurrou:

– Feliz Natal, Lucy.

Ela deu um sorriso trêmulo e assentiu.

– Tchau, Ross.

O coração dela estava berrando para que ela dissesse algo mais. O cérebro também. Mas ela não conseguia encontrar as palavras, não sabia o que Ross queria ouvir.

Então simplesmente entrou no carro, observou Ross entrar no dele, e aí ambos saíram dirigindo.

DEPOIS DE ir para casa para tomar um banho e trocar de roupa, e então telefonar para o hospital para ter notícias de Chip, que estava muito bem, Ross seguiu para a casa dos pais. A família paralisou as comemorações até que ele pudesse retornar. Então ele tentou fingir que se importava com o Natal e que não estava totalmente infeliz.

Ele não achou que tivesse sido bem-sucedido na empreitada. O sorriso estava rígido, a risada falsa e a tensão devia estar visível. Ele não conseguia manter a mente nas brincadeiras, se perdia no meio das conversas e em geral entrou em torpor na maior parte da tarde.

Só conseguia pensar em Lucy. No tempo que passaram juntos... e no jeito como se separaram.

Ele simplesmente não conseguia entender, não conseguia começar a compreender como ela podia ter passado o fim de semana com ele, fazendo tudo que fizeram, dizendo tudo que disseram, e então falar casualmente sobre se mudar de volta para Nova York. Não fazia sentido.

Ele sempre teria apostado seu último centavo que ela o amava, que sempre o amaria, assim como ele sempre a amaria. Mas as palavras nunca foram ditas por ela, nem mesmo quando ele confessara seus sentimentos por ela todos aqueles anos atrás.

Foi você quem a abandonou. Você partiu o coração dela, lembrava uma voz em sua cabeça. Então talvez não fosse tão surpreendente o fato de ela simplesmente não correr de volta para os braços dele.

Mas correr para a costa leste, em vez disso? Que sentido aquilo fazia?

– Então... Vai nos contar quem é ela?

Ross olhou para cima quando sua irmã caçula Annie, que não era mais sua irmãzinha, mas uma colegial do primeiro ano, entrou na sala.

– Perdão?

– Qual é, está na cara que você está com problemas com uma mulher. Não vimos você tão deprimido por causa de uma garota desde que você voltou para casa depois de ir embora de Nova York depois de perder aquela garota... Linda?

– Lucy. O nome dela é Lucy – murmurou ele, desviando o olhar e franzindo a testa.

Ouvindo o arfar surpreso de Annie, Ross desejou ter ficado calado.

– Espere, estamos falando de Lucy agora?

– Por que pergunta isso?

– Bem, você disse que o nome dela é Lucy. Além disso, o jeito como você pronuncia o nome dela, maninho. É como voltar seis anos no tempo. Eu me lembro exatamente de como você ficou quando retornou, depois que papai ficou doente. Nunca vi você tão ligado a alguém.

Havia um bom motivo para isso. Ele nunca *ficara* tão ligado em mais ninguém.

– Então qual é a história? Por que você não a convidou para a ceia de Natal?

– Eu convidei. Ela... não gosta muito de Natal. – Ele não queria compartilhar detalhes sobre a vida particular de Lucy, porém explicou: – Ela tem lembranças ruins dessa época do ano...

– Então onde está ela? Ela está aqui em Chicago?

– Sim, ela se mudou para cá. Ela está em casa, no apartamento dela agora.

– Cara! Que saco!

Ele revirou os olhos, ainda não muito acostumado a ouvir sua irmã falando como um sujeito de 18 anos, vocabulário que parecia ter sido adotado pelas jovens de hoje.

– Você a deixou sentada em casa, sozinha no apartamento dela, no Natal?

– Como eu disse, eu a convidei para vir. Ela quis ir para casa. Sozinha.

Annie meneou as sobrancelhas, e foi aí que Ross percebeu que tinha pisado na bola. De novo.

– *Ir* para casa, hein?! Tipo, ela estava com você nos últimos dois dias, durante sua grande emergência preso na neve?

– Cale a boca. –murmurou ele.

Ela riu.

– Olha, tudo que vou dizer é que, se eu estivesse saindo com alguém, e ele me deixasse sentada em casa sozinha durante o Natal, eu teria absoluta certeza de que ele não ligava a mínima para mim.

– Você não é Lucy – resmungou ele.

– Que bom para você – disse ela, se levantando e saltitando até a porta. – Porque se eu fosse, eu teria dito até mais, cara, e faria você pensar que eu dava a você a mesma importância que você dava a mim.

Ela saiu da sala, deixando Ross sentado ali, sozinho. Porém as palavras de sua irmã permaneceram. Na verdade, de algum modo elas pareciam ficar cada vez mais altas... e mais altas.

Ele sabia que Lucy não era do tipo que fazia joguinhos. Mas também sabia que ela devia estar se sentindo insegura em relação a eles, em relação a ele, agora. Considerando que ele a abandonara no Natal há seis anos e parara de telefonar logo depois, por que ela não teria dúvidas? Por que ela não teria questionamentos?

Por que ela não esperaria que ele não estivesse dando a mínima se ela resolvesse se mudar de volta para Nova York?

Será que, na tentativa de parecer calmo, racional e justo, Ross a fizera achar que ele não se importava? Será que esconder o medo de perdê-la outra vez tornara isso mais provável de acontecer?

Não. Isso não ia ficar assim. De jeito nenhum que ele iria deixá-la pensar que ele não a desejava. Lucy podia até querer ir embora, podia enxergar esse grande passo profissional como a próxima coisa lógica a fazer em sua vida. Mas ele não iria deixá-la tomar essa decisão sem se certificar de que ela soubesse como ele se sentia.

O que significava que ele precisava ir conversar com ela. E dessa vez, ele não deixaria nada por dizer.

DE TODOS os natais de Lucy, aquele devia estar no topo da lista dentre os piores.

Ah, tinha começado muito bem. De maneira mágica, na verdade. Ela havia acordado de manhã nos braços de um homem maravilhoso, certa de que nunca fora mais feliz em sua vida.

Mas desde que chegara em casa, sozinha, e começara a vaguear pela casa, sozinha, e comera comida congelada, sozinha, Lucy não conseguia nem uma única coisa positiva naquilo.

Ela tentara fazer compras pela internet... entediante. Limpou o apartamento... mais entediante ainda. Respondera a alguns e-mail, verificara sua agenda, procurara voos para Nova York. Entediante. Entediante.

E devastador.

Devastador porque ela não queria voar para Nova York. Não sob aquelas circunstâncias, de qualquer forma. Não sem saber como Ross se sentia... se ele dava a mínima.

Naquela manhã, quando ela ouvira pela primeira vez a mensagem sobre a oferta de emprego em potencial, tinha sido empolgante, um enorme reconhecimento. Pensar que uma revista grande estava atrás dela por causa de seu talento era uma enorme mensagem no ego e uma verdadeira confirmação de que ela havia feito a escolha certa quanto realizara mudanças em sua carreira.

Mas, particularmente, ela não queria voltar para Nova York. Gostava de Chicago. Gostava de morar perto do irmão outra vez. Gostava das pessoas que tinha conhecido, do estúdio que havia alugado e da vida que estava levando.

Mais importante, gostava de estar perto do homem que amava.

– Droga – resmungou ela naquela noite enquanto estava sentada no sofá, escutando músicas natalinas na estação de rádio da internet.

Ela o amava. Ela amava Ross Marshall. Sempre amara. Ele havia entrado em seu coração seis anos atrás e nunca mais o abandonara, apesar do tempo, da distância e de outros relacionamentos.

Algumas pessoas eram capazes de se apaixonar e se desapaixonar. Algumas amavam apenas uma vez na vida. Ela suspeitava ser do segundo tipo. O que seria maravilhoso, se ao menos ela não amasse um sujeito que não parecia se importar caso ela se mudasse para ficar a milhares de quilômetros de distância.

Sentindo muita pena de si, Lucy quase não ouviu as batidas à porta. Primeiro, presumiu que fossem os filhos dos vizinhos brincando com seus novos presentes de Natal. Eles tinham passado o dia rindo, felizes, e ela sorrira ao ouvir os sons que penetraram nas paredes finas. Porém o barulho se repetiu, e ela percebeu que alguém estava batendo à sua porta.

Lucy olhou para o relógio, notando que já tinha passado das 20h. Ela finalmente havia conseguido falar com Sam naquela tarde, e ele tinha dito que iria trabalhar durante a noite toda outra vez. Mas talvez tivesse conseguido uma folguinha ou coisa assim.

Ela foi até a porta e a abriu exibindo um sorriso. O sorriso esmoreceu assim que viu, não seu irmão, mas alguém que nunca esperava ver à sua porta esta noite.

– Ross?

– Posso entrar?

Surpresa, não apenas porque ele havia dito a ela que ia ficar com a família, mas também porque, até onde ela sabia, ele não fazia ideia de onde ela morava, Lucy se afastou e o convidou a entrar.

– Como você...?

– Stella. Tinha tanto o endereço do seu estúdio quanto o da sua casa no BlackBerry.

– Está tudo bem? Sua família?

– Está bem. Agora provavelmente estão todos empenhados na maratona natalina do jogo de mímica.

Ainda sem saber por que ele tinha vindo, e sem saber o que dizer, Lucy perguntou rapidamente:

– E o segurança da empresa?

– Ele vai ficar bem – respondeu.

– Fico feliz. – Retorcendo as mãos, ela finalmente se lembrou de sua boa educação. – Posso pegar seu casaco? Gostaria de se sentar?

Ross tirou o casaco, mas não se sentou na poltrona indicada por Lucy. Em vez disso, soando e parecendo melancólico, ele olhou nos olhos dela e disse:

– Se eu fizer uma pergunta, você vai me responder com sinceridade?

– É claro.

– Certo. – Aproximando, perto o suficiente para Lucy sentir o cheiro de sua colônia forte e o calor de seu corpo, Ross perguntou: – Você quer se mudar para Nova York?

Falando em perguntas diretas. Ela cruzou os braços, esfregando as mãos neles, para cima e para baixo, e pensou em sua resposta. Seu primeiro instinto era responder à pergunta dele com outra pergunta... *você quer que eu fique?*

Mas eles já haviam jogado o suficiente, perdido tempo suficiente girando em torno da verdade ou tomando decisões um pelo outro sem o benefício de uma conversa real, genuína. Então ela não seria nada senão honesta, tanto com ele quanto consigo.

– Não. Não quero.

Ele fechou os olhos e suspirou, tão visivelmente aliviado, Lucy quase sorriu.

– Minha vez de fazer uma pergunta – rebateu ela.

– Tudo bem.

Inspirando fundo, e esperançosa de que sua voz não tremesse, ela perguntou:

– Você quer que eu fique?

Ele não hesitou, nem mesmo por um instante:

– Ah, sim.

Embora satisfeita com a veemência dele, ela inclinou a cabeça em confusão.

– Então por que mais cedo você agiu como se não se importasse?

– Por que você me fez pensar que queria se mudar?

Nenhuma das perguntas foi respondida durante um segundo... então ambos retrucaram em uníssono:

– Porque somos idiotas.

Uma gargalhada explodiu entre eles, então Ross chegou pertinho, colocando as mãos nos quadris de Lucy e puxando-a para si. Ela levou as mãos aos ombros dele e o encarou, enxergando o calor e a

ternura naqueles olhos verdes. Mesmo em silêncio, ela sabia que ele estava pensando, sabia o que ele estava sentindo. O que o coração dele estava lhe dizendo.

Porque o coração de Lucy estava dizendo a mesma coisa a ela.

Eles tinham sido feitos um para o outro. Sempre foram. O tempo e a circunstância havia separados os dois, sim. Mas talvez tivesse que ser assim. Eles eram jovens e impulsivos. E ela não estava verdadeiramente pronta para aceitar o amor e a felicidade, para oferecer o tipo de relacionamento dotado da confiança e do amor que Ross merecia.

Agora Lucy estava pronta. E eles tinham encontrado o caminho de volta para os braços um do outro. Havia levado anos, e exigido uma mudança de cidade, mas as vidas deles havia formado um círculo completo e nesta semana eles haviam recriado o passado.

Só que, dessa vez, seria completamente diferente. Eles não iriam deixar nada o atrapalhar.

Dessa vez, eles iriam fazer funcionar.

– Eu te amo – disse ele, e o coração de Lucy cantarolou.

Ele pôs uma das mãos no rosto dela.

– Eu deixei você escapar uma vez. Eu não ia cometer o mesmo erro de novo.

– E se eu tivesse dito que queria ir para Nova York?

– Eu teria dito: tudo bem, quando partimos?

Lucy começou a sorrir, pelo menos até notar que ele falava sério. Então só conseguiu encará-lo com expressão chocada.

– Você está falando sério?

– Muito sério.

– Mas como...

– Eu conversei com meu pai quando estava na casa dele hoje. Eu disse que havia deixado você ir embora uma vez, mas que não ia acontecer de novo. E que ao mesmo tempo que eu gostaria de continuar na Elite, se interferisse nisso, eu iria fazer o que era certo para *mim* para variar. Viver minha vida por minha conta, já que eu a vivi em função dos outros nos últimos seis anos.

– Como ele reagiu?

Ross desviou o olhar.

– Acho que foi o mais próximo que já vi meu pai de chorar.

Ela arfou.

– Não porque ele estava chateado, mas porque ele finalmente teve a oportunidade de me dizer o quanto era grato por tudo que eu tinha feito, e o quanto queria que eu fosse feliz. – Ross balançou a cabeça lentamente. – Para dizer a verdade, eu não acreditei. Ele nunca disse nada assim para mim antes.

Sabendo o quanto aquilo deve ter significado para ele, Lucy ficou na ponta do pé e roçou a boca na dele.

– Estou tão feliz.

– Eu também.

– Mas seu pai não precisa se preocupar com nada, nem seus acionistas.

– Podemos ir se você quiser – insistiu ele.

– Não quero – insistiu Lucy de volta, sendo completamente honesta. – Estou cansada de fugir para fazer coisas novas, para novos lugares, apenas para evitar me expor à dor e à mágoa outra vez. Não existe amor sem risco... mas não existe vida sem amor.

Então, percebendo que ela nunca havia dito aquilo de fato, Lucy ofereceu a ele o presente mais honesto e genuíno que poderia pensar em dar.

– Eu te amo, Ross. Eu sempre amei, eu sempre amarei.

Ele sorriu ternamente, então se inclinou para beijá-la, lentamente, amorosamente. E sentir aquelas palavras nos lábios deixou o beijo tão mais doce, lhe deu tanto significado a mais.

Quando eles finalmente concluíram o beijo, permaneceram nos braços um do outro, dançando lentamente ao som da música natalina que tocava baixinho de fundo, “Joy to the world”.

Que apropriado. Pela primeira vez no que parecia uma eternidade, a vida de Lucy parecia cheia de alegria até a borda. Porque Ross fazia parte dela. E ela sabia, lá no fundo de sua alma, que ele sempre faria.

– Feliz Natal, Lucy – sussurrou ele ao encontro do rosto dela.

– Feliz Natal, Ross.

Ela o abraçou, desejando capturar aquele sentimento e gravá-lo em sua mente para sempre, como uma linda fotografia. O primeiro momento do restante de suas vidas.

Haveria muitos mais, ela sabia. Alguns lindos, provavelmente alguns tristes.

Mas, não importava o que acontecesse, todos os momentos seriam repletos de amor.

Epílogo

Dois anos depois

ENCOLHIDINHOS JUNTOS no sofá, Lucy e Ross observavam pela janela da frente da casa enquanto os primeiros flocos de neve natalina começavam a cair. O meteorologista não previra uma grande tempestade... nada parecido com aquela que os prendera no prédio de escritórios de Ross dois anos antes, momento conhecido também como a melhor nevasca de todos os tempos. Não, a neve de agora caía silenciosa, doce, uma neve noturna tão suave e serena quanto os cânticos que tocavam baixinho no aparelho de som atrás deles.

Envolvida nos braços do homem que amava, ali na linda casa que eles haviam terminado de construir juntos e para onde se mudaram na última primavera, Lucy não se importava se nevasse a noite toda. Ela possuía tudo, e a todos, de que necessitava, bem ali entre aquelas paredes.

– Aí vem a neve –murmurou ele, apertando o abraço.

– Aham.

Eles ficaram em silêncio por um instante, observando os flocos brancos caírem, lentamente no início, depois mais progressivamente. De repente Lucy percebeu, olhando para aquela janela imensa com vista para o mar, que provavelmente estar ali era como estar dentro de um globo de neve. Talvez exatamente naquele que Ross lhe dera tantos anos atrás, e que agora tinha um lugar de honra no centro do consolo da lareira. Lucy estava dentro de um lar feliz, sob a luz amarelada e quente que saía pelas janelas, com os carros estacionados na entrada e as sempre-vivas cheias de neve ao redor.

Ela sorriu, adorando aquela imagem, pensando naquela véspera de Natal. O que, se perguntava ela, aquela garota, aquela Lucy de 22 anos, teria pensado se pudesse prever o futuro? Ela provavelmente não teria acreditado nele, e tal futuro a teria apavorado totalmente. Porém, lá no fundinho, ela sabia que teria ficado muito esperançosa... porque aquele dia lhe abria os olhos para um mundo de possibilidades.

Tudo por causa do homem que a estava abraçando tão carinhosamente, cantarolando “Noite Feliz” enquanto lhe beijava a têmpora.

Ela olhou para ele, tão lindo sob o brilho da lareira, e sussurrou:

– Feliz Natal, Ross.

Ele retribuiu o sorriso e roçou os lábios nos dela.

– Feliz Natal, minha esposa.

Não havia mais *bah, que bobagem* para Lucy. Não havia mais muros para evitar coisas como lembranças, festividades... e amor. Aquela parte da vida dela estava acabada.

Ross se espreguiçou um pouco e riu.

– Sou uma pessoa ruim por estar feliz por meus pais e seu irmão terem resolvido ficar em casa e vir aqui apenas amanhã, depois de constatarem as consequências da nevasca?

Ela riu baixinho, compreendendo-o tão bem.

– Não, a menos que eu também seja, porque me sinto da mesma forma.

Não que qualquer um deles estivesse de má vontade com as visitas... na verdade Lucy adorava a família de Ross, assim como a nova namorada de Sam. Eles certamente tinham bastante espaço para todos na casa imensa. Mas ela não podia negar que estava feliz pelo modo como as coisas se encaminharam. Agora eles teriam a noite e a manhã seguinte só para eles, dando o pontapé para criarem lembranças e tradições natalinas só deles.

Lucy estava pronta para isso. Pronta para incorporar os fantasmas de seus Natais anteriores ao seu presente e futuro. Pronta para abrir seu coração à época mágica de se doar, a qual ela outrora adorara tanto, tanto... e então seguir, modelando-a, mudando-a, moldando-a em algo que era só dela, e de Ross, e da família deles.

– Não é que eu não os ame...

– É só porque o dia de amanhã é tão especial – respondeu ela.

Muito especial. Não só porque era o primeiro Natal deles na nova casa. Não só porque era o primeiro Natal desde que haviam se casado no ano anterior, no dia de Natal. Não só porque ainda eram loucamente apaixonados e tão incrivelmente felizes. Nem mesmo porque Lucy havia voltado a ser fã do Natal.

Não, eles estavam contentes por estar a sós porque ambos queriam saborear e se regozijar no presente antecipado que tinham recebido dez dias antes. Bem, na verdade, dois presentes.

Ambos estavam dormindo no andar de cima, em berços combinando, um usando um cobertorzinho azul, e outro, rosa. Scott e Jennifer, Jenny, cujos nomes eram homenagens aos avós que eles nunca iriam conhecer.

Quando Ross sugerira os nomes, Lucy pensou que fosse ficar desnorteada. Não de tristeza, mas por saber o quanto seus pais ficariam felizes por vê-la tão profundamente apaixonada por um homem tão incrível.

Aquilo, Lucy sabia, era o maior presente de Natal que ela poderia ganhar. E ela estaria recebendo aquele presente todos os dias, pelo restante de sua vida.



flor da pele

BLACKOUT JENNIFER LABRECQUE

Ela apoiou a cabeça no ombro dele, mas continuava a encarar o espelho. Sabia que não deveria desviar o olhar. Toda vez que parava de olhar, ele parava de tocá-la... e o toque dele a deixava louca. E, sim, ficar olhando para o espelho deixava tudo tão mais intenso, tão mais quente. Os olhos insondáveis dele encontraram os dela no reflexo. Ela, no colo dele, as costas tocando o peito dele, as pernas abertas. Ele tocou entre as coxas dela e os dedos longos a entreabriram, descerrando-a para seu toque e seu prazer. Os dedos dele eram bronzeados de encontro à pele nua e rosada, deslizando por sua abertura ávida... ah, sim... era tão bom... por favor, não pare... de olhar... de desejar... ah, estou quase lá...

O toque estridente do telefone no criado-mudo destruiu o momento, arracando-a do sonho. Com o corpo tenso, as coxas úmidas, Tawny tateou para achar o aparelho.

– Alô.

– Você estava cochilando? – disse Elliott, a voz normalmente alegre soando um pouco forçada. É claro, ela podia simplesmente estar transferindo a tensão que se prolongava por estar à beira do orgasmo durante o sonho. Ou poderia ser Elliott a criticando, o que parecia ocorrer com cada vez mais frequência. Era quase como passar um tempo com os pais dela.

– Hum... – Como planejadora de eventos para um grupo de advogados na área central de Manhattan, Tawny não trabalhava de 9h às 17h, de segunda a sexta. – Ontem foi o coquetel para os clientes alemães, lembra-se? E depois os sócios tiveram um café da manhã adorável às 6h30 de hoje. Era exatamente o que eu queria fazer, me arrastar da cama às 4h30 de um sábado. De qualquer modo, não há nada de errado em tirar uma soneca à tarde. – A excitação sexual intensa e a culpa conferiam um tom rouco à voz dela. – Você trabalhou até tarde ontem à noite? – Elliott investia uma quantidade incrível de horas em sua galeria de arte, mas valia a pena por causa da reputação e da clientela crescentes.

– Tarde o bastante. – Ele soou estranhamente conciso.

Talvez fosse só impressão de Tawny mesmo. Estava tão tensa e tão desejosa que sentia vontade de chorar. Ou de chegar ao êxtase. Ela deveria rir e confessar ao futuro marido que havia acabado de ter o

sonho erótico mais incrível e que ainda precisava chegar ao ápice desesperadamente, e então pedir a ele para ajudá-la.

Em outras épocas, teria considerado que o relaxado e descontraído Elliott se renderia a uma rodada vespertina de sexo por telefone e a levaria ao orgasmo. Mas não tinha mais tanta certeza assim. Ultimamente, ele não andava nem relaxado, nem descontraído. E se em algum momento ela revelasse que não era ele abrindo suas coxas e levando-a ao clímax nos sonhos? E se o cara com quem ela concordara em se casar “até que a morte nos separe” não fosse capaz de retomar de onde o sonho tinha parado e levá-la àquele lugarzinho mágico?

Ele continuou a falar, e a oportunidade se foi:

– Pensei em dar uma passadinha aí depois que a galeria fechar, no início da noite.

– Tudo bem, contanto que você traga o jantar e fiquemos em casa. – Se ele ligou tão tarde, ela com certeza não ia cozinhar. Elliott era mais adepto de boates e de sair para ser visto por aí do que ela. Uma noite tranquila em casa cairia bem para Tawny.

– Tudo bem se ficarmos em casa. Eu preciso conversar com você.

Tawny se apoiou sobre o travesseiro. Ela e Elliott conversavam frequentemente, mas quando alguém anunciava que precisava conversar...

– O quê?

– É complicado demais para falar por telefone.

PRÓXIMO LANÇAMENTO

 HARLEQUIN®

Edição
6

 flor
da pele

BLACKOUT

jennifer labrecque

Onde vocês estavam quando as luzes se apagaram?

Se não fosse o blackout, Tawny jamais teria revelado para Simon as fantasias mais pecaminosas com ele que passavam pela cabeça – e pelo corpo – dela. Além de ser o melhor amigo de Elliott, seu noivo, ela achava que Simon a desprezava, certo? Também se não fosse pelo blackout, Simon nunca teria a chance de passar a noite com uma mulher que despertara seu desejo mais profundo desde que a conheceu. Antes, porém, ele precisa contar para ela algumas indiscrições do homem com quem está comprometida... As revelações não abalam Tawny tanto assim, e Simon está mais do que preparado para curar qualquer mal com um beijo... Afinal, ambos não teriam cedido à tentação de tornar suas fantasias realidade de não fosse aquele apagão. Mas será que o encanto vai durar após o amanhecer e a chegada de Elliott?

 HARLEQUIN®

Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)

[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

www.harlequinbooks.com.br

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: IT HAPPENED ONE CHRISTMAS

Copyright © 2011 by Leslie A. Kelly

Originalmente publicado em 2011 por Harlequin Blaze

Arte-final de capa:

Ô de casa

Arquivo ePub produzido pela Ranna Studio

ISBN: 978-85-398-1093-2

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa
Teaser
Querida leitora
Rosto
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Epílogo
Próximos lançamentos
Créditos